



Fé em face da **APOSTASIA**

O EVANGELHO SEGUNDO ELIAS E ELISEU

RAYMOND B. DILLARD



Fé em face da apostasia – O evangelho segundo Elias e Eliseu © 2011, Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado com o título *Faith in the face of apostasy – The gospel according to Elijah & Elisha*, Raymond B. Dillard ©1999, por Ann Dillard. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O. Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

1ª edição – 2011 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Ageu Cirilo de Magalhães Jr.
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fabiano de Almeida Oliveira
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial

Tradução

Jonatas Botelho

Revisão

Claudete Água de Melo

Sandra Couto

Sebastiana Gomes de Paula

Editoração

Lidia de Oliveira Dutra

Capa

Magno Paganelli

D5782f Dillard, Raymond B.

Fé em face da apostasia—o evangelho segundo Elias e Eliseu / Raymond B. Dillard; traduzido por Jonatas Botelho. _São Paulo: Cultura Cristã, 2011

128 p.

Tradução de Faith in the face of apostasy – the gospel according to Elijah & Elisha

ISBN 978-85-7622-388-7

1. Cristo no Antigo Testamento 2. Estudo Bíblico 3. Vida Cristã I. Título

CDD 248



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

0800-0141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Este livro é dedicado a

Rusty Anderson

Union Springs, Alabama

Jack Armstrong

Wilmington, Delaware

Brian Bankard

Baltimore, Maryland

– irmãos que ouvem a palavra de Deus
e a praticam. (*Lc. 8.21*)

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	6
<i>1. Os cristãos e o Antigo Testamento</i>	9
<i>2. O Senhor, nosso provedor</i>	20
A. Linhagem e provisões (1Rs 17.1-6)	21
B. Fome e fé (1Rs 17.7-16)	26
C. Agora eu conheço (1Rs 17.17-24)	31
<i>3. Javé versus Baal: A disputa final</i>	36
A. Confronto e encobrimento (1Rs 18.1-15)	36
B. Idolatria em meio à provação (1Rs 18.16-46)	41
<i>4. Outras aventuras de Elias, o servo do Senhor</i>	47
A. Um segundo Moisés visita a montanha de Deus (1Rs 19.1-18)	47
B. O herdeiro e sucessor de Elias (1Rs 19.19-21)	53
<i>5. Elias versus os reis</i>	58
A. “Lâmpadas novas por velhas” (1Rs 21)	58
B. Os pecados do pai (2Rs 1)	64
<i>6. Eliseu, o sucessor de Elias</i>	70
A. Passar o manto (2Rs 2.1-18)	70
B. Uma história de duas cidades (2Rs 2.19-25)	75
<i>7. Déjà vu</i>	80
A. A viúva pobre de um profeta (2Rs 4.1-7)	80
B. Uma família em Suném (2Rs 4.8-37)	83
<i>8. Mais milagres</i>	89
A. Duas refeições (2Rs 4.38-44)	89
B. O banho de Naamã (2Rs 5)	93
<i>9. Deus nas pequenas e grandes coisas</i>	101
A. O machado de ferro que flutuou (2Rs 6.1-7)	101
B. Senhor, abre nossos olhos (2Rs 6.8-23)	106

10. <i>O poder de Deus e o poder do profeta</i>	111
A. Um cerco e um filho (2Rs 6.24-7.2).....	111
B. O sofrimento dos desabrigados (2Rs 8.1-6)	115
11. <i>A morte de Eliseu</i>	120
A. Flechas e erros (2Rs 13.10-19).....	120
B. Podem estes ossos viver? (2Rs 13.20-21)	123
 <i>Notas</i>	 127

PREFÁCIO



No início da minha adolescência, quando comecei a ler a Bíblia com seriedade, sempre tive dificuldades com o Antigo Testamento. Eu nunca tinha certeza de ter entendido. Gostava das histórias. Elas estavam repletas de personagens com os quais me identificava. Eu podia ver pequenas partes de mim na vida deles: suas tentações e falhas eram parecidas com as minhas e elas me advertiam. A coragem e fidelidade que demonstravam era um exemplo a seguir. Mas eu poderia encontrar exemplos semelhantes de fracassos e coragem nos jornais a cada manhã ou num bom livro. Porém, essa era a razão pela qual essas histórias estavam ali? Eles estavam ali apenas para me dar um exemplo?

Meu verdadeiro caso de amor com o Antigo Testamento começou uma década mais tarde, quando alguns dos meus professores do Westminster Theological Seminary me ensinaram como ler as histórias da Bíblia de maneiras mais enriquecedoras. Essas histórias retratam princípios da sabedoria sobre a vida, mas o propósito da Bíblia é muito mais para revelar Deus para nós – para nos mostrar o que ele é, como é, e o que ele fez. Quando lemos as histórias bíblicas, nossa leitura precisa levar em consideração o porquê de Deus ter se revelado na Bíblia e o que ele está nos mostrando sobre si mesmo. A Bíblia não é antropocêntrica, ela é teocêntrica.

Mas qual será a melhor maneira de conhecer a Deus? Como cristão, sei que a melhor maneira em que posso conhecer a Deus é em Jesus, o Messias. Jesus é “o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3). Foi por meio dele que o mundo foi feito, e ele é a soma daquilo que os profetas disseram (vs. 1-2). Para mim, havia ainda mais um passo a dar: o de entender como o Deus que conheci no Antigo Testamento era o mesmo Deus que conheci em Jesus. Eu queria começar

a ler o Antigo Testamento de uma maneira cristocêntrica. Não encontramos um Deus novo e diferente quando viramos a página em branco entre Malaquias e Mateus. Jesus, que esteve presente na criação “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (13.8). Podemos ler o Antigo Testamento de uma maneira que nos oriente na direção de Jesus, de modo que realce a sua bondade e graça, bem como sua segunda vinda? Será que conseguimos ver, nas maneiras em que Deus tratou com o antigo Israel, como ele dava claros sinais de sua futura autorrevelação para nós em Cristo?

Essa vontade de ler o Antigo Testamento de modo cristocêntrico deu o impulso necessário para a elaboração deste livro sobre as narrativas de Elias e Eliseu em 1 e 2 Reis. Eu não queria escrever um livro sobre hermenêutica (princípios de interpretação) ou um livro sobre teologia bíblica (a autorrevelação de Deus através da história) ou um comentário sobre essas narrativas. Em vez disso, queria escrever um livro que pudesse ajudar outros a aprender, pelo exemplo, algumas formas de leitura do Antigo Testamento que irão nutrir diretamente sua fé e seu crescimento como cristãos.

Este livro tem a assumida intenção de nutrir a fé e estimular a adoração. Na verdade, ele tem três tipos de público em mente – a pessoa individual, o líder de estudo da Bíblia ou professor de escola dominical para adultos e o pastor. O livro está dividido em onze capítulos; depois de um capítulo introdutório, cada um dos subsequentes contém duas ou três seções, cada uma delas dedicada a um acontecimento na vida de Elias ou Eliseu. (Observe que 1Rs 20; 22; 2Rs 3; 7.3-20; 8.7-13.9 não são estudadas porque essas passagens não mencionam Elias ou Eliseu ou os menciona apenas tangencialmente.) Este livro pode ser utilizado das seguintes maneiras:

1. *Como um guia para leitura devocional.* Cada capítulo é mantido relativamente curto, para que ele possa ser lido juntamente com as passagens bíblicas como parte da adoração pessoal.
2. *Como um texto para um pequeno grupo de estudo da bíblia.* Cada capítulo termina com algumas perguntas para incentivar a reflexão e a discussão.

3. *Como uma ajuda para a preparação de sermões.* O Antigo Testamento é incrivelmente rico e emocionante – você não acha que, durante o culto da igreja, deveríamos ouvir falar mais sobre esses quase três quartos das Escrituras? Exemplos para a aplicação em nossos dias são intercalados ao longo de cada seção.

Nenhum livro é escrito num vácuo. Há um grupo de pessoas às quais quero expressar os meus sinceros agradecimentos. Já faz alguns anos que ministro um curso sênior de Homilética no Westminster Seminary. Nesse curso, os alunos devem preparar sermões sobre narrativas do Antigo Testamento, e durante os anos que tenho dado esse curso, as histórias de Elias e Eliseu foram os textos que escolhi para eles. Isso significa que eu mesmo já ouvi dezenas e dezenas de sermões sobre essas passagens e tive o privilégio de falar com os alunos sobre seus sermões durante muitas horas, tanto enquanto eles desenvolviam seus pensamentos como em entrevistas depois de eles terem pregado na sala de aula. Cada professor aprende muito mais com os seus alunos do que eles mesmos imaginam. Eu tenho uma grande dívida para com os homens que têm compartilhado comigo seu encontro com o Deus de Elias e Eliseu.

Depois que terminei um rascunho deste volume, a Sra. Karen Jobes, então uma candidata a Ph.D. e instrutora de grego no seminário Westminster, teve a bondade suficiente de ler os capítulos e oferecer sugestões para as perguntas e orações no final de cada capítulo. Suas sugestões foram por demais úteis para mim.

Experimento a bondade, a sabedoria e a graça de Deus mais profundamente, no meu dia a dia, por meio da minha esposa, Ann, e de nossos três filhos, Joel, Jonathan e Joshua. Eles fazem parte deste livro em muitas maneiras além do incentivo abundante e da paciência que me demonstram.

O livro é dedicado a três homens que nunca conheceram um ao outro, mas cada um deles foi um dos grandes presentes de Deus para mim. Como se pode medir o valor dos amigos? Esses homens são como irmãos para mim, e dou graças a Deus por eles.

1

OS CRISTÃOS E O ANTIGO TESTAMENTO



Compreender a relação entre o Antigo e o Novo Testamento é talvez a chave mestra que abre a porta para a compreensão da Bíblia. Porém, com muita frequência, alguns cristãos se sentem desorientados durante a leitura do Antigo Testamento. De algum modo, ele parece menos relevante para a vida deles do que o Novo Testamento. Afinal, nós somos cristãos, e é o Novo Testamento que nos fala direta e claramente sobre Jesus Cristo, nosso Salvador. O Antigo Testamento parece não só menos relevante, mas também culturalmente mais distante do que o ambiente social que encontramos no Novo Testamento. Quando os cristãos fazem a leitura do Antigo Testamento, encontram muitos gêneros literários que são bastante diferentes da nossa experiência diária. Não costumamos ler códigos de leis, oráculos contra nações estrangeiras ou poesia sem rima. De maneiras quase subliminais, o Antigo Testamento parece comunicar aos leitores cristãos da atualidade: “Estas coisas não foram escritas para você. Era para um mundo diferente. Elas vão ser difíceis de ler e difíceis de compreender”.

E quando resolvemos ler o Antigo Testamento, a maioria de nós se sente mais em casa com suas histórias. Nós nos identificamos com os personagens em suas lutas e tentações e com o emaranhado entrelaçado de pecado e obediência, sucesso e fracasso, que encheu os dias das pessoas cujas vidas são relatadas. Porém, mesmo quando lemos uma história com a qual podemos nos identificar facilmente em termos de nossa própria experiência, ainda há a dúvida lancinante, “É realmente só isso? É realmente só isso que devo aprender dessa passagem?”.

Às vezes, até mesmo as histórias são desconcertantes. Tomemos como exemplo as narrativas de Elias e Eliseu. Pensamos instintivamente que é quase um exagero do uso do poder de Deus utilizar esse poder para fazer um machado de ferro flutuar na água (2Rs 6.1-7) ou para melhorar o sabor de uma sopa (4.38-41). Essas coisas não fazem com que Deus pareça um mágico de espetáculo? O que elas nos dizem sobre Deus quando ele envia ursos para despedaçar crianças que insultaram um profeta (2.23-25)? E por que Deus fica sentado de braços cruzados quando seu povo chega ao ponto desesperante do canibalismo (6.24-7.2)?

O resultado final é que os cristãos tendem a ficar pouco à vontade e pouco familiarizados com o Antigo Testamento. E isso é realmente lamentável. O Antigo Testamento conforma praticamente três quartos da Bíblia, e é de vital importância para os cristãos por inúmeras razões.

1. O Antigo Testamento faz parte do cânone cristão. É a palavra de Deus não apenas para Israel, mas também para nós. Se quisermos saber tudo o que pudermos sobre Deus e seus propósitos para a história e nossa própria vida, não podemos negligenciar a maior parte da Bíblia e esperar chegar muito longe.
2. O Antigo Testamento tem uma enorme influência sobre o Novo. Quanto mais estudamos o Novo Testamento, mais reconhecemos essa influência. A Bíblia de Jesus era o Antigo Testamento, e o Novo Testamento foi escrito por judeus que eram versados nas Escrituras Hebraicas. Os apóstolos continuamente recorriam ao Antigo Testamento para verificar e reforçar o seu testemunho sobre Jesus Cristo; eles o citavam e faziam alusões aos seus temas. Mesmo que nosso objetivo fosse o de apenas conhecer melhor o Novo Testamento, nós não poderíamos ir muito longe sem dedicar atenção ao Antigo Testamento.
3. O Antigo Testamento revela Jesus para nós. Como cristãos, tendemos a pensar que aprendemos mais sobre o nosso Salvador a partir do Novo Testamento, mas o próprio Jesus nos convida a aprender sobre ele no Antigo Testamento (Lc 24.27, 44). Pedro disse que todos os profetas, de Samuel em diante, falaram dos dias e acontecimentos em torno da vida de Jesus (At 3.24). O Antigo

Testamento é tão importante como livro cristão quanto é o Novo Testamento.

O Deus que se revelou a Israel é o mesmo Deus que foi encarnado em Jesus. Ele, “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb. 13.8). Seu caráter e seus atributos, sua misericórdia, graça e santidade, são os mesmos para o novo Israel, que é a igreja, como eram para o antigo Israel. O caráter e os atributos de Deus não sofreram mudanças entre os dois Testamentos.

Neste pequeno volume, é nosso objetivo ler o Antigo Testamento de modo que apreciem a unidade que existe entre o mesmo e o Novo. Queremos aprender com as narrativas de Elias e Eliseu, mas também pretendemos ver como essas histórias nos levam adiante em direção à fé em Cristo.

Abordagens representativas

É possível, e até mesmo necessário, ler essas histórias de pontos de vista diferentes. Há pelo menos três diferentes horizontes históricos e literários que se cruzam nas narrativas de Elias e Eliseu.

1. O pano de fundo histórico dos acontecimentos: quando as histórias aconteceram.

AS DINASTIAS DE ONRI E JEÚ

I. Onri

- A. Onri, 885-874 a.C.
- B. Acabe, 874-853 a.C.
- C. Acazias, 853-852 a.C.
- D. Jeorão, 852-841 a.C.

II. Jeú

- A. Jeú, 841-814 a.C.
- B. Jeoacaz, 814-798 a.C.
- C. Jeoás, 798-782 a.C.
- D. Jeroboão II, 793-753 a.C.
- E. Zacarias, 753-752 a.C.

A história de Elias e Eliseu abrange o período entre o segundo quarto do século 9º. e o primeiro quarto do século 8º. a.C. Esses dois profetas atuaram ativamente no reino do Norte durante as dinastias de Onri e Jeú.

Ouvimos falar pela primeira vez em Elias durante o reinado de Aca-be (1Rs 17.1); Eliseu morreu durante o reinado de Jeoás (2Rs 13.20). Grande parte dos acontecimentos importantes dessas histórias acontece no contexto do reinado de Acabe e sua notória esposa, Jezabel.

Antes desse período, Israel se encontrava constantemente em risco de assimilar gradualmente a influência das religiões cananeias na adoração do povo a Javé.¹ Santuários cananeus haviam proliferado na Terra Prometida antes da conquista israelita, e as práticas religiosas dos cananeus ameaçavam continuamente se infiltrar e adulterar a adoração adequada de Deus, apesar das vigorosas advertências da Lei e dos profetas. O reino do Norte já tinha se desviado para esse rumo desde o seu início. Pouco depois da divisão do reino unido sob Davi e Salomão, o primeiro rei no Norte, Jeroboão, reabilitou os santuários cananeus e introduziu o culto a Javé sob o símbolo de um touro (1Rs 12.25-33). O Deus que chamou Israel à existência exigia a fidelidade exclusiva da nação. Seu primeiro mandamento foi que Israel não tivesse outros deuses (Êx 20.3). Israel estava sempre correndo o risco de perder essa antítese entre o seu Deus e todos os outros embusteiros.

No entanto, durante o reinado de Onri, houve uma notável mudança na política real religiosa do reino do Norte. Onri estivera procurando uma aliança comercial e política com Tiro, a fim de ganhar uma parte do comércio lucrativo que circulava nesse porto mediterrânico e para obter um aliado contra as ameaças de um inimigo tradicional no Norte, os sírios em Damasco. Alianças desse tipo eram frequentemente seladas, no Antigo Oriente Próximo, por meio de um casamento diplomático, no qual um membro de uma família real se casaria com um membro da outra (comp. 1Rs 11.1-4). Onri selou sua aliança com Etbaal de Tiro arranjando o casamento de seu filho Acabe com Jezabel, princesa de Tiro. Quando chegou a Israel, Jezabel não ficou satisfeita em adorar sua divindade em particular (1Rs 16.32). Ela procurou eliminar a adoração a Javé de Israel e substituí-la pela adoração a divindades estrangeiras. Jezabel incluiu em sua comitiva 450 profetas de Baal e quatrocentos profetas de Asera, a rainha-mãe dos deuses (1Rs 18.19). Sob o reinado de Acabe e seus sucessores na dinastia, e devido em grande parte à tutela e à influência de Jezabel, a vida religiosa do reino do Norte tornou-se uma guerra entre a dinastia reinante, que promovia a

adoração a Baal, e aqueles que defendiam a fé ancestral de Israel em Javé. Jezabel, no seu relacionamento com Acabe, parece quase ter escolhido para si o papel de Anat, a deusa guerreira e caprichosa que era a consorte de Baal.

Baal era adorado sob vários nomes através do antigo Oriente Próximo. O Baal que Jezabel provavelmente introduziu foi Baal-Melqart de Tiro. As descobertas arqueológicas melhoraram em muito o nosso conhecimento sobre o baalismo. Os textos mitológicos descobertos nas ruínas da antiga Ugarit foram especialmente úteis. Ugarit foi uma cidade ao norte de Tiro, na costa do Mediterrâneo, que floresceu entre 1400 e 1200 a.C. Nos textos lá descobertos, Baal era representado como uma divindade da natureza, cuja função principal e competências no panteão abrangiam o clima e a fertilidade. Baal era o deus da tempestade; era chamado de “cavaleiro das nuvens”. Ele foi muitas vezes retratado com um raio na mão, e o trovão era identificado como sua voz. A antiga Sírio-Palestina era uma sociedade agrária, e porque Baal era quem mandava as chuvas, ele era adorado para assegurar a fertilidade da terra e da produção de cereais. Uma vez que toda a vida naquela região estava ligada à fertilidade da terra, não é difícil ver por que era tão tentador para Israel adorar a Baal. Para descrever o impacto do baalismo em Israel, Oseias comparou Israel a uma mulher adúltera, que disse: “Irei atrás de meus amantes, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas” (Os 2.5, cf. 2.2-13). Pelo fato de a fertilidade da terra ser atribuída a Baal, ele era habitualmente associado a motivos de vida, cura e morte.

A mitologia ugarítica ligava o ciclo de vida de Baal com o ciclo das culturas anuais: Baal era derrotado pelo deus Mot (“morte”) e, como resultado, as plantas morriam e a terra se tornava improdutiva. Então, depois de uma batalha em que sua consorte, Anat, desempenhava um papel proeminente, Baal retornava vitorioso no outono, cujas chuvas assinalavam o seu regresso ao restabelecer a fertilidade da terra.

Entender um pouco sobre o baalismo que estava tomando conta de Israel no século 9º a.C., nos ajuda a entender as histórias de Elias e Eliseu com um foco mais nítido. Repetidas vezes, os princípios teológicos do culto a Baal foram desafiados por esses profetas. Javé iria demonstrar por meio deles que ele mesmo era o verdadeiro doador da vida, da chuva e da fertilidade, e que Baal não era nada. Voltaremos a esses temas na medida em que forem relevantes nos capítulos que se seguem.

2. *O pano de fundo histórico do autor: quando as histórias foram escritas.* Embora as histórias de Elias e Eliseu tenham se desenrolado em grande parte no século 9º a.C., esse não foi o período em que viveu o autor do livro dos Reis (que posteriormente foi dividido em dois livros, 1Reis e 2Reis). O livro dos Reis é anônimo. Sabemos que o autor usou muitas fontes para escrever sua história, e o desenvolvimento literário do livro pode ser considerado bastante complexo. O editor/escritor final deve ter vivido em um momento posterior aos últimos acontecimentos que ele relata. O livro termina registrando a libertação de Joaquim da prisão na Babilônia durante o reinado de Evil-Merodaque (562-560 a.C.) (2Rs 25.27). Uma vez que o escritor não relata o retorno do cativo para Jerusalém, ele provavelmente viveu durante a última parte do exílio babilônico, ou seja, em algum momento entre os anos 560 e 540 a.C.

É importante que os leitores de hoje em dia perguntem sobre as histórias de Elias e Eliseu, não só no sentido do significado histórico dos acontecimentos que relatam, mas também em termos de sua função literária no livro dos Reis. Por que o autor escolheu incluir esse material em seu relatório? Como é que essas histórias se encaixam com a finalidade e interesse do livro como um todo? De que maneira elas foram relevantes para o escritor durante o período de exílio babilônico?

O livro de Reis é com frequência chamado de “História deuteronomica”. Isso porque o escritor optou por um conjunto de leis únicas ao Deuteronômio, para fornecer uma perspectiva a partir da qual ele avaliou a história de Israel. O Deuteronômio adverte a nação israelita sobre a sedutora ameaça das religiões e dos deuses estrangeiros que eles encontrariam uma vez que entrassem na Terra Prometida; o livro dá muita importância ao fato de que religiões estrangeiras não deveriam estar presentes entre os israelitas (Dt. 12.1-3, 29-32). Durante o cativeiro de Israel na Babilônia (586-539 a.C.), a nação foi uma vez mais confrontada com as sedutoras doutrinas das religiões e dos deuses estrangeiros. Para o escritor de Reis, essas histórias sobre Israel seguindo religiões estrangeiras, no passado, poderiam fornecer um lembrete relevante de que, apesar das aparências, os deuses estrangeiros nada mais eram que uma ilusão.

Você já notou a quantidade desproporcional de atenção dada no livro de Reis às histórias de Elias e Eliseu? A maior parte de 15 dos 47 capítulos totais do livro (1Rs 17–2Reis 9) acompanham a vida desses dois profetas. Quase um terço da história acontece num período de aproximadamente 80 anos, durante os quais eles viveram, mesmo que o livro em si abranja mais de 400 anos. Muitos outros profetas são mencionados no livro

dos Reis, mas apenas nesse trecho as histórias proféticas e os milagres se agrupam com tanta frequência. O livro dos Reis, mais uma vez seguindo a sugestão de Deuteronômio (18.9-22), está muito preocupado com o poder e o cumprimento das palavras dos profetas. Os profetas que sucederam Moisés também deveriam realizar sinais e maravilhas (Dt 34.10-12). E suas palavras também iriam se cumprir (Dt 18.21-22).

O Deuteronômio também autorizou Israel a instituir um rei (Dt 17), e a “História deuteronômica” (Josué-Reis) acompanha a história dessa instituição. O rei era responsável por manter a orientação religiosa básica da nação (Dt 17.18-20), e o bem-estar da nação estava ligado diretamente à sua fiel obediência à lei divina. A seção inteira das narrativas de Elias e Eliseu começa pela declaração de que o rei Acabe tinha ultrapassado todos os outros reis em sua maldade (1Rs 16.30-33), e o escritor de Reis utiliza as histórias de Elias e Eliseu para ilustrar esse fato. Uma vez que a continuação de uma dinastia estava diretamente ligada à sua fidelidade a Deus (Dt 17.20), o escritor de Reis faz questão de ressaltar a maldade de Acabe e seus sucessores e demonstra como o seu reinado terminou com o golpe de Estado levado a cabo por Jeú (2Rs 9-10). A ênfase no baalismo termina finalmente com a destruição dos ministros e sacerdotes de Baal (2Rs 10.18-31).

O escritor de Reis está muito preocupado em demonstrar que Deus governa sobre reis e reinos, e que ele mesmo os levanta ou depõe, segundo ele julga apropriado. Do seu ponto de vista no século 6º. a.C., o escritor do livro do Reis mostra também como Deus pode mandar julgamento e exílio tanto para o reino do Norte (722 a.C.) como para o reino do Sul (586 a.C.). Do mesmo modo, o mesmo Deus que tinha levantado os exércitos babilônicos que destruíram Jerusalém, também poderia derrubar o reino babilônico.

As histórias de Elias e Eliseu têm uma atmosfera um tanto diferente da maioria restante do livro dos Reis, em grande parte porque elas se concentram bastante na vida desses dois profetas, enquanto as histórias dos outros profetas são mais esporádicas e menos estendidas no restante do livro. Não podemos saber ao certo que fontes de informações sobre Elias e Eliseu estiveram disponíveis para o compilador do livro dos Reis. É possível, no mínimo, que um defensor das reformas empreendidas por Jeú reunira todas as histórias sobre Elias e Eliseu numa única narrativa, com a finalidade de mostrar as péssimas condições em que se encontrava o reino de Israel durante a dinastia Onriana, e para explicar e justificar o

golpe de estado dado por Jeú e a consequente destruição do culto a Baal (2Rs 10.16-31).

3. *Interpretações bíblicas posteriores: Mateus por exemplo.* A primeira pessoa que lê um texto depois de ele ter sido escrito, dá início ao processo de sua interpretação. Autores bíblicos posteriores eram bastante familiarizados com as histórias de Elias e Eliseu, e também usaram esses relatos para instruir as gerações futuras. Eles fizeram uma variedade de deduções e encontraram ilustrações neles que puderam aplicar às necessidades do seu próprio público.

É de fato surpreendente que o Antigo Testamento termine com uma recordação de Elias e proclamando que ele viria novamente (Ml 4.5-6). Os escritores dos Evangelhos também fizeram frequentes referências a nossos dois profetas. Teremos ocasião de refletir sobre a maior parte desses materiais em breves meditações mais adiante neste livro. No entanto, antes de passar para as narrativas individuais, faremos uma pausa para examinar como Mateus, particularmente, utilizou as histórias de Elias e Eliseu. Considerando que Mateus escreveu sobre a vida de Jesus, e que frequentemente fez uso dessas histórias do livro dos Reis, seus exemplos podem proporcionar uma estrutura para os cristãos que desejam relacionar o Antigo Testamento com o Novo e com suas próprias vidas.

Mateus traça paralelos entre as vidas de Elias e Eliseu e a vida de João Batista e Jesus. Ele apresenta João como o cumprimento da profecia de Malaquias de que Elias voltaria (Ml 4.5), e ele apresenta Jesus como o novo Eliseu.² Os judeus da época de Jesus, aparentemente, esperavam que Elias aparecesse literal e fisicamente do túmulo, e assim, quando João Batista foi perguntado se ele era Elias, respondeu: “Não sou” (Jo 1.21). Pelo menos no início de seu ministério, João Batista não parecia estar ciente de que ele estava cumprindo o papel do Elias esperado. Por outro lado, Jesus descreveu João como sendo “Elias, que estava para vir” (Mt. 11.14; cf. 17.12), e Mateus faz uma digressão para demonstrar como podia ser isso:

- a. Elias era conhecido pelo seu estilo diferente de se vestir. Quando Acázias enviou mensageiros para consultar a Baal-Zebube, o deus de Ecrom, os seus mensageiros encontraram uma figura misteriosa, que os mandou de volta para o rei. Quando o rei perguntou aos mensageiros, “Qual era a aparência do homem que vos veio ao encontro?” os mensageiros

responderam, “Era um homem vestido de pêlos, com os lombos cingidos de um cinto de couro” (2Rs 1.7-8). O rei soube imediatamente, a partir dessa brevíssima descrição, que seus mensageiros tinham se encontrado com Elias. Mateus apresenta João Batista no início de sua pregação dizendo: “Usava João vestes de pêlos de camelo e um cinto de couro” (Mt 3.4). Essa roupa incomum lembrava Elias.

- b. Tanto Elias como João Batista enfrentaram um poder político hostil ao longo de suas vidas. Particularmente, o principal oponente de ambos foi uma mulher na corte real que procurava tirar-lhes a vida. Para Elias, foi Jezabel (1Rs 19.2, 10, 14); para João, foi Herodias (Mt 14.3-12).
- c. Tanto Elias como João Batista ungiram seus sucessores no rio Jordão. (1) Em ambas as ocasiões, os céus se abriram e os participantes viram um objeto voador descer dos altos. Elias e Eliseu viram um carro de fogo (2Rs 2.11-12); João e Jesus viram uma pomba (Mt 3.16). (2) No Antigo Testamento, o espírito de Deus é muitas vezes o Espírito de profecia; aquele que tivesse dentro de si o Espírito estava habilitado a cumprir o seu chamado. Enquanto cinquenta outros profetas esperavam nas proximidades, Eliseu pediu uma “porção dobrada” do Espírito que estava sobre Elias (2Rs 2.9). A porção dobrada era a herança dada ao filho primogênito; o pedido especial de Eliseu o colocaria num patamar diferente de todos os outros profetas. Quando João viu o espírito descer como uma pomba sobre Jesus, ele ouviu as palavras, “Este é o meu filho amado” (Mt 3.17), o filho primogênito do próprio Deus, aquele colocado num patamar diferente de todos os outros. Elias foi o precursor de Eliseu, assim como João Batista foi o de Jesus. Lucas observa ainda o seguinte: quando o nascimento de João Batista foi predito a seu pai Zacarias, o anjo Gabriel disse que João iria “adiante do Senhor, no espírito e poder de Elias”, e que João iria cumprir a missão atribuída por Malaquias a Elias, “para converter o coração dos pais aos filhos” (Lc 1.17, cf. Ml 4.6).

d. O teste para saber se Eliseu realmente se tornaria o sucessor de Elias foi, “se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não me vires, não se fará” (2Rs 2.10). A questão, na verdade, era se Eliseu seria ou não admitido pelo conselho celestial e autorizado a ver o que estava dentro da nuvem de glória (cf. 23.18-19). Jesus, como Eliseu, viu Elias na glória celeste, no monte da Transfiguração (Mt 17.2-3).

e. Provavelmente, nenhuma seção do Antigo Testamento é tão abundante em milagres como a narrativa de Eliseu. Deus, ao dar a Eliseu porção dobrada do Espírito que ele pedira, demonstra o poder que deu ao profeta e ao mesmo tempo, por meio dos milagres que acompanharam o ministério de Eliseu, dava testemunho da mensagem que o profeta proclamava. Do mesmo modo, os milagres também abundaram quando o próprio Deus testemunhou do ministério de seu próprio filho (Hb 2.3-4).

A aparição de Elias serviria para introduzir “o grande e terrível Dia do SENHOR” (Ml 4.5), o dia em que Deus iria julgar o mal, mas ao mesmo tempo protegeria e preservaria o seu povo. Enquanto João estava na prisão, ele ouviu que Jesus estava pregando e ensinando na Galileia. Então, João enviou mensageiros para perguntarem a Jesus, “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?”; Jesus respondeu aos discípulos de João dizendo: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11.2-5). Essa lista é, em grande parte, uma lista dos milagres de Eliseu, que restaurou a vista aos cegos (2Rs 6.18-20), curou um leproso (Cap. 5), ressuscitou mortos (4.32-37; 8.4-5; 13.21) e anunciou boas-novas aos necessitados (4.1-7; 7.1-2; 5.8). Essa lista combina os milagres de Eliseu com os milagres do prometido Servo do Senhor (Is 61.1-3). Jesus estava, na verdade, dizendo a João: “O sucessor de Elias chegou. Eu sou aquele que você está procurando”. João Batista era de fato o arauto do qual Isaías havia dito que prepararia o caminho para a vinda do servo de Deus (Is 40.3; Mt 3.3); João Batista era Elias, o precursor de um profeta ainda maior.

Mateus identificou esses paralelos entre Elias e João, e entre Eliseu e Jesus. Ao fazer isso, Mateus forneceu uma das muitas correntes de interpretação com as quais os cristãos podem ler essa porção do Antigo Testamento. Outros escritores do evangelho usaram as narrativas de Elias e Eliseu de maneiras igualmente criativas e úteis, as quais iremos comentar à medida que estudarmos as histórias individuais. Por exemplo, o próprio livro dos Reis manifesta alguns paralelos entre Elias e Moisés, que estão descritos no capítulo em que discutiremos 1Reis 19.1-18. Mais tarde, os autores bíblicos também emparelharam Elias e Moisés em referência ao dia do Senhor (Ml 4.4-5), no monte da Transfiguração (Mt 17.3-4; Mc 9.4-5; Lc 9.30-33) e no Apocalipse (Ap 11.3-6). Moisés representava a Lei, Elias representava os profetas; e na pessoa de Jesus, veio alguém que era superior tanto a Moisés como Elias, e toda a lei e os profetas falaram dele (Lc 24.27).

2

O SENHOR, NOSSO PROVIDOR



A história de Elias e Eliseu começa com três narrativas que estão unidas pelo tema da morte, seja iminente ou real. As duas primeiras narrativas se concentram em problemas com água e alimento. Sem água e alimentos, nós morreríamos, mas muitas vezes, e especialmente em sociedades ricas como a nossa, nem sequer lembramos do valor que eles têm.

Nos dias de Elias, os israelitas, sob a influência da família real, foram seduzidos à ideologia pagã de que Baal, o deus cananeu do clima e da fertilidade, era a fonte tanto da água como dos alimentos. A menos que Baal fosse adorado, a chuva não cairia. Sem chuva, não haveria colheita. E sem colheita, ninguém sobreviveria. Mas Deus preparou duas lições para ensinar a Israel que ele controla o clima e a fertilidade.

O terceiro episódio flui do segundo. A segunda história introduz a viúva de Sarepta, cuja casa Deus usou para dar comida a Elias durante a grande fome. Na terceira história do ciclo, o filho da mulher morre, criando assim mais uma situação em que o profeta pôde demonstrar a soberania de Deus sobre a vida e a morte.

Todos esses três episódios ilustram que era Deus, e não Baal que dava vida para o seu povo.

A. Linhagem e provisões

1Reis 17.1-6

Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra. Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem. Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR; retirou-se e habitou junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente.

Elias aparece em cena de maneira surpreendentemente repentina. Ele é apresentado sem qualquer informação sobre sua vida anterior, sem referência à sua família ou tribo em Israel, e até mesmo seu lugar de nascimento (Tisbe) não é conhecido ao certo ainda hoje. Não lhe é atribuída nenhuma linhagem elaborada, por meio da qual talvez pudéssemos identificá-lo no registro social do antigo Israel, e não é mencionado nenhum grupo específico do qual ele pudesse ser considerado o porta-voz; habitava em Gileade, uma área periférica no antigo Israel, isolada do outro lado do Jordão. Ele não tinha fama ou notoriedade, nenhuma influência política específica, não tinha credenciais para comandar um interrogatório, nenhum título acadêmico acompanhando o seu nome. Sua origem aparentemente humilde nos lembra de outro servo do Senhor, um que “não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse”, um homem que foi “desprezado e... rejeitado” (Is 53.2-3), um homem cuja linhagem também foi questionada (Jo 6.42; 8.39-41). Como a própria nação de Israel, Deus escolheu para serem seus servos “não... muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1Co 1.26-28).

A grande qualificação de Elias para servir a Deus em seu momento na história era a mesma que esse outro servo do Senhor: sua comida e bebida eram “fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4.34). Com demasiada frequência, nós, cristãos, tendemos a pensar que a obra de Deus em nossos dias é realizada pelos grandes e poderosos, os pregadores famosos, as celebridades e os ricos influentes. Deus não olha para a fama, mas para a fé, não para riqueza, mas para a vontade, não para notoriedade, mas para a confiabilidade. A única linhagem necessária para servir a Deus neste nosso mundo é seu chamado à obediência. É crer que “vive o SENHOR, Deus de Israel” (1Rs 17.1), e servir a esse Deus em vez de a um Baal qualquer.

Há muito tempo, Deus já colocara perante Israel os caminhos de vida e morte, de bênção e maldição, de obediência e desobediência. Já perto de sua morte, Moisés lembrou a Israel que a lei de Deus “não é para vós outros coisa vã; antes, é a vossa vida” (Dt 32.47). A prosperidade – os celeiros repletos, colheitas abundantes, gado e uma ampla variedade de alimentos que as pessoas desejavam – estava diretamente ligada à obediência aos mandamentos (Dt 28.1-6), mas a desobediência traria a falta de chuva e de safras, gerando fome para toda a nação. “Os teus céus sobre a tua cabeça serão de bronze; e a terra debaixo de ti será de ferro. Por chuva da tua terra, o SENHOR te dará pó e cinza” (28.23-24).

Deus não seria Deus se ele não fosse fiel à sua própria palavra. Em resposta à maldade de Acabe, que superava a de todos os reis que o precederam (1Rs 16.30-33), Deus, fiel a seu próprio juramento, enviou Elias para anunciar uma seca.

No antigo Israel, a estação principal da agricultura era durante os meses de inverno. Depois da temporada de calor e de seca durante o verão, as primeiras chuvas chegavam com o outono, para amolecer a terra seca e rachada. Se as chuvas não viessem, a terra ficava realmente como ferro e não podia ser arada. As nascentes e os poços não seriam renovados. As últimas chuvas caíam na primavera, e estas davam às sementes a umidade necessária para que se desenvolvessem e florescessem. Se essas chuvas não chegassem, não haveria colheita.

A maior parte da narrativa de Elias se desenvolve na região que cerca a planície de Jezreel. Nesse vale, a cada manhã, do outono até a primavera, o revestimento de orvalho é tão pesado que, mesmo que não chova, a agricultura ainda seria possível. Essa é a área em que Gideão colocou a sua porção de lã, pedindo alternadamente que ela ficasse seca e

molhada (Jz 6.36-40). Isso nos ajuda a entender por que Elias anunciou que Deus iria reter não só a chuva, mas também o orvalho.

Não haveria maneira mais clara que essa de desafiar a adoração a Baal. Na mitologia cananeia, Baal era o Deus da tempestade. Num dos textos antigos de Ugarit, o poder de Baal sobre as águas é descrito assim:

Sete anos irá Baal falhar, oito, o Cavaleiro das Nuvens.
Não haverá orvalho, nem chuva,
Nem surgimento das duas profundidades,
Nem a bondade da voz do Baal.¹

No ciclo anual da agricultura, quando Baal morria e a vegetação deixava de crescer, o deus Mot dizia para Baal descer ao submundo e levar “suas nuvens, seu vento, sua tempestade, suas chuvas”.² Num outro texto, um rei de Ugarit chamado Keret teve uma visão e relata:

Chove óleo dos céus,
Os riachos correm com mel,
Então eu sei que o poderoso, Baal, vive,
Vejam, o Príncipe, o Senhor da terra, existe.³

A terceira linha desse poema ugarítico é muito semelhante ao hebraico com o qual Elias introduz a seca: “Como vive o Senhor, o Deus de Israel”. O grande duelo entre Javé e Baal estava armado, e logo ficaremos sabendo qual era o Deus vivente. Acabe, Jezabel e seus partidários estavam servindo a Baal para assegurar a fertilidade da terra. Elias servia a Javé, o Deus de Israel. Ao anunciar o poder de Deus sobre as chuvas, o desafio era inconfundível.

Os três episódios em 1Reis 17 mostram alguns dos efeitos da seca, e cada um deles trata de necessidades humanas que estavam dentro da esfera do poder de Baal na mitologia cananeia. Enquanto a nação começava a sentir os efeitos da seca, Elias recebia as bênçãos de água e alimentos que Deus havia prometido para uma nação obediente. Deus tinha prometido,

Se andardes nos meus estatutos, guardardes os meus mandamentos e os cumprirdes, então, eu vos darei as vossas chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua messe, e a árvore do campo, o seu fruto. A debulha se estenderá até à vindima, e

a vindima, até à sementeira; comereis o vosso pão a fartar e habitareis seguros na vossa terra. (Lv 26.3-5)

No entanto,

Se ainda assim com isto não me ouvirdes, tornarei a castigar-vos sete vezes mais por causa dos vossos pecados. Quebrantarei a soberba da vossa força e vos farei que os céus sejam como ferro e a vossa terra, como bronze. Debalde se gastará a vossa força; a vossa terra não dará a sua messe, e as árvores da terra não darão o seu fruto. (Lv 26.18-20)

Javé, o Deus de Israel, era quem mandava a chuva sobre justos e injustos (Mt 5.45); ele também poderia facilmente retê-la.

Nesse momento, Elias encarnou o que Israel deveria ter sido, dedicado a Javé e servo somente dele. Portanto, Deus não abandona o seu profeta, mas fornece a ele esses sinais das bênçãos divinas que uma nação obediente iria receber. Do mesmo modo que Deus, na época de Moisés, havia fornecido a Israel comida e a bebida em pleno deserto (Êx 17; Nm 11; 20), ele nesse momento também provê para o seu servo fiel.

O Senhor, que sabe da queda de cada pardal, também comanda os corvos. Quando Israel vagava pelo deserto, Deus cuidava deles como a águia, que “desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estendendo as asas e, tomando-os, os leva sobre elas” (Dt 32.11). Nesse momento, os pássaros estavam trabalhando para o seu Criador, porque ele tomara Elias sob suas asas.

Para nós, também, num mundo seco e sedento, ele nos supriu com uma mesa cheia de alimentos e bebidas (Mt 26; 1Co 11), com instruções para que nós também fugíssemos da idolatria (1Co 10. 14-17). A graça de Deus se renovava para o profeta todas as manhãs (Lm 3.22-24). Embora o ribeiro de Querite acabaria diminuindo e secando, Jesus abriu para nós um poço que nunca secará (Jo 4.10, 13-14; 7.37-39).

Jesus, também, encarnaria o que Israel deveria ser – uma nação/pessoa vivendo em obediência aos mandamentos de Deus. Porém, ao contrário de Elias, ele não seria poupado na sua identificação com seu povo; em vez disso, iria enfrentar julgamento divino, e Elias não viria para salvá-lo (Mt 27.47-49).

Enquanto Elias estivesse no riacho, as safras de Israel seriam um fracasso, e os cursos de água e poços na terra secariam. Muitos começariam a sofrer com as privações que estavam por vir, como mostram os episódios seguintes. Contudo, mesmo nessa situação, o amor de Deus é evidente. Assim como um pai castiga ao filho que ama (Hb 12.5-11), do mesmo modo Deus castiga Israel. É infinitamente melhor conhecer a repreensão e o castigo de Deus do que seu abandono. O castigo é o preço da nossa eleição.

O aparecimento repentino de Elias revelou Deus – mas também o fez seu desaparecimento. Nós não sabemos ao certo a localização do ribeiro de Querite, ou quanto tempo o profeta esteve por lá. Mas foi no mínimo o tempo suficiente para que os efeitos da seca fossem extensivos e graves (1Rs 17.7-12). Deus havia ordenado ao profeta que se escondesse (17.3; contr. 18.1). Assim, Israel não sofreria apenas fome de comida e água, mas fome da palavra de Deus (Am 8.11; Sl 74.9).

Para reflexão adicional

1. A água desempenha um papel significativo em toda a narrativa de Elias. O que há na água que a torna tão importante para a história? Qual a conexão dela com Baal? E com Javé?
2. Em nossa sociedade, Baal não é mais o adversário evidente de nosso Senhor Deus. Mas o que tomou o seu lugar? Em sua própria vida, o que se opõe ao senhorio de Deus? Como Deus mostra o seu poder sobre todas essas coisas hoje em dia?
3. Deus maravilhosamente supriu as necessidades de Elias durante a seca. Em que circunstâncias em sua vida, na sua família, ou na sua igreja você tem visto o cuidado de Deus?
4. Embora Elias tenha sido fiel e obediente, ele não escapou inteiramente da correção de seus compatriotas israelitas. Você já sofreu por causa dos pecados de outros? Como você reage numa situação dessas?

5. Jesus é o verdadeiro pão e a água viva para os seus discípulos. Essa passagem sobre Elias faz referência a Jesus desse modo? O que isso significa para você?

B. Fome e fé

1 Reis 17.7-16

Mas, passados dias, a torrente secou, porque não chovia sobre a terra.

Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida.

Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber. Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão. Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos. Elias lhe disse: Não temas; vai e faz o que disseste; mas primeiro faz dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho. Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra. Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias.

Deus poderia ter mantido cheio o ribeiro de Elias indefinidamente, mas ele queria que o profeta se mudasse (1Rs 17.9). Mas por que para Sarepta?

Sarepta estava situada na costa do Mediterrâneo entre Tiro e Sidon, as importantes cidades dos fenícios. Ao enviar Elias para lá, Deus

estava ensinando ao seu povo que seu poder não se limitava às fronteiras de Israel, que ele não era apenas um deus de montes ou planícies (1Rs 20.23), limitado à sua própria casa. A crise que surgira em Israel fora causada pela adoração do deus fenício Baal (16.31-32). Esse Baal era adorado como o deus que fornecia chuva e fertilidade. Mas quando o Deus de Israel mandou anunciar uma seca e fome (17.1), seus efeitos seriam sentidos muito além da terra de Israel, porque seu poder não estava confinado à terra que havia prometido a Abraão e seus descendentes. Ao demonstrar o seu poder na Fenícia, e seu poder para remediar os efeitos da seca como bem lhe aprouvesse, o Deus de Israel estava também mostrando a impotência de Baal em sua própria pátria. Essa foi uma maneira de dizer que os deuses das nações são uma ilusão, que eles não têm poder e que, na verdade, nem deuses são. Javé, o Deus de Israel, reinava também na pátria do pai de Jezabel. Mesmo lá, o deus dela não tinha poder, e ele não poderia ser considerado como objeto digno da adoração de Israel.

Lembre-se que o livro dos Reis foi escrito para os exilados durante o cativeiro babilônico. Quando o escritor relata essa história para o seu público de exilados no século 6º. a.C., a mensagem é a mesma: os deuses das nações são ídolos e não têm nenhum poder, ao passo que Javé governa sobre toda a terra. E isso vale também para os deuses da nossa época.

A Fenícia era uma grande potência marítima, mas não era autossuficiente quanto à alimentação de seu povo. Uma série de passagens bíblicas revela como os fenícios eram frequentemente dependentes de Israel como uma fonte de importação de alimentos (2Cr 2.10; Ez 27.17; cf. At 12.20). Não é irônico que a nação de Israel se sentisse tentada a adorar o Baal fenício como uma fonte de fertilidade, quando a Fenícia por si mesma, não podia suprir sua própria demanda de alimento? Por outro lado, não são os ídolos sempre uma ilusão? Quando nós, como indivíduos, transformamos a riqueza, educação, posição, fama ou quaisquer outras coisas em objetos de nossa adoração e esforço, podem elas, por acaso, satisfazer o anseio de nossa alma? Será que alguma vez poderão?

O Deus de Israel nunca teve a intenção de pertencer exclusivamente a Israel. Desde o momento em que Deus escolheu Abraão e prometeu abençoar seus descendentes, sua bênção não era somente para Israel, mas para um grupo muito maior de pessoas. Abraão e seus descendentes trariam a bênção divina sobre “todas as famílias da terra” (Gn 12.3; 18.18; 22.18). Israel deveria ser uma testemunha a todas as nações. O conceito de missões no Antigo Testamento é que as nações seriam atraídas

ao Deus de Israel por meio da observação do seu povo. Israel tinha de ser luz num mundo de trevas. Quando a adoração a Baal se tornou a religião oficial do estado no reino do Norte, e desviou os corações da nação, Israel não poderia cumprir essa missão, porque a nação, então, se tornara pouco diferente das outras nações ao seu redor.

Embora Israel estivesse falhando em cumprir a comissão que Deus lhe confiara, a promessa dele para os gentios não seria frustrada. Deus enviou seu profeta a uma viúva de Tiro, e ele mostrou por meio da pessoa de Elias como a sua graça seria derramada para todas as nações.

Amar aos inimigos sempre foi um mandamento de Deus. Isso é algo que faz parte do próprio caráter de Deus, e podemos ver claramente isso na maneira em que ele nos ama. Mas essa não era uma mensagem popular no antigo Israel. Eliseu também iria lidar com o mesmo problema quando Deus abençoou um general inimigo curando-o de lepra (2Rs 5).

Quando Jesus viajou pela região da “Galileia dos gentios” (Mt 4.15), levando as boas-novas da graça de Deus para as nações, ele não foi bem recebido pelos moradores da sua cidade natal, Nazaré. Eles queriam exigir que Jesus fizesse, para eles, os mesmos milagres que ele tinha realizado em outros lugares. Jesus respondeu fazendo uma alusão à experiência de Elias, ou seja, que “nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra” (Lc 4.24). Ele lembrou-lhes que havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, mas Elias não foi enviado a nenhuma delas, senão a uma viúva gentia. A reação deles foi quase previsível. Por gerações, Israel matara os profetas. O espírito de Jezabel (1Rs 18.4; 19.2,10) continuava vivo em Israel quando os próprios contrterrâneos de Jesus tentaram tirar a vida dele (Lc 4.28-30). Jesus estava prestes a derrubar o muro que separava os judeus dos gentios.

Deus queria que a fé que caracterizasse Israel fosse o tipo de fé que a viúva demonstrara. Mas em vez disso, ele a encontrou numa mulher gentia. De modo semelhante, Jesus certa vez encontrou um centurião cujo servo estava à beira da morte, e o Senhor disse o seguinte sobre a fé desse homem, “nem mesmo em Israel achei fé como esta” (Lc 7.9).

Ao ler sobre o óleo e a farinha da viúva, leve em consideração a natureza dos milagres na Bíblia. Os milagres são a maneira de Deus testemunhar a verdade de sua palavra; os milagres credenciam os mensageiros de Deus (Hb 1.1; 2.4). Eles não são um truque de mágica qualquer realizado aleatoriamente para entreter os curiosos.

Os milagres também são instrumentos de redenção. Eles redimem e restauram; eles superam os efeitos do pecado no nosso mundo e antecipam a recriação de um universo que estará livre do pecado e seus efeitos. Como um acontecimento de redenção, eles apontam na direção da renovação dos céus e da terra no final dos tempos e a antecipam. Será, então, uma surpresa que os profetas de Israel retratassem bênçãos futuras em termos de fartura agrícola (p. ex., Am 9.3-15; Jl 3.18; Ez 47.12; Zc 3.10)? Não havia falta de nada ou desejos insatisfeitos no jardim que Deus criara para Adão e Eva, e na Nova Jerusalém não haverá mais morte, luto, pranto ou dor (Ap 21.4-5; 22.1-5). A viúva de Sarepta e seu filho receberam apenas uma antecipação do que ainda está por vir.

Deus mostrou sua misericórdia para uma viúva e seu filho. Mais uma vez, Deus escolheu aqueles que são fracos e humildes aos olhos do mundo como objetos de seu favor. Aqueles que são ricos, muito mais facilmente pensam que podem viver a vida sem Deus. As pessoas que vivem neste mundo sem direitos, sem recursos, sem provedores, e sem pais são os que veem sua necessidade de depender de Deus, e que geralmente renunciam ao orgulho que os outros alimentam. Os pobres eram objeto específico do ministério de Jesus. Deus nos manda ser generosos com os pobres e necessitados, porque ele se importa com eles (Is 10.1-4; Pv. 14.31). O servo de Deus viria para proclamar as boas-novas para os pobres (Is 61.1; Lc 4.18).

Imagine o ponto de vista da viúva. Como você reagiria se o profeta chegasse à sua casa e pedisse comida enquanto você estivesse, aparentemente, preparando a última refeição que você e seu filho fariam? “Que maravilha, outra boca para alimentar é exatamente do que nós estamos precisando!” ou talvez, “Ah, claro, alimente-se e cuide-se bem, que você precisa, mas, por favor, em outro lugar”. A história sempre foi a mesma: viver pela fé é demonstrado por obras e não só por palavras (Tg 2.17-18).

Deve ter sido muito difícil para Elias dizer “primeiro faça dele para mim um bolo pequeno” diante daquela terrível situação (1Rs 17.13). Mas essa exigência foi vinculada a uma promessa do Senhor, Deus de Israel; ele estava dizendo, na verdade, “Coloque-me em primeiro lugar e você experimentará o meu poder. Acredite na minha palavra, e o meu poder lhe trará salvação e libertação”. Havia razão para que essa viúva acreditasse naquele pobre, mendigo forasteiro? Apesar de tudo, ela acreditou na promessa de Deus, e isso trouxe comida para ela e sua família durante os anos da seca.

Muitas vezes, as promessas de Deus parecem tolice, ou são praticamente inacreditáveis. E elas sempre requerem fé. As boas-novas das promessas de Deus, o evangelho, quando obedecido e crido, transforma-se no poder vivo de Deus (1Co 1.18). Elias não veio com eloquência e persuasão, mas “em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1Co 2.4-5).

Para reflexão adicional

1. Elias deve ter-se perguntado o que Deus estava fazendo ao secar o riacho. Tantas vezes na vida, depois de períodos de decepção ou desânimo, podemos ver a mão providencial de Deus nas circunstâncias. Você já agradeceu a Deus pelos tempos difíceis, os tempos que serviram para fortalecer e edificar sua fé? Agora seria um bom momento para fazê-lo.
2. Israel foi iludido a procurar ajuda e sustento em Baal. Em que ídolo você depositou a sua confiança, para depois descobrir que o mesmo não merecia a sua devoção?
3. Deus estava mostrando seu senhorio fora das fronteiras de Israel quando ele enviou Elias para Sarepta. Hoje em dia, como podemos ver evidências desse senhorio de Deus entre as diferentes nações?
4. A viúva mostrou sua fé na palavra de Deus ao alimentar Elias antes mesmo de cuidar de si mesma e de seu filho. Houve momentos em que você sentiu que obedecer à palavra de Deus seria imprudente? Você quis obedecer? O que aconteceu? Se você optou por não obedecer, já pediu perdão?
5. O espírito de Jezabel – o desejo de resistir à palavra de Deus perseguindo o mensageiro – está vivo e atuante em nossos dias. Você já o experimentou, ou já foi um participante?

C . Agora eu conheço

1Reis 17.17-24

Depois disto, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a sua doença se agravou tanto, que ele morreu. Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho? Ele lhe disse: Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama; então, clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho? E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele. O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu a sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive. Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade.

Algumas das condições climáticas mais agradáveis e belas que as pessoas podem desfrutar ocorrem normalmente durante as poucas horas antes de um furacão atingir a costa. A rotação ciclônica e a baixa pressão da gigantesca tempestade clareiam o céu ao seu redor. Para a viúva, a calmaria antes da tempestade foi esse período de conhecer e experimentar a graça de Deus por meio do milagre das vasilhas de óleo e farinha que nunca ficavam vazias. Sua fé, como vimos, já era grande – mas ela ainda seria severamente provada outra vez. Por um tempo, a paz foi desfrutada onde se esperava morte (1Rs 17.7-16). Mas essa paz foi rapidamente destruída quando a morte novamente apareceu.

É muitas vezes assim quando nossa fé está prestes a ser provada. Abraão recebera a promessa de Deus em seu filho Isaque, mas a vida da criança foi colocada sob ameaça (Gn 22). Jó tinha andando justamente, mas tudo o que ele tinha, em termos de família e posses, fora tirado dele e até mesmo a sua própria carne em seu corpo, estava em decomposição. Depois do triunfo no monte Horebe (1Rs 18), Elias novamente teria de fugir para salvar sua vida (1Rs 19). Desviar-se do caminho da fé é muito fácil. É muito tentador não levar em conta a fidelidade e o poder de

Deus. Exercitar a fé não é algo que fazemos uma vez só. É um modo de vida, uma caminhada por fé e não por vista (2Co 5.7). Ela é a certeza do que esperamos e a convicção do que não vemos (Hb 11.1). Foi pela fé que “mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos” (Hb 11.35).

Na mitologia da antiga Canaã, Baal não era apenas o Deus da tempestade e da chuva. Pelo fato de que praticamente toda vida dependia das chuvas, Baal também era o doador e sustentador de vida. Quando ele dava chuva, a terra produzia em abundância, e as pessoas se fartavam, juntamente com todas as outras criaturas; mas quando ele retinha a chuva, as pessoas, plantas e animais sofriam e morriam. Seca, desidratação, dessecação e pestes infestavam a vida na terra.

Em sua mitologia, os cananeus comumente retratavam guerras entre os deuses. No fim da estação da agricultura a cada ano, o deus Mot (“morte”) derrotava Baal, e Baal então descia para o submundo, onde ficava durante todo o tempo da seca. Mas no outono, Baal, com a ajuda de sua consorte, Anat, retornava vitorioso do reino dos mortos para trazer as chuvas revigorantes para a estação da agricultura. Baal era a fonte da vida, e ele vencía a morte todos os anos.

Israel não deveria ter esquecido a verdade. Muito tempo atrás, Deus já havia dito a Noé que ele mesmo era o poder por trás das mudanças das estações: “Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (Gn 8.22). Mas o Deus de Israel não precisava morrer todos os anos para que essas coisas acontecessem – elas aconteciam normalmente como operações de rotina da providência com a qual ele governa a sua criação.

Mais uma vez, foi levantada a questão do poder na terra natal de Baal, em Sarepta – uma cidade entre as duas principais cidades dos mesmos fenícios que exportaram Jezabel e seu deus para Israel. O poder de Baal sobre a vida era no máximo indireto. Segundo os padrões climáticos da antiga Canaã, as chuvas vinham ou não vinham, e as pessoas sofriam o impacto nos ciclos graduais de abundância ou escassez. Mas, o que poderia Baal fazer frente à morte das pessoas, corações silenciosos, paradas respiratórias (1Rs 17.17)? Até mesmo na mitologia cananeia, o próprio Baal não conseguia escapar do submundo sem ajuda. O que poderia ele fazer pela vida do filho da viúva? Na realidade, Baal estava morto, do mesmo modo que as árvores que foram cortadas para fazer imagens dele. Ele era simplesmente produto da imaginação humana.

Os seres humanos parecem sempre prontos e dispostos a confiar em ídolos. Hoje em dia, provavelmente não fiquemos reverenciando estátuas

feitas por mãos humanas, mas temos muitos outros ídolos. Um ídolo é tudo aquilo a que servimos para estabelecer e manter nosso próprio senso de integridade e bem-estar. Os ídolos em nossa vida podem ser dinheiro, coisas materiais, trabalho, alimentação, posição, influência e até mesmo outros seres humanos. Mas todas essas coisas terminam no túmulo. Como Baal, elas não podem transcender o grande nivelador de todas as pessoas. O que você tem nesta vida que levará para além do túmulo?

Jesus, também levaria a batalha para própria casa do inimigo. O grande poder de Satanás é a morte (Hb 2. 14), e seu domínio é a sepultura. Quando Jesus desceu à sepultura e esteve lá durante três dias, à espera de sua ressurreição, ele demonstrou ser o Senhor sobre a morte, bem como sobre a vida. Ele destruiu o poder de Satanás. Jesus tem domínio sobre a sepultura.

Foi o Deus de Israel que estabeleceu a vida e a morte no nosso mundo (Gn 3.3), e nenhuma delas está fora do seu controle. Por isso o profeta Elias levou o filho morto da viúva para um aposento superior e clamou a Deus por ele. Não é irônico que, também num aposento superior, enquanto Jesus preparava seus discípulos para sua morte iminente, ele ensinou, “Eu sou o caminho a verdade e a vida” (Jo 14.6)? Jesus chamou seu amigo Lázaro para fora do túmulo, e disse para aqueles que estavam lá, “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (Jo 11.25). Embora Elias, com certeza quase absoluta, não tinha uma noção clara sobre a doutrina da Trindade, os cristãos em todas as épocas têm visto no seu gesto de se estender três vezes sobre a criança ao orar (1Rs 17.21), uma alusão à oração em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Filho de Deus também foi estendido, estendido numa cruz concedendo vida para o mundo inteiro (cf. 2Rs 4.8-37). Mais uma vez, os milagres servem para antecipar e redimir: a viúva e seu filho experimentaram uma antecipação do que será a destruição do último e maior inimigo, a morte (1Co 15.26). Na mitologia cananeia, Baal conseguia derrotar a morte por um tempo, apenas para novamente sucumbir a ela. Que diferença do evangelho – pois Cristo derrotou a morte para sempre.

Não é também irônico que a viúva tivesse pensado que a morte do filho dela era um lembrete do seu pecado (1Rs 17.18)? Mas o filho da viúva não poderia pagar o preço pelos seus pecados. Só Deus poderia dar um filho para pagar esse preço.

Como Jesus nos lembra, havia muitas viúvas com fome em Israel quando Elias foi enviado à casa dessa mulher gentia (Lc 4.25). E, sem dúvida, muitas delas também tinham perdido filhos – as crianças são as primeiras a sucumbir às doenças trazidas pela fome e pela inanição. Mas a graça de Deus não era exclusivamente para Israel; era tanto para os judeus como para os gentios. Certa vez, Jesus viajou pelos arredores de Tiro (Mc 7.24-30). Lá, uma mulher grega, nascida na Siro-Fenícia, foi até Jesus com sua filhinha, que estava possuída por um espírito maligno. A graça de Deus chegou aos gentios uma vez mais.

É uma boa coisa ter nossas necessidades diárias supridas. Nós todos temos de orar e trabalhar pelo nosso pão de cada dia. Suponho que, quando a viúva viu que suas vasilhas de óleo e farinha nunca ficavam vazias, ela poderia ter dito: “Conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade”. Mas essa exclamação vem apenas no final da história (1Rs 17. 24). De modo semelhante, nossas necessidades diárias são muitas vezes supridas, talvez até tidas como asseguradas, pelos meios ordinários da providência de Deus. Quando nossa situação fica grave, o alívio repentino pode ser atribuído a algum ídolo, um produto do nosso próprio esforço, como Baal. Mas quando vida surge de uma sepultura, sabemos que estamos na presença de Deus. Ele e somente ele pode fazer isso.

Depois de alimentar as cinco mil pessoas, Jesus ensinou que ele era o pão da vida. Muitos acharam o ensinamento duro (Jo 6.60); até mesmo seus seguidores murmuraram. Consciente da murmuração deles, Jesus disse-lhes, “as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (v. 63). Para muitos, isso era maior do que a fé que eles tinham – eles não estavam dispostos a confiar em Jesus, e então o abandonaram (v. 66). Quando Jesus perguntou aos Doze se eles também queriam abandoná-lo, Pedro respondeu com palavras muito parecidas com as da viúva: “Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (v. 68).

Para reflexão adicional

1. Como as tragédias e desastres da vida têm aumentado a sua fé e aprofundado a sua caminhada com Deus?

-
2. Você se lembra de alguma vez, ou vezes, em sua vida em que você sentiu que Deus estava punindo você por meio de alguma tragédia? Reconsidere essa experiência à luz de Romanos 8.1, “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”.
 3. Qual é a sua atitude em relação à morte? Você tem medo de pensar nela? Por quê?
 4. A quem você clama quando o medo de sua própria morte o domina?
 5. O que significa para você o fato de que Cristo provou a morte por nossa causa e destruiu o seu poder?

3

JAVÉ *VERSUS* BAAL:

A DISPUTA FINAL



1 Reis 18 talvez seja o episódio mais dramático das narrativas de Elias e Eliseu. Na verdade, é uma das histórias mais emocionantes de todo o Antigo Testamento. Nela, o profeta Elias confronta o rei Acabe, atrás de quem se encontrava a rainha Jezabel. Até mesmo no nível humano, a tensão é palpável.

Mas há nesse caso mais do que um nível humano. O ponto fundamental desse capítulo é a disputa entre o verdadeiro Deus do universo e os ídolos falsos que os seres humanos, com demasiada frequência, constroem para fugir das exigências do nosso Criador. Essa é a história da derrota de Baal, um deus impotente desmascarado pelo que ele realmente é – um deus que não existe.

Esse capítulo está dividido em duas seções: “Confronto e encobrimento” (1Rs 18.1-15) e “Idolatria em meio à provação” (1Rs 18.16-46).

A . Confronto e encobrimento

1Reis 18.1-15

Muito tempo depois, veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra. Partiu, pois, Elias a apresentar-se a Acabe; e a fome era extrema em Samaria. Acabe chamou

a Obadias, o mordomo. (Obadias temia muito ao SENHOR, porque, quando Jezabel exterminava os profetas do SENHOR, Obadias tomou cem profetas, e de cinquenta em cinquenta os escondeu numa cova, e os sustentou com pão e água.) Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais. Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro. Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele. Obadias, reconhecendo-o, prostrou-se com o rosto em terra e disse: És tu meu senhor Elias? Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias. Porém ele disse: Em que pequei, para que entregues teu servo na mão de Acabe, e ele me mate? Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, não houve nação nem reino aonde o meu senhor não mandasse homens à tua procura; e, dizendo eles: Aqui não está; fazia jurar aquele reino e aquela nação que te não haviam achado. Agora, tu dizes: Vai, dize a teu senhor: Eis que aí está Elias. Poderá ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do SENHOR te leve não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me matará; eu, contudo, teu servo, temo ao SENHOR desde a minha mocidade. Acaso, não disseram a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava os profetas do SENHOR, como escondi cem homens dos profetas do SENHOR, de cinquenta em cinquenta, numas covas, e os sustentei com pão e água? E, agora, tu dizes: Vai, dize a teu senhor: Eis que aí está Elias. Ele me matará. Disse Elias: Tão certo como vive o Senhor dos Exércitos, perante cuja face estou, deveras, hoje, me apresentarei a ele.

Compare a ordem de Deus para o profeta se “esconder” (1Rs 17.3) com a sua ordem “apresenta-te a Acabe” (18.1). O profeta havia retornado à vida pública em Israel, e a fome de ouvir a palavra de Deus termina com o seu reaparecimento. A fome causada pela seca também iria terminar, “porque darei chuva sobre a terra” (18.1).

Antes de o escritor do livro dos Reis relatar o confronto de Elias com Acabe e os profetas de Baal e Asera, ele inclui outra história para mostrar o quanto a fome havia se tornado terrível e também para caracterizar um

pouco mais os protagonistas. Ele apresenta Acabe e Obadias e estabelece um forte contraste entre os dois. Em Israel, assim como em grande parte do resto do Antigo Oriente Próximo, a função de um rei era comumente retratada como a de um pastor. Um bom rei era como um pastor para seu povo; ele cuidava deles e os protegia, provia as suas necessidades e procurava o bem-estar deles.

Quando a fome se tornou extrema (1Rs 18.2), Acabe saiu a procura de água e pastos para os seus cavalos e mulos (v. 5). O seu povo estava morrendo de fome, mas o que o preocupava mesmo era não perder nenhum de seus animais! Acabe era de fato um pastor – um pastor cuidando de seus animais em vez de seu povo. Esse pastor não daria a vida pelas suas ovelhas.

Mas compare-o com Obadias. Embora o alimento e a água estivessem escassos e os preços dos produtos provavelmente pelos ares, esse homem ainda conseguiu alimentar e sustentar cem profetas, guardando-os da fúria assassina do rei e da rainha. Acabe estivera vasculhando a terra, não só para alimentar os seus animais, mas também para encontrar o profeta Elias (v. 10). Compare a maneira em que os dois homens saudaram o profeta: Acabe o saudou como “perturbador de Israel” (v. 17), mas Obadias se dirigiu a ele como “meu senhor Elias” (v. 7). Acabe estava buscando o bem-estar de seu próprio reino, mas Obadias, séculos antes de Jesus ordenar, aprendera que deveria buscar “em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Acabe estava preocupado com pasto quando deveria estar preocupado com a ira de Deus. E isso, na verdade, não é algo difícil de entender. Olhe à sua volta. Todos os dias milhões de pessoas saem em busca de seus objetivos pessoais e do todo-poderoso dinheiro, ignorando ou negando que a ira de um todo-poderoso Deus é a verdadeira questão vital. As pessoas preferem se preocupar em como ganhar a vida em vez de como ter um encontro com Deus. Mas Obadias já tinha aprendido, “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28). Obadias não iria negar o Deus que ele amava (Mt 10.32-33). Isso continua a ser verdade em nossos dias: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24).

A história dos profetas de Deus é em grande parte uma história de perseguição. As pessoas frequentemente recebiam os mandamentos e as

palavras de Deus com hostilidade, rejeição e raiva. Por que razão? Porque as palavras de Deus exigem sacrifícios da nossa parte, que frustram a nossa autonomia e pretensões. As pessoas preferiam atacar o mensageiro a escutar a mensagem. A morte e a prisão eram destinos nada incomuns para aqueles que proclamavam a palavra de Deus onde ela não era bem-vinda (veja, p. ex., 2Cr 16.10; 18.25-26; 24.20-22; Mc 6.17-18; Lc 11.47-51; Jo 16.2; At 7.51-60; Ap 18.24). Nos dias de Elias, muitos profetas foram mortos, outros foram escondidos, e sua própria vida estava em risco. Seria assim também quando o último e maior profeta de todos aparecesse. Quando Deus, finalmente enviou o seu próprio filho, ele também experimentou a hostilidade de um mundo pecador, direcionada contra um Deus santo (Mt 21.33-41). Elias era um homem como nós (Tg 5.17); e nós, também, podemos compartilhar a sua ousadia frente a um mundo que nos observa. Esse compartilhamento é a comunhão com os sofrimentos de Cristo (Fp 3.10; 1.29).

Há muitas reações possíveis às dificuldades que enfrentam os justos que vivem num mundo hostil. Em algumas ocasiões, retirar-se do mundo e se esconder pode ser uma reação aceitável (1Rs 17.2; 18.4, 13). Na história da igreja, o movimento monástico e uma série de comunidades e assentamentos tentaram formas de se retirar do mundo. Porém, Obadias não se retirou ou se escondeu. Foi-lhe possível servir a Deus mesmo como ministro do governo de Acabe (1Rs 18.3). Naamã conseguiu receber a bênção de Deus mesmo estando presente no templo de Rimom (2Rs 5.18-19). Daniel e seus amigos puderam servir a Nabucodonosor, o rei que destruiu Jerusalém e deportou a população. Enquanto Paulo sofria perseguição e esteve aprisionado em Roma, ele foi sustentado pelos “da casa de César” (Fp. 4.22; cf. 1.13).

A fuga do mundo pode servir por um tempo, seja para salvar vidas ou para restauração espiritual. No entanto, um compromisso sincero com o mundo, com os processos políticos e econômicos é, para a grande maioria de nós, o modo em que podemos testemunhar a um mundo que nos observa. Jesus não orou para que fôssemos retirados do mundo, mas para que fôssemos guardados do mal (Jo 17.15). Como a viúva em Sarepta, Obadias passou por um teste de sua fé. Seus medos tinham fundamento – Acabe poderia muito bem ter tirado a sua vida (1Rs 18.14). Mas Obadias foi fiel e Deus o guardou do mal (cf. Mt 6.13).

Elias estava prestes a entrar sozinho em combate com o mal. Os poderes políticos e religiosos estavam unidos contra ele. Jesus, o último e maior profeta, também iria enfrentar tal combate sozinho. Deus iria

vindicar-se em ambas as situações, em uma preservando a vida de seu servo e na outra, aceitando sua morte. Quando Jesus começou a ensinar os seus discípulos que ele iria morrer, disse-lhes, “Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á” (Mc 8.35). Elias não tinha vergonha da palavra de Deus, e o Filho do Homem não se envergonhará dele quando voltar na glória de seu Pai (Mc 8.38). Quando João descreve a derrota do maligno, ele descreve como a igreja através dos séculos o venceria “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.11). É certo que a maioria de nós não perderá a vida por causa do evangelho – mas será que conseguimos ser fiéis pelo menos nas coisas pequenas?

Para reflexão adicional

1. Novamente (veja o cap. 2, seção A, pergunta 1), a água desempenha um papel significativo em toda a narrativa. Qual era o significado da água na época de Elias e Eliseu?
2. Por que Acabe ficou tão perturbado com Elias?
3. As nossas prioridades normalmente aparecem em alto relevo quando há recursos insuficientes para satisfazer as nossas necessidades. Diante da seca e fome que ameaçavam a sua própria vida, onde foi que Obadias investiu seus recursos? E Acabe? E você?
4. Tente fazer uma lista com duas colunas. Na primeira, liste o que você acha que deveriam ser suas prioridades. Na segunda, use seu calendário e seu talão de cheques para concluir como você realmente gasta seu tempo e dinheiro. As duas colunas estão em concordância? O que precisa mudar?
5. Obadias era um homem de grande comprometimento e fé, mas ele também vivia com um grande medo de Acabe. O medo dele era exagerado? Que medos impedem você de obedecer como deveria? Será que eles também são exagerados?

B. Idolatria em meio à provação

1Reis 18.16-46

Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou; e foi Acabe ter com Elias. Vendo-o, disse-lhe: És tu, ó perturbador de Israel? Respondeu Elias: Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os baalins. Agora, pois, manda ajuntar a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do poste-ídolo que comem da mesa de Jezabel. Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo. Então, Elias se chegou a todo o povo e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu. Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei dos profetas do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens. Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus. E todo o povo respondeu e disse: É boa esta palavra. Disse Elias aos profetas de Baal: Escolhei para vós outros um dos novilhos, e preparai-o primeiro, porque sois muitos, e invocai o nome de vosso deus; e não lhe metais fogo. Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém não havia uma voz que respondesse; e, manquejando, se movimentavam ao redor do altar que tinham feito. Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará. E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até deramarem sangue. Passado o meio-dia, profetizaram eles, até que a oferta de manjares se oferecesse; porém não houve voz, nem resposta, nem atenção alguma. Então, Elias disse a todo

o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele; Elias restaurou o altar do SENHOR, que estava em ruínas. Tomou doze pedras, segundo o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual viera a palavra do SENHOR, dizendo: Israel será o teu nome. Com aquelas pedras edificou o altar em nome do SENHOR; depois, fez um rego em redor do altar tão grande como para semear duas medidas de sementes. Então, armou a lenha, dividiu o novilho em pedaços, pô-lo sobre a lenha e disse: Enchei de água quatro cântaros e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. Disse ainda: Fazei-o segunda vez; e o fizeram. Disse mais: Fazei-o terceira vez; e o fizeram terceira vez. De maneira que a água corria ao redor do altar; ele encheu também de água o rego. No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias e disse: Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas. Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus e que a ti fizeste retroceder o coração deles. Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus! Disse-lhes Elias: Lançai mão dos profetas de Baal, que nem um deles escape. Lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou. Então, disse Elias a Acabe: Sobe, come e bebe, porque já se ouve ruído de abundante chuva. Subiu Acabe a comer e a beber; Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos, e disse ao seu moço: Sobe e olha para o lado do mar. Ele subiu, olhou e disse: Não há nada. Então, lhe disse Elias: Volta. E assim por sete vezes. À sétima vez disse: Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem. Então, disse ele: Sobe e dize a Acabe: Aparenta o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha. Dentro em pouco, os céus se enegreceram, com nuvens e vento, e caiu grande chuva. Acabe subiu ao carro e foi para Jezreel. A mão do SENHOR veio sobre Elias, o qual cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel.

Era uma disputa desigual. As cartas foram empilhadas a favor dos profetas de Baal. Elias convocou o povo para o monte Carmelo (1Rs 18.19), que estava localizado ao longo da faixa maior das colinas que formavam a fronteira sul da planície de Jezreel. A altura dele era de mais ou menos 550 metros acima da planície circundante e estava situado perto da costa do mar Mediterrâneo, acima do atual porto de Haifa. No século 9º. a.C., o monte Carmelo marcava a fronteira sul da fenícia. Como o ponto mais alto da região, era um lugar conveniente para a adoração. O baalismo era muito forte naquele lugar. Além disso, o duelo foi travado na área de especialidade do poder de Baal. Na arte da antiga Síria, Baal era retratado segurando um raio em sua mão direita; e considerando que era o deus da tempestade, ele seria facilmente capaz de enviar um raio para incinerar um sacrifício apresentado por seus adoradores. Que Baal traga chuva para acabar com a seca e raios para acender o fogo. Não apenas o duelo foi travado no território de Baal, envolvendo a sua especialidade, mas Baal tinha também o apoio de um número muito maior de adeptos, como também o da liderança nacional. A previsão era que Baal respondesse à grande massa de simpatizantes. Os adoradores de Baal tiveram ainda um período maior de tempo; suas súplicas começaram bem cedo de manhã e a hora do sacrifício era de tardezinha (1Rs 18.26-29). O rei e 850 profetas (v. 19) certamente comoveriam o grande Baal.

E não somente começou Baal com todas essas vantagens, mas Elias começou com uma desvantagem que tornava a tarefa de Deus ainda mais difícil. O culto a Baal no monte Carmelo estava bem estabelecido, e o altar de Javé estava em ruínas (1Rs 18.30). Além disso, a oferta e a lenha que Elias preparara foram encharcadas com água suficiente para encher um pequeno rego na base do altar. Pôr fogo a esse arranjo encharcado seria muito difícil.

Todas as vantagens que foram dadas ao baalismo só serviram para aumentar ainda mais a glória do Deus que respondeu pelo fogo. Quanto maior era o esforço dos profetas de Baal (1Rs 18.26-29), maior era o seu fracasso. Quanto mais Elias zombava da multidão febril que clamava a Baal, mais a situação de Baal ficava patética. O Deus que dá a chuva e responde pelo fogo também reina na História em todos os seus pequenos detalhes e glorifica a si mesmo por meio deles.

Em nossa própria vida, quando as circunstâncias parecem esmagadoras e as dificuldades parecem estar além de nossa capacidade de superar ou simplesmente lidar com elas, Deus então nos mostra a sua glória e o seu poder. O poder de Deus é mostrado mais claramente

na nossa fraqueza (1Co 1.25, 27; 2Co 12.7-9). Onde nossos esforços e recursos são insuficientes, a glória e a suficiência de Cristo brilham com maior clareza ainda.

Não há espaço para negociações ou acordos. “Elias, não podemos servir tanto a Baal quanto a Javé?” Não. “Bom, então podemos adorar a Javé na maior parte do tempo, mas também de vez em quando, dar um pouco de atenção a Baal?” Não. O Deus de Israel não aceita culto que não seja exclusivo; eles teriam de escolher entre um e outro. O primeiro mandamento exigia a fidelidade exclusiva do povo de Deus (Êx 20.3); ele os resgatou da escravidão, e eles pertenciam a ele (v. 2).

Não há espaço para ânimo dobre aqui, nem espaço para hesitar ou duvidar – nem para Elias, nem para Israel, nem para você e nem para mim. Eles estavam orando por chuva e fogo, mas, como Tiago posteriormente advertiria a respeito do “homem de ânimo dobre”: “Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa” (Tg 1.7-8). “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6.24).

Os ídolos dos nossos dias e da nossa sociedade provavelmente não são mais imagens feitas de madeira ou pedra. É muito mais provável que eles sejam nossos próprios desejos e fantasias, dinheiro, poder, posição social, segurança e relacionamentos. Talvez a maneira mais fácil de identificar nossos ídolos seja perguntar a nós mesmos a quem servimos. Os ídolos, muitas vezes, são as coisas nas quais nós somos tentados a confiar em vez de em Deus. Quais são as coisas pelas quais nos esforçamos, as coisas nas quais confiamos para obter segurança ou senso de bem-estar? “Elias, posso servir a Deus e ao dinheiro?” Não. “E a Deus e ao sucesso no trabalho?” Não. “Nem um pouquinho?” Não. Não pode haver nenhum vacilo entre as duas opiniões. “Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal [ou Dinheiro, ou Poder, ou Segurança], segui-o” (1Rs 18.21).

A chuva viria novamente, tal como Elias tinha dito. E ela cairia sobre justos e injustos de igual maneira (Mt 5.45). Para todas as pessoas que serviam a ídolos, a chuva era o testemunho que Deus dava de si mesmo (At 14.17).

O monte Carmelo era um mirante para grande parte da planície de Jezreel, e a antiga cidade de Megido, na planície abaixo, ficava bem perto. A planície de Jezreel é talvez, em termos de imóveis, o lugar mais disputado da história do mundo. Era a antiga rodovia principal que ligava três continentes, através de uma passagem na planície, situada a uma pequena distância do monte Carmelo. Débora, Josué, David, Salomão, Josias, os filisteus, os faraós do Egito, os reis da Assíria, da Babilônia e da

Pérsia, Alexandre, o Grande, as legiões romanas, os exércitos do Islã, os cruzados, Napoleão, os turcos, os britânicos e os israelenses lutaram para ou tentaram de alguma maneira controlar essa rodovia estratégica, e quem controlasse a planície de Jezreel controlaria também a rodovia. Não é de admirar, então, que João descreva a grande batalha apocalíptica como acontecendo no Armagedom, um termo grego que significa “montanha de Megido”. O terrível conflito final entre os exércitos do Deus do céu e as forças do mal será acompanhado por uma tempestade com relâmpagos de raios, estrondos ressonantes de trovões e enormes granizos (Ap 16.16-21).

O confronto de Elias com os profetas de Baal era apenas uma pequena representação, uma antecipação, da grande batalha em que Deus mesmo intervirá na história para vindicar o seu nome completamente e para erradicar a idolatria do mundo. Após o confronto, o povo caiu prostrado em terra e clamou, “O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (1Rs 18.39).

Elias ordenou que os profetas de Baal fossem levados ao vale do Quisom e ali os matou (1Rs 18.40). Quisom era o ribeiro que drenava a extremidade ocidental da planície de Jezreel; ele estava situado ao lado do monte Carmelo na base da planície abaixo. Foi lá que os carros de Sísera ficaram atolados na lama (Jz 4.15; 5.4-5, 19-22). Não é de admirar, portanto, que Elias disse a Acabe para tomar seu carro e viajar enquanto ele ainda podia, por causa das chuvas que estavam para chegar (1Rs 18.44).

Ocasionalmente, alguns leitores sentem-se desconfortáveis com o massacre dos profetas de Baal relatado na passagem. Tenha em mente, entretanto, que a batalha de Elias aponta para o conflito final com o mal. No novo Israel não há lugar para a idolatria (1Co 6.9-10; Ef 5.5; Ap 21.8; 22.14-15). A derrota completa do mal – de tudo o que se opõe a Deus – é parte do objetivo final da história. Elias teve apenas um tira-gosto. Resta ainda “certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários” (Hb 10.27). Vivemos com a esperança de um dia ver todo joelho dobrar-se e toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor (Fp 2.10-11).

O que começou como uma disputa de poder entre Javé e Baal acabou como um holocausto a Javé. Deus, no passado, indicava que havia aceitado uma oferta com um raio de fogo vindo do céu que consumia a oferta (Jz 6.20-21; 1Cr 21.26). O fogo que tantas vezes representa o

juízo divino torna-se também um lembrete da graça de Deus. Ele aceitaria um sacrifício pelos pecados do povo.

Em outra ocasião, Deus deu um golpe decisivo contra o mal e aceitou o sacrifício pelos pecados de seu povo (1Co 15.24-27; Hb 10). O objetivo dos acontecimentos no monte Carmelo não era primordialmente o julgamento e derrota de Baal, mas sim a graça dada para a restauração de Israel (1Rs 18.37).

Com sua confirmação como profeta, a oferta consumida, o massacre dos sacerdotes pagãos, e com a promessa de Deus de prontamente mandar chuva (1Rs 18.1, 41), parecia que era hora de Elias relaxar um pouco e tirar umas férias. Havia chegado a hora de relaxar – Não era? Errado. Elias orou pedindo que Deus completasse o que havia começado (vs. 41-44). “Senhor,” disse ele, “tu tens mostrado que Baal não é nada, mas agora, ó Deus, mostra-te como a fonte de chuva e de vida”. Sete vezes orou Elias por chuva, até que uma nuvem começou a pairar no horizonte. Tiago começa o seu livro nos incentivando a perseverar em oração e nos advertindo contra o ânimo dobre (Tg 1.2-8), e o conclui lembrando-nos da oração eficaz e poderosa de Elias (5.17-18). Deus é fiel às suas promessas. Como devemos orar? “Senhor, lembra da tua promessa.” Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

Para reflexão adicional

1. Como as informações a respeito da religião do Baal fenício esclarecem essa história?
2. Deus parece combater a cultura pagã em seu próprio terreno. Esse é um bom argumento para abordar uma cultura em seus próprios termos (veja também At 17)? Como seria isso hoje em dia?
3. Tanto Elias como Jesus exibiram o poder de Deus na sua fraqueza quando confrontaram a hostilidade neste mundo. Mas eles fizeram isso de maneiras muito diferentes. Onde você tem visto o poder de Deus brilhar intensamente na sua fraqueza?

4

OUTRAS AVENTURAS DE ELIAS, O SERVO DO SENHOR



O capítulo 19 de 1Reis narra dois acontecimentos na vida de Elias que tiveram lugar após seu triunfo no monte Carmelo. À primeira vista, podemos supor que a grande vitória de Deus sobre Baal (que também foi a vitória de Elias sobre Acabe) tinha colocado Israel num novo rumo. Porém, Acabe não se arrependeu; as pessoas continuaram a rejeitar a Deus, e Elias sentiu-se sozinho.

Mas é claro que ele não estava sozinho, e nesses dois agitados acontecimentos, Deus fez com que ele soubesse que não estava desamparado. Na primeira seção de 1Reis 19, Deus fala daqueles que iriam servir (e que já haviam servido) ao lado de Elias. Na segunda seção, nós conhecemos Eliseu, o seu auxiliar mais próximo. As seções são os versículos 1-18 (“Um segundo Moisés visita a montanha de Deus”) e os versículos 19-21 (“O herdeiro e sucessor de Elias”).

A. Um segundo Moisés visita a montanha de Deus

1Reis 19.1-18

Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada. Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles. Temendo,

pois, Elias, levantou-se, e, para salvar sua vida, se foi, e chegou a Berseba, que pertence a Judá; e ali deixou o seu moço. Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte e disse: Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais. Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro; eis que um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te e come. Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Voltou segunda vez o anjo do SENHOR, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo. Levantou-se, pois, comeu e bebeu; e, com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus. Ali, entrou numa caverna, onde passou a noite; e eis que lhe veio a palavra do SENHOR e lhe disse: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida. Disse-lhe Deus: Sai e põe-te neste monte perante o SENHOR. Eis que passava o SENHOR; e um grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do SENHOR, porém o SENHOR não estava no vento; depois do vento, um terremoto, mas o SENHOR não estava no terremoto; depois do terremoto, um fogo, mas o SENHOR não estava no fogo; e, depois do fogo, um cicio tranquilo e suave. Ouvindo-o Elias, envolveu o rosto no seu manto e, saindo, pôs-se à entrada da caverna. Eis que lhe veio uma voz e lhe disse: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Tenho sido em extremo zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida. Disse-lhe o SENHOR: Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco e, em chegando lá, unge a Hazael rei sobre a Síria. A Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei sobre Israel e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar. Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará. Também conservei em Israel sete mil,

todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que não o beijou.

Os deuses de muitas nações, povos e culturas foram associados com montanhas. Na mitologia cananeia, Baal era retratado como morando numa montanha no norte do país, o monte Zefom (“Montanha do Norte”, cf. Sl 48.2). Uma localidade, já no tempo do êxodo, era conhecida pelo nome de Baal Zefom, “Baal do Norte” (Êx 14.2, 9). É surpreendente que, após o confronto com os profetas de Baal, Deus levou Elias para o sul, na direção oposta da habitação de Baal, para o lugar onde a nação de Israel nascera quando Deus fez uma aliança com aqueles que deixaram o Egito. Isso foi na verdade um modo geográfico de distanciar a fé de Israel de tudo o que o baalismo representava.

O profeta parece quase ter sido pego de surpresa. As coisas não estavam acontecendo da maneira que ele esperava. Afinal, depois da vitória no monte Carmelo, não deveria a nação ter voltado em massa a adorar Javé? Até mesmo Jezabel deveria ter abandonado suas divindades pagãs e ter se voltado para Javé, ou pelo menos o povo deveria ter se levantado e tirado tanto Acabe como Jezabel do poder! Mas agora o profeta estava fugindo para salvar sua vida mais uma vez. O que havia dado errado?

A exibição de poder verdadeiro no monte Carmelo não produziu arrependimento em Jezabel (1Rs 19.1-2). Em vez disso, ela renovou seus esforços para tirar a vida do profeta. E isso não deveria ser uma surpresa. As multidões nos dias com Jesus viram seus milagres e até mesmo ouviram a voz trovejante de Deus vindo do céu (Jo 12.28). No entanto, “embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele” (Jo 12.37). Jesus disse a uma multidão de seus compatriotas que já que eles não acreditavam na sua palavra, que pelo menos cressem nos milagres. Mas mesmo assim eles tentaram prendê-lo (Jo 10.38-39). Corações insensíveis e olhos que não veem não conseguiriam entender nem ver (Is 6.10). Os milagres, por si mesmos, não podem amolecer corações endurecidos ou abrir olhos – somente Deus pode fazer isso.

O duelo no monte Carmelo aconteceu e passou, mas o mal permaneceu. A vitória que Elias obteve lá não foi a derrota definitiva do mal – essa vitória só viria mais tarde por meio de uma cruz. O trigo e o joio continuariam a crescer juntos (Mt 13.24-30) até a grande colheita final.

O escritor do Livro dos Reis retrata esse episódio da vida de Elias de um modo que reflete a vida de Moisés. Moisés também experimentou o poder de Deus numa montanha, e quando desceu encontrou o povo

praticando idolatria (Êx 32). Por meio de Moisés, Deus tinha fornecido alimento e água para Israel durante seus quarenta anos no deserto (Êx 17; Nm 11; 20), e nesse momento ele proveu para Elias alimento e água que lhe deram forças para que caminhasse durante quarenta dias (1Rs 19.8). Moisés tinha se encontrado com Deus no monte Sinai, e nesse momento Deus estava levando Elias para o mesmo lugar. Lá Elias, como Moisés, iria sentir a presença de Deus no vento, no terremoto e no fogo (Êx 19.16-19). A caverna onde Elias se refugiara (1Rs 19. 9), nos recorda a fissura na rocha em que Moisés fora escondido (Êx 33.22). Sobre essa mesma montanha, Deus passou ao lado desses dois homens (Êx 33.19, 22; 1Rs 19. 11), e ambos evitaram olhar para Deus (Êx 33.22-23; 1Rs 19.13). Ambos foram mandados de volta às suas tarefas, com as suas renovadas comissões para servir a Deus (Êx 33.12-14; 1Rs 19.15-16). Tanto Moisés quanto Elias queixaram-se de que já não estavam suportando mais e pediram a Deus que tirasse suas vidas (Nm 11.15; 1Rs 19.4; cf. Êx 32.32), e também para ambos, Deus designou um profeta para ajudá-los (Nm 11.16-17, 25; 1Rs 19.16-17). Por último, Moisés e Elias foram especialmente cuidados por Deus no momento de suas mortes (Dt 34; 2Rs 2).

Tanto Moisés como Elias ainda iriam contemplar a glória de Deus e ouvir a sua voz em outro momento e em outro monte (Mt 17.1-13). Nesse outro monte, o esplendor da glória de Deus envolveu Jesus, o Filho de Deus, aquele que é “o resplendor da glória e a expressão exata de seu ser” (Hb 1.3). De todos os profetas ao longo de um milênio da história de Israel, apenas dois estiveram fisicamente na presença da glória de Deus. Depois, eles estiveram novamente nessa presença quando Cristo foi transfigurado perante eles. Como Elias, Jesus passou quarenta dias no deserto (Mt 4.2), mas, diferentemente de Elias, ele não se desesperou. Toda a lei e todos os profetas testemunharam dele (Jo 5.39; Lc 24.27).

No Antigo Testamento, terremoto, tempestade e fogo (1Rs 19:11-12) normalmente anunciavam a presença de Deus (uma teofania). Eles estão particularmente associados com a aparição de um guerreiro divino na guerra santa contra o mal. Era Javé, o Deus de Israel, que fazia das nuvens sua carruagem (Dt 33.26; Sl 68.4; 104.3; Is 19.1; Jr 4.13; Ez 1). Baal era conhecido na mitologia cananeia como o “cavaleiro das nuvens”, mas esse epíteto, na verdade, só pode ser atribuído ao Deus de Israel. Os céus e a terra se abalam com a aparição do guerreiro divino.

Elias era um homem que tinha zelo por Deus, pela glória dele (1Rs 19.10,14). Sem dúvida, ele teria gostado de ver o guerreiro divino entrar em juízo contra os seus inimigos, e presenciar a vindicação do próprio

Deus, naquele grande “dia do Senhor”. Mas isso não aconteceu, e Elias começou a sentir uma mistura de abatimento, desânimo, derrota e depressão. “Senhor, depois do que aconteceu no monte Carmelo, porque parar agora?”.

Deus, em sua misericórdia, repreendeu suavemente o seu servo. Todo o repertório dos elementos teofânicos desfilou um por um na frente do profeta, mas Deus não se encontrava em nenhum deles. Em vez disso, Deus estava presente num “cicio tranquilo e suave” (1Rs 19.11-12).¹

Assim como os judeus na época de Jesus (1Co 1.22), os cristãos de nossa própria época se encontram incessantemente em busca de sinais e maravilhas. Muitas vezes as pessoas querem nutrir e sustentar sua fé por meio de uma experiência sobrenatural e milagrosa, mas quando isso não ocorre ou elas não veem, elas afundam no desânimo. Mas Deus continuava presente e fazia sua obra no tempo de Elias, por meio de sua voz suave. Elias seria acompanhado por Eliseu (1Rs 19.16), e a obra de Deus continuaria mesmo depois que Elias se fosse. A obra e a presença de Deus nos dias de Elias, assim como nos nossos, foram marcadas pela presença da palavra de Deus. Para uma geração que buscava sinais, “nós pregamos a Cristo”, a sabedoria e o poder de Deus (1Co 1.18-31). É a sua voz, a palavra de Deus, que é poderosa e mais penetrante que uma espada, que julga os pensamentos e intenções do coração, e coloca todas as coisas diante dos olhos de Deus (Hb 4.12-13). É a voz suave do Espírito Santo que irá convencer “o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8).

Ou Elias exagerou na sua reação ou ele estava enganado. Ele queixou-se a Deus: “eu fiquei só” (1Rs 19.10,14). Deus garantiu ao profeta que ainda havia sete mil pessoas em Israel que não haviam se curvado diante de Baal (v. 18). Elias não teria de enfrentar o mal sozinho. Jeú iria eliminar a dinastia de Acabe e Jezabel; Eliseu iria ajudar Elias (vs. 16-17). Em última análise, o Israel fiel – O Israel sem pecado e que cumpria perfeitamente os mandamentos de Deus – iria lentamente diminuir até um remanescente constituído por apenas um único homem. Jesus, como a personificação do Israel fiel, iria enfrentar o mal verdadeiramente sozinho, desamparado até mesmo por Deus (Mt 27.46). Eles também tentariam matá-lo (cf. 1Rs 19.10,14) e iriam conseguir. Nem Elias, nem Moisés podiam dar suas vidas pelos pecados de Israel (Êx 32.32; Nm 11.15, 1Rs 19.4); somente Jesus poderia fazer isso.

A história de Jezabel é uma das várias vezes na Bíblia em que uma mulher é retratada como a personificação do mal. Outros exemplos incluem a sua parente, Atalia (2Rs 11; 2Cr 22.10-23.21), a mulher adúltera (Pv 5-7) e Herodias (Mt 14.1-12). O movimento feminista nos informou que tais passagens podem ser tomadas como ofensivas por algumas mulheres. No entanto, é preciso lembrar que muitos homens também são retratados como a personificação do mal na Bíblia (Acabe, Manassés, Acáz e outros). Muitas mulheres também são retratadas como a personificação da virtude. Para cada Jezabel, existe uma Débora; para cada Atalia, uma Rute ou uma Ester; para cada Herodias, uma Maria; para cada mulher adúltera, uma mulher sábia (Pv 8).

No entanto, ao ler sobre Jezabel, não podemos deixar de pensar na Babilônia, a grande prostituta (Ap 17). Como Jezabel, ela estava embriagada com o sangue daqueles que deram testemunho de Deus (Ap 17.6) e fez guerra contra o seu povo (Ap 17.14), mas, como a Jezabel de antigamente (2Rs 9.30-37), ela também será levada à ruína.

As coisas pareciam sombrias para Elias. Mesmo após a vitória no monte Carmelo, parecia que o baalismo poderia triunfar em Israel. Os altares de Javé estavam em ruínas; seus profetas tinham sido perseguidos e assassinados. Será que Deus tinha rejeitado o seu povo? Ele os abandonara?

Mas Elias não estava conseguindo ver o quadro completo. Deus garantiu ao profeta que havia ainda um remanescente fiel em Israel. Mesmo nesse tempo de extrema apostasia, Deus preservou um povo fiel para si.

Séculos mais tarde, Paulo faria uma reflexão sobre 1Reis 19.18. Os sete mil que permaneceram fiéis foram, para Paulo, um argumento para afirmar que Deus, naquela época, não havia rejeitado o seu povo, e que também em sua época, Deus preservava um remanescente para si mesmo, escolhido e salvo por graça, e não por obras (Rm 11.1-6).

Para reflexão adicional

1. Moisés, Elias e Jesus foram os grandes profetas de Israel. Em que aspectos as vidas deles foram iguais? Como foram diferentes? Que temas recorrentes unificam as vidas e as experiências dos profetas de Deus?

2. No cristianismo atual, parece que muitas vezes, especialmente na pregação de alguns tele-evangelistas, a fidelidade a Deus é comprovada por uma vida livre de problemas. Mas a amizade com Deus significa, com mais frequência do que não, estar em desacordo com o mundo pecador. E muitas vezes a oposição e o desânimo são o resultado. Você já teve essa experiência?
3. Como os acontecimentos no monte da Transfiguração servem de testemunho da divindade de Jesus?
4. Moisés e Elias se ocultaram para não se exporem à presença divina no monte Sinai; esse acontecimento foi a inspiração para o famoso hino “Rocha eterna”. Aqui estão algumas outras passagens do Antigo Testamento que falam sobre uma pedra especial: Êxodo 17.1-7; Números 20.1-13; Deuteronômio 32.4; Salmos 19.14; 118.22; Isaías 8.14; 26.4; 28.16; 51.1; Daniel 2.34; Zacarias 3.9; 4.7. Como os escritores do Novo Testamento desenvolvem esse tema (veja Rm 9.33; 1Co 10.4; 1Pe 2.8)?
5. Mesmo depois da disputa no monte Carmelo, o mal continuou a existir. Depois que Jesus morreu e foi levantado, o mal ainda permanece. Quando, de acordo com a Bíblia, será o mal destruído para sempre?

B . O herdeiro e sucessor de Elias

1Reis 19.19-21

Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com doze juntas de bois adiante dele; ele estava com a duodécima. Elias passou por ele e lançou o seu manto sobre ele. Então, deixou este os bois, correu após Elias e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe e, então, te seguirei. Elias respondeu-lhe: Vai e volta; pois já sabes o que fiz contigo. Voltou Eliseu de seguir a Elias, tomou a junta de bois, e os imolou, e, com os aparelhos dos bois, cozeu as

carnes, e as deu ao povo, e comeram. Então, se dispôs, e seguiu a Elias, e o servia.

Juntamente com a sucessão contínua de reis, tanto em Israel como em Judá, Deus havia paralelamente providenciado uma sucessão contínua de profetas para dar testemunho de sua palavra. Os profetas eram os sucessores de Moisés (Dt 18.14-22). Quase todos os reis na história dos dois reinos tiveram sua consciência profética; os profetas orientavam os governantes de Israel a governarem em conformidade com a lei de Deus (Dt 17.18-19). Ocasionalmente, um filho assumiria a vocação profética do pai. Nesse caso, Eliseu se tornou de fato o filho espiritual de Elias. Assim como Deus enviou Elias para ungir a dinastia seguinte, do mesmo modo o profeta ungiu o seu sucessor (1Rs 19.16-17).

Deus não se permitiria ficar sem testemunhas. Em cada geração, haveria aqueles que conduziriam a nação no caminho da verdade. O escritor de Hebreus compreendeu isso, e deu à igreja primitiva uma história daqueles que tinham dado um bom testemunho perante um mundo observador (Hb 11). As implicações dessa história para a igreja também foi descrita:

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma. (Hb 12.1-3)

No Antigo Testamento, o Espírito de Deus na maioria das vezes aparece como o Espírito que capacita e habilita o dom da profecia. Muitas passagens associam o dom da profecia com a posseção do Espírito (p. ex., Nm 11.25-26,29; 1Sm 10.6,10; 1Rs 22.22-23; 2Rs 2.15; Jl 2.28; Zc 7.12; cf. Lc 1.67; At 2.17-18). Uma maneira na qual os escritores do Antigo Testamento descrevem a posseção pelo espírito de Deus é dizer que o espírito “revestia” um profeta. [Obs: Isso no

original em hebraico; nas diversas versões, às vezes foram usadas outras palavras, como vemos a seguir – N.R.] (1Cr 12.18-19 [“entrou”]; 2Cr 24.20 [“se apoderou”]; Jz 6.34). Esse é o pano de fundo para o simbolismo envolvido quando Elias lançou o seu manto sobre Eliseu (1Rs 19.19). Eliseu, como Elias, seria revestido com o Espírito de Deus, e introduzido na ordem dos profetas. Mais tarde, quando Elias foi levado para o céu, Eliseu apanhou o manto de Elias e dividiu as águas do rio Jordão e, então, o grupo de profetas que testemunhou essa ação, soube que “o espírito de Elias repousa sobre Eliseu” (2Rs 2.13-15).

Séculos antes, Moisés havia dito, “Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!” (Nm 11.29). Quase um milênio depois, Joel previu um dia quando Deus concederia a Moisés seu desejo e derramaria seu espírito sobre seu povo (Jl 2.28-29).² No dia de Pentecostes, os apóstolos citaram Joel para explicar o que estava acontecendo à igreja naquele grande dia (At 2.16-18). Na igreja, o espírito de Deus não é privilégio de alguns poucos, mas é derramado sobre todos, e sendo assim, todos os cristãos passam a ter uma função profética de dar testemunho de Deus em sua geração.

O uso no Antigo Testamento serve como referência para a linguagem do Novo Testamento quando este último associa o conceito de revestir com a posseção do espírito ou estar em Cristo. Nós também fomos revestidos com o espírito de Deus, o espírito de Cristo. O revestimento do espírito de Deus é a garantia de que seremos revestidos, na ressurreição do corpo, com nosso corpo espiritual (1Co 15.53-54; 2Co 5.2-5). Temos de nos despedir do velho homem e revestir-nos do novo homem (Cl 3.9-10), para revestir-nos de Cristo (Rm 13.14; Gl 3.27). Nós também estamos vestidos com o manto do profeta e somos testemunhas de Deus em nossa geração.

As chuvas vieram depois da humilhação de Baal no monte Carmelo e, nesse momento, Eliseu estava arando a terra amolecida. Pelo fato de ele estar trabalhando com um grupo de doze pares de bois, era provável que Eliseu pertencesse a uma família rica e devia ser uma figura formidável. No entanto, quando chamado por Deus, ele transformou seus bois e os implementos de madeira de seu comércio numa oferta comunitária para servir aos outros (cf. 2Sm 24.22, 25). Não haveria volta atrás para Eliseu. Assim como foi com os discípulos, que deixaram suas redes de modo abrupto (Mt 4.21-22; cf. 9.9), Elias queimou as pontes que estavam atrás dele. Ele estava fazendo o que o escritor de Hebreus mais tarde encorajou

a igreja a fazer: deixar de lado tudo que poderia impedir ou amarrar (Hb 12.1). Havia uma nova corrida para correr, um novo campo para arar. Ele não poderia manter a vida nova numa mão e a antiga vida na outra.

A resposta de Elias a Eliseu quando este perguntou se podia se despedir de seus pais é um tanto enigmática: “Vai e volta; pois já sabes o que fiz contigo (1Rs 19.20). Alguns veem ceticismo da parte de Elias; outros afirmam que ele estava na verdade dizendo, “Tome logo a sua decisão”. A decisão não era entre Elias e Eliseu, mas entre Eliseu e Deus (cf. Jo 2.4). A passagem não indica explicitamente se Eliseu disse adeus a seus pais, embora a festa comunitária com os bois que ele imolara, de certa maneira, deixe implícito que sim.

Os judeus do tempo de Jesus iriam reconhecer imediatamente que Jesus estava aludindo a essa passagem das Escrituras em Lucas 9.57-62. Quando um dos que pretendiam seguir a Jesus disse: “Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa” (v. 61), Jesus respondeu, “Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus” (v. 62). O custo de seguir a Deus é o mesmo no Antigo e no Novo Testamento. É estar completamente decidido. Como observa DeVries, se você não estiver pronto para esse tipo de compromisso, é melhor ficar em casa com os bois.³ Alguém maior do que Elias chegou, e seu chamado é ainda mais exigente: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26-27).⁴

Não negligencie a iniciativa divina no chamado de Eliseu. Deus já havia escolhido o profeta, antes que o chamado fosse feito a ele (1Rs 19.16). É sempre verdade que “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19).

Para reflexão adicional

1. Como aqueles possuídos pelo espírito de Cristo, todos os cristãos têm o dever profético de testemunhar à sua geração. Como você está cumprindo essa responsabilidade? Lembre-se que Deus não tem nos dado um espírito de covardia, mas de poder (2Tm 1.7).

-
2. O chamado de Deus para todos nós é à sinceridade ao comprometimento. Para alguns, isso significa deixar um negócio ou emprego para seguir uma vocação profissional num ministério. Para outros, significa servir dedicadamente em muitos diferentes empreendimentos. Seja qual seja o nosso trabalho, quer no ministério ou num emprego, o chamado de Deus para o serviço e compromisso deve eclipsar todos os outros. Como você está respondendo a esse chamado?
 3. Nessa história, Deus nos chama a abandonar nossos entes queridos para servi-lo? Em que sentido?
 4. Esse episódio nos ensina que há uma sucessão de profetas que serviram e servem a Deus. Quem são os profetas hoje – e em que sentido?
 5. Eliseu recebeu o chamado de Deus para o ministério e respondeu. Será que somente profetas e ministros são chamados por Deus para servir? Você sente um chamado de Deus na sua vocação atual?

5

ELIAS *VERSUS* OS REIS



Uma tarefa importante do profeta era servir como a consciência do rei. Em tempos melhores, tivemos a relação entre Samuel e Saul e Natã e Davi. Os reis pecavam e às vezes não se arrependiam totalmente, mas pelo menos ouviam os profetas e os admitiam à sua presença.

Os dois relatos seguintes nos contam uma história diferente. Não havia muito amor na relação entre Elias e Acabe; isso nós já vimos. Mas em 1Reis 21, na história do campo de Nabote, essa relação chega ao clímax. Embora o profeta não estivesse presente na morte do Acabe (veja 1Rs 22), no final de 1Reis 21, nós escutamos Elias pronunciar a sentença de morte dada por Deus a Acabe.

A situação não melhora com o rei Acazias (2Rs 1), o filho de Acabe. Sua história é contada em menos de um capítulo. Tal como aconteceu com Acabe, o profeta anuncia a sentença de morte desse rei por causa de seus pecados.

A . “Lâmpadas novas por velhas”

1Reis 21

Sucedeu, depois disto, o seguinte: Nabote, o jezeelita, possuía uma vinha ao lado do palácio que Acabe, rei de Samaria, tinha em Jezreel. Disse Acabe a Nabote: Dá-me a tua vinha, para que me sirva de horta, pois está perto, ao lado da minha casa. Dar-te-ei por ela outra, melhor; ou, se for do teu agrado,

dar-te-ei em dinheiro o que ela vale. Porém Nabote disse a Acabe: Guarde-me o SENHOR de que eu dê a herança de meus pais. Então, Acabe veio desgostoso e indignado para sua casa, por causa da palavra que Nabote, o jezeelita, lhe falara, quando disse: Não te darei a herança de meus pais. E deitou-se na sua cama, voltou o rosto e não comeu pão. Porém, vindo Jezabel, sua mulher, ter com ele, lhe disse: Que é isso que tens assim desgostoso o teu espírito e não comes pão? Ele lhe respondeu: Porque falei a Nabote, o jezeelita, e lhe disse: Dá-me a tua vinha por dinheiro; ou, se te apraz, dar-te-ei outra em seu lugar. Porém ele disse: Não te darei a minha vinha. Então, Jezabel, sua mulher, lhe disse: Governas tu, com efeito, sobre Israel? Levanta-te, come, e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o jezeelita. Então, escreveu cartas em nome de Acabe, selou-as com o sinete dele e as enviou aos anciãos e aos nobres que havia na sua cidade e habitavam com Nabote. E escreveu nas cartas, dizendo: Apregoai um jejum e trazei Nabote para a frente do povo. Fazei sentar defronte dele dois homens malignos, que testemunhem contra ele, dizendo: Blasfemaste contra Deus e contra o rei. Depois, levai-o para fora e apedrejai-o, para que morra. Os homens da sua cidade, os anciãos e os nobres que nela habitavam fizeram como Jezabel lhes ordenara, segundo estava escrito nas cartas que lhes havia mandado. Apregoaram um jejum e trouxeram Nabote para a frente do povo. Então, vieram dois homens malignos, sentaram-se defronte dele e testemunharam contra ele, contra Nabote, perante o povo, dizendo: Nabote blasfemou contra Deus e contra o rei. E o levaram para fora da cidade e o apedrejaram, e morreu. Então, mandaram dizer a Jezabel: Nabote foi apedrejado e morreu. Tendo Jezabel ouvido que Nabote fora apedrejado e morreria, disse a Acabe: Levanta-te e toma posse da vinha que Nabote, o jezeelita, recusou dar-te por dinheiro; pois Nabote já não vive, mas é morto. Tendo Acabe ouvido que Nabote era morto, levantou-se para descer para a vinha de Nabote, o jezeelita, para tomar posse dela. Então, veio a palavra do SENHOR a Elias, o tesbita, dizendo: Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel, que habita em Samaria; eis que está na vinha de Nabote, aonde desceu para tomar posse dela. Falar-lhe-ás, dizendo: Assim diz o SENHOR: Mataste e, ainda por cima, tomaste a herança?

Dir-lhe-ás mais: Assim diz o SENHOR: No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o teu sangue, o teu mesmo. Perguntou Acabe a Elias: Já me achaste, inimigo meu? Respondeu ele: Achei-te, porquanto já te vendeste para fazeres o que é mau perante o SENHOR. Eis que trarei o mal sobre ti, arrancarei a tua posteridade e exterminarei de Acabe a todo do sexo masculino, quer escravo quer livre, em Israel. Farei a tua casa como a casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como a casa de Baasa, filho de Aías, por causa da provocação com que me irritaste e fizeste pecar a Israel. Também de Jezabel falou o SENHOR: Os cães devorarão Jezabel dentro dos muros de Jezreel. Quem morrer de Acabe na cidade, os cães o comerão, e quem morrer no campo, as aves do céu o comerão. Ninguém houve, pois, como Acabe, que se vendeu para fazer o que era mau perante o SENHOR, porque Jezabel, sua mulher, o instigava; que fez grandes abominações, seguindo os ídolos, segundo tudo o que fizeram os amorreus, os quais o SENHOR lançou de diante dos filhos de Israel. Tendo Acabe ouvido estas palavras, rasgou as suas vestes, cobriu de pano de saco o seu corpo e jejuou; dormia em panos de saco e andava cabisbaixo. Então, veio a palavra do SENHOR a Elias, o tesbita, dizendo: Não viste que Acabe se humilha perante mim? Portanto, visto que se humilha perante mim, não trarei este mal nos seus dias, mas nos dias de seu filho o trarei sobre a sua casa.

Quase todas as crianças estão familiarizadas com a história da lâmpada mágica de Aladim no livro *As mil e uma noites*. Um personagem que procurava a lâmpada mágica percorria as ruas gritando, “Trocam-se lâmpadas novas por velhas!” Era uma estratégia efetiva na história de Aladim. Não é muito diferente da proposta que Acabe fez a Nabote. Olhando do ponto de vista de Nabote, era uma proposta vantajosa em muitos sentidos (1Rs 21.2). A expansão do palácio real estava elevando os valores das terras em torno dele. Nabote poderia receber em troca uma vinha muito melhor ou então pedir um valor inflacionado; tratava-se também de uma oportunidade de obter o favor da casa real para ele mesmo e sua família. Quem não gostaria de receber uma proposta como essa? Ele só tinha a ganhar, e a oferta não parecia ter desvantagem alguma.

Para entender por que Nabote recusou a oferta (1Rs 21.3), devemos compreender o que a terra representava em Israel. Deus havia prometido a Abraão e seus descendentes que ocupariam a região depois de

quatrocentos anos de escravidão. Quando Deus resgatou seu povo, ele não somente os libertou da escravidão (Gn. 15.14, 16), mas também lhes deu por herança a terra que lhes prometera. (v.18). A libertação de Israel não era simplesmente escapar da escravidão de um poder estrangeiro, mas incluía também provisões para o futuro. O êxodo e a conquista da Terra Prometida fazem parte do mesmo ato de libertação. A promessa que Deus havia feito aos pais não foi cumprida quando a nação deixou o Egito, e sim quando eles tomaram posse da terra de sua herança.

Pelo fato de que a terra representava o fruto da libertação da nação, Deus ordenou que ela permanecesse nas mãos das famílias às quais foi inicialmente repartida. A terra foi dada por Deus como parte de sua graça para Israel; e, portanto, ninguém poderia tomar a terra de outro. A lei permitia que a terra fosse arrendada por certo tempo, mas nunca vendida em definitivo (Lv 25.13-17, 25-28). Ninguém seria privado da herança que havia recebido de Deus na libertação do povo israelita. E já que a terra foi possuída por Israel por causa de um ato de libertação de Deus, ela pertencia a Deus, e medidas deveriam ser tomadas para que a terra pudesse ser resgatada pela família original à qual uma porção havia sido dada (Lv 25.23-24). Nabote havia dito a verdade quando respondeu a Acabe, “Guarde-me o SENHOR de que eu dê a herança de meus pais” (1Rs 21.3).

O Novo Testamento usa a experiência de Israel como representação da redenção que Cristo deu à igreja. Jesus nos liberta da escravidão de um poder estrangeiro; ele nos liberta do domínio de Satanás e da escravidão ao pecado (Hb 2.14-15). Mas a redenção fornecida por Cristo não termina com a nossa libertação da escravidão; ele também nos provê uma herança que vem como fruto da nossa libertação. Mas aprecie a diferença entre o Novo e o Antigo Testamento. Enquanto a herança de Nabote pôde ser tirada dele por uso da força de homens vis e violentos, a herança que Cristo nos deu é uma “herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus” (1Pe 1.4-5). A traça e a ferrugem não podem destruí-la, e ladrões não podem arrombar e roubá-la (Mt 6.19-20). Do ponto de vista do Novo Testamento, as promessas de Deus para Israel eram sombras que apontavam para uma herança ainda maior em Cristo.

Em nossos dias, muitas pessoas não têm herança, tesouros ou possesões que transcendem o túmulo. Muitas vidas são derramadas sobre o altar do materialismo, mesmo que ninguém nunca tenha visto um caminhão blindado seguindo um carro fúnebre num cortejo. Jesus nos

incita, “ajuntai para vós outros tesouros no céu... porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6.20-21).

Talvez desejássemos que a fidelidade de Nabote ao mandamento de Deus triunfasse sobre os desejos de Acabe. Mas nem todas as ocasiões em que alguém é fiel a Deus resultam numa experiência do tipo que Elias teve no monte Carmelo. Caso contrário, não existiriam mártires e nem profetas assassinados. Viver pela lei de Deus num mundo sem lei provoca a hostilidade. “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). Até mesmo o Filho de Deus sem pecado foi recebido com muito furor e condenado à morte.

A imagem de Acabe choramingando pelo palácio como uma criança mimada e desconsolada, é realmente lamentável (1Rs 21.4). Samuel tinha alertado a Israel que a realeza que desejavam iria acabar mal, e que o rei iria “Tomar o melhor das vossas lavouras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais” (1Sm 8.14). A realeza se tornaria corrupta, até o ponto de o povo clamar por socorro (v. 18).

Os apetites e fraquezas de Acabe ofereceram uma oportunidade para Jezabel impor seu desejo pela força. Sua devoção a Baal não a impediu de contratar testemunhas falsas para acusar Nabote de traição e blasfêmia (1Rs 21.9-13). Com notável frequência, a falsa religião anda de mãos dadas com a opressão, a violência, a injustiça e a criminalidade. Tempos depois, as mesmas acusações seriam feitas por testemunhas falsas a Jesus em seu julgamento (Mt 26.59-66; Mc 14.55-64).

Deus é o revelador dos segredos (Dn 2.28-30). Ele mandou Elias ao encontro de Acabe na cena do crime (1Rs 21.17-18). Acabe nem teve tempo de desfrutar a vinha obtida injustamente antes de ouvir que ele e Jezabel seriam comidos por cachorros na terra de Nabote (vs.19, 23). Acabe provou um pouco do que será o grande dia do Senhor “quando Deus julgar os segredos dos homens” (Rm 2.16). “E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13). O salmista descreve como tolos aqueles que pensam que o senhor não vê ou ouve (Sl 94.7). “O que fez o ouvido, acaso, não ouvirá? E o que formou os olhos será que não enxerga” (Sl. 94.9)? Um trono corrupto pode aliar-se com o mal e condenar os inocentes à morte, mas Deus “sobre eles fará recair a sua iniquidade e pela malícia deles próprios os destruirá” (Sl 94.20-23).

Era comum que os profetas confrontassem os reis de Israel e Judá logo após suas transgressões (2Sm 12; 1Rs 20.37-43; 2Rs 20.16-18). A

declaração de que um rei seria devorado por cães se tornara quase a fórmula oficial de anunciar o fim de uma dinastia (1Rs 14.11; 16.4; 22.38; 2Rs 9.10, 36). Israel teria de continuar procurando um rei fiel que governasse com retidão e justiça, de acordo com todos os mandamentos de Deus, até o dia em que: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap. 11.15).

A atitude do escritor de Reis quanto a Acabe é quase uniformemente negativa. Acabe tratou o pecado como algo banal e fez mais abominações do que todos os reis de Israel que foram antes dele (1Rs 16.31, 33). Ele se vendeu ao mal e se comportou de maneira abominável (21.20, 25).

No entanto, até mesmo Acabe pôde mostrar-se sensível à palavra de Deus. Esse maioral de pecadores se humilhou e ficou contrito (1Rs 21.27). Deus ficou satisfeito com o arrependimento de Acabe, e por causa de seu arrependimento, postergou o castigo anunciado contra ele (v. 28). As palavras de Ezequiel continuam tão relevantes em nossos dias quanto eram nos dias de Acabe: “Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva” (Ez 33.11; cf. 18.23). Deus deseja ver o arrependimento e a contrição que Acabe demonstrou em você e em mim. Há maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por 99 justos que não necessitam de arrependimento (Lc 15.7, 10).

Para reflexão adicional

1. É da natureza humana sempre querer mais. Reflita sobre seus próprios desejos. Quais são os meios que você sente a tentação de empregar para conseguir o que quer na vida?
2. A herança que nós temos em Cristo é incorruptível e não pode ser tirada de nós. Mas algumas vezes nós caímos naquela proposta sutil de trocar lâmpadas novas por velhas. Aquela tentação que existe de trocar nosso glorioso Deus por um novilho que come erva (Sl 106.20). O mundo fica constantemente balançando bugigangas atrativas em nossa frente. É fácil querer mais do que temos – casas, viagens, móveis, carros, roupas – a lista é interminável. Não é sem motivo que Paulo nos diz que “grande fonte de lucro é a piedade com o

contentamento” (1Tm 6.6). Quando estamos descontentes, o que costumamos dizer a Deus sobre o que ele fez por nós? Aonde o descontentamento nos leva?

3. Na nossa sociedade, muitas pessoas têm praticamente de tudo que o mundo tem para oferecer, mas são pobres quando se trata das inesgotáveis riquezas celestiais. Você falou recentemente com alguma alma carente sobre as riquezas que se encontram em Cristo Jesus?
4. Às vezes, a obediência a Deus pode terminar em tragédia. Nabote escolheu a obedecer, mesmo à custa de sua vida. Mas Deus não deixará impune a violência feita ao seu povo – Ele irá julgar aqueles que pisarem no homem reto. “É minha a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor” (Rm 12.19, citando Dt 32.35). Você já aprendeu a deixar a vingança para Deus quando é injustiçado?
5. Onde pessoas justas como Nabote obterão sua recompensa – ou a história de Nabote realmente termina com sua morte injusta?

B. Os pecados do pai

2Reis 1

Depois da morte de Acabe, revoltou-se Moabe contra Israel. E caiu Acazias pelas grades de um quarto alto, em Samaria, e adoeceu; enviou mensageiros e disse-lhes: Ide e consultai a Baal-Zebube, deus de Ecrom, se sararei desta doença. Mas o Anjo do SENHOR disse a Elias, o tesbita: Dispõe-te, e sobe para te encontrares com os mensageiros do rei de Samaria, e dize-lhes: Porventura, não há Deus em Israel, para irdes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Por isso, assim diz o SENHOR: Da cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás. Então, Elias partiu. E os mensageiros voltaram para o rei, e este lhes perguntou: Que há, por que voltastes? Eles responderam: Um homem nos subiu ao encontro e nos disse: Ide, voltai para o rei que vos mandou e dizei-lhe: Assim diz o

SENHOR: Porventura, não há Deus em Israel, para que mandes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Portanto, da cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás. Ele lhes perguntou: Qual era a aparência do homem que vos veio ao encontro e vos falou tais palavras? Eles lhe responderam: Era homem vestido de pelos, com os lombos cingidos de um cinto de couro. Então, disse ele: É Elias, o tesbita. Então, lhe enviou o rei um capitão de cinquenta, com seus cinquenta soldados, que subiram ao profeta, pois este estava assentado no cimo do monte; disse-lhe o capitão: Homem de Deus, o rei diz: Desce. Elias, porém, respondeu ao capitão de cinquenta: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então, fogo desceu do céu e o consumiu a ele e aos seus cinquenta. Tornou o rei a enviar-lhe outro capitão de cinquenta, com os seus cinquenta; este lhe falou e disse: Homem de Deus, assim diz o rei: Desce depressa. Respondeu Elias e disse-lhe: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então, fogo de Deus desceu do céu e o consumiu a ele e aos seus cinquenta. Tornou o rei a enviar terceira vez um capitão de cinquenta, com os seus cinquenta; então, subiu o capitão de cinquenta. Indo ele, pôs-se de joelhos diante de Elias, e suplicou-lhe, e disse-lhe: Homem de Deus, seja, peço-te, preciosa aos teus olhos a minha vida e a vida destes cinquenta, teus servos; pois fogo desceu do céu e consumiu aqueles dois primeiros capitães de cinquenta, com os seus cinquenta; porém, agora, seja preciosa aos teus olhos a minha vida. Então, o Anjo do SENHOR disse a Elias: Desce com este, não temas. Levantou-se e desceu com ele ao rei. E disse a este: Assim diz o SENHOR: Por que enviaste mensageiros a consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Será, acaso, por não haver Deus em Israel, cuja palavra se consultasse? Portanto, desta cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás. Assim, pois, morreu, segundo a palavra do SENHOR, que Elias falara; e Jorão, seu irmão, começou a reinar no seu lugar, no ano segundo de Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá, porquanto Acazias não tinha filhos. Quanto aos mais atos de Acazias e ao que fez, porventura, não estão escritos no Livro da História dos Reis de Israel?

Depois da morte de Acabe durante a batalha de Ramote-Gileade (1Rs 22), Acázias assumiu o trono de Israel. Acázias era o filho de Acabe e Jezabel, sendo assim não é de admirar que ele tenha feito “o que era mau perante o SENHOR; porque andou nos caminhos de seu pai, como também nos caminhos de sua mãe... Ele serviu a Baal, e o adorou, e provocou à ira ao SENHOR, Deus de Israel, segundo tudo quanto fizera seu pai” (2Rs 22.51-53). Embora ele devesse ter aprendido dos acontecimentos que tiveram lugar no reinado de seus pais, Acázias teve de aprender por si mesmo o quanto Baal era impotente. O fato de que Acázias mandara consultar Baal fora do território de Israel, pode em si, ser um sinal da eficácia de Elias na luta contra o culto a Baal em Israel (1Rs 18.40). Mas dessa vez, já que o filho se recusou a aprender com a experiência de seus pais, os riscos eram maiores e os resultados foram ainda mais drásticos: quando o fogo caiu do céu, ele não caiu numa oferta sobre o altar como no monte Carmelo (v. 38), mas sim sobre os soldados e mensageiros do rei (2Rs 1.10,12). A imolação do primeiro grupo de cinquenta deveria ter sido suficiente para convencer o rei, mas como o faraó do êxodo, o seu coração estava endurecido, e ele não queria aprender.

No fundo, há sempre um elemento de irracionalidade no pecado. O pecado não é simplesmente uma rebelião. Ele é tolo, estúpido e teimoso – o produto de um raciocínio deficiente. Qualquer rei de Israel deveria ser capaz de lembrar o itinerário da arca da aliança entre as cidades-estados dos filisteus. Quando a arca chegou a Ecrom, os habitantes foram afligidos com tumores horríveis, e o pânico tomou conta da cidade (1Sm 5.10-12). Os deuses filisteus não conseguiram ficar em pé na presença da arca e não puderam manter a saúde e o bem-estar da população (1Sm 5). Por que razão iria alguém ao encontro do deus de Ecrom para consultar sobre sua saúde (2Rs 1.2)? A história de Israel não contém testemunhos eloquentes suficientes para ressaltar a insensatez de tal decisão?

Os seres humanos buscam alívio para o caos e os caprichos da vida; eles lutam incessantemente para serem mestres de seu próprio destino na medida do possível. Eles seguirão em qualquer direção e adotarão qualquer culto religioso ou movimento filosófico que prometa aliviar o terror do desconhecido. Infelizmente, como Acázias, eles procuram quase tudo, menos o Senhor. Regularmente, as Escrituras nos exortam a clamar a Deus, a buscá-lo enquanto ele pode ser achado. É insensatez se deixar enganar pelas falsificações. E é insensatez da parte de Israel, ou também da nossa parte, “trocar a glória de Deus” por ídolos (Sl 106.20; cf. Rm 1.23).

Há ainda, outra possível troca nessa história. Acazias estava à procura de um oráculo de Baal-Zebube (2Rs 1.2). Embora a questão seja discutível, os antigos escribas parecem ter tido um pouco de diversão com o nome desse deus. “Baal-Zebube” significa literalmente “senhor de uma mosca” – não exatamente o que nós consideramos como um nome lisonjeiro para uma divindade. É mais provável que o nome original fosse “Baal-Zebul”, que significa “Príncipe Baal” ou “Baal glorioso”. Em Ugarit, Baal era conhecido como “o Príncipe, o Senhor da terra”. Ao trocar uma letra por outra (o l final por um b), os escribas podem ter deliberadamente e pejorativamente distorcido o verdadeiro nome desse Deus, tanto como uma fonte de humor, como uma maneira de mostrar quanto valor eles davam a essa divindade. O Novo Testamento talvez preserve os vestígios do nome original no termo Belzebu, uma designação para o maioral dos demônios (Mt 10.25; 12.24, 27; Mc 3.22; Lc 11.15, 18-19); a Vulgata associa esse termo com a designação para o deus de Ecrom em 2Reis 1.2 e usa “Beelzebub”.

Quer seja verdade ou não que os escribas estavam deliberadamente manchando a reputação de Baal, ou apenas se divertindo com o seu nome, a própria narrativa em si já faz um ótimo trabalho em depreciar o Baal de Ecrom. Lembre-se que Baal era o Senhor do fogo e dos raios. Quando Acazias buscou Baal, foi Javé que respondeu mostrando seu domínio na área que era supostamente a especialidade de Baal. Fogo novamente caiu como caíra no monte Carmelo, mas agora ele caiu sobre os que estavam em busca de Baal. Como um deus que retornava anualmente dentre os mortos e dava a fertilidade à terra, Baal era também procurado para cura e restauração da vida, em casos de doenças graves. Porém, qualquer que fosse a revelação que o rei Acazias recebesse do oráculo de Baal de Ecrom, Javé já havia pronunciado seu veredicto, e o rei não iria se recuperar de sua doença. Qualquer que fosse a informação que chegasse proveniente do Baal de Ecrom, ela era irrelevante. “O Altíssimo... segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão” (Dn 4.34-35).

Vários estudiosos expressaram sua opinião a respeito das ações de Elias dizendo que foram tolas e insensíveis, em desacordo com a verdadeira natureza de Deus. Para muitos leitores modernos, o profeta parece quase que indiferente e casual na maneira em que manda descer fogo do céu sobre os mensageiros em vez de sobre o próprio rei; todos os soldados de uma guarnição, possivelmente inocentes, são reduzidos a cinzas em vez do rei que os havia mandado. Em vez disso, não devíamos nos

esforçar para entender o fato de que nosso Deus é um fogo consumidor (Hb 12.29; Dt 4.24), que exige ser adorado com reverência e santo temor (Hb 12.28)?

O Deus da Bíblia não irá tolerar arrogância. O orgulho e a presunção dos seres humanos atraem uma incansável resposta de juízo e ira da parte de Deus. No antigo Israel, um mensageiro normalmente apresentava a sua mensagem com a frase “Assim diz X” ou “X diz”, e então começava a falar como se ele fosse a própria pessoa que o havia enviado. Os mensageiros de Acázias foram e disseram: “O rei diz...”, de modo que o imperativo “Desce!” era a ordem do rei, e não do mensageiro (2Rs 1.9,11). O mensageiro tinha a autoridade de quem o enviou. O primeiro mensageiro de Acázias disse, “Desce!” Mas em vez de aprender com a experiência do primeiro grupo, o rei tornou-se ainda mais exigente por meio do segundo mensageiro: “Desce depressa”. O problema aqui foi que o profeta era o mensageiro de Deus. Do mesmo modo que os mensageiros de Acázias usufruíam o poder e o respeito devidos a seu rei, assim também Elias exigiu o devido respeito e reverência para com Aquele que o enviou. O rei estava prestes a aprender que ninguém poderia mandar em Deus. (Is 40.13-14). Embora os dois primeiros grupos de mensageiros tivessem se dirigido ao profeta como “homem de Deus”, eles erradamente assumiram que ele podia ser coagido.

Como o terceiro mensageiro não falou de maneira imperiosa e com a arrogância do rei, ele e suas tropas foram poupados. Em seu orgulho, o rei recusou-se a buscar a Deus para obter informações sobre sua vida, mas o capitão se curvou diante do profeta. Essa abordagem do capitão mostrou reverência para com o Senhor; e, portanto sua vida e a vida de seus homens seriam poupadas, mas a vida do rei acabaria. Ele reconheceu corretamente que não era a vida do profeta que estava em risco, e sim sua própria vida e a de seus homens.

Não podemos saber ao certo por que o rei insistiu tanto para que o profeta fosse pessoalmente ter com ele. Ele estava esperando a informação do oráculo de Baal de Ecom, que um mensageiro estava trazendo (2Rs 1.2), mas o mensageiro voltou e trouxe-lhe a palavra da Javé dizendo que ele morreria (v. 4). Será que ele realmente pensou que poderia intimidar o profeta e alterar o veredicto de Deus? Quando o profeta finalmente apareceu diante do rei, o veredicto permanecia o mesmo (v. 16). As palavras de um verdadeiro profeta realmente se cumprem, e Acázias de fato morreu (v. 17). A presunção que tinha se armado contra Deus foi demolida (2Co 10.5).

João Batista predisse que aquele que viria depois dele batizaria com espírito e com fogo (Mt 3.11; Lc 3.16). Os mensageiros de Acázias vieram de Samaria (2Rs 1.1). Quando os discípulos de Jesus foram rejeitados por uma aldeia samaritana, ele perguntaram, “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?” (Lc 9.53-54). Porém, a vingança pertence ao Senhor (Rm 12.19; Dt. 32.35).

Também houve outro dia em que um mensageiro fiel veio da parte de Deus. Ele era o próprio filho de Deus, e era merecedor da reverência e devoção de todas as pessoas. Contudo, ele foi pendurado numa cruz, e Elias não veio resgatá-lo com fogo (Mt 27.47-49; Mc 15.35-36). Em vez disso, Jesus se humilhou e suportou a ira ardente de Deus a fim de que nós pudéssemos ter vida. E agora a igreja em seu nome apela a todas as pessoas a se humilharem e se curvarem diante dele. Onde reina o orgulho e as pessoas não reverenciam e adoram a Jesus Cristo, resta apenas “uma expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários” (Hb 10.27). Nós conhecemos aquele que disse, “A mim pertence a vingança; eu retribuirei”; e sabemos que “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.30-31). É somente porque Jesus mesmo se interpôs entre nós e Deus, que a pena de morte pronunciada contra nós foi revogada (2Co 1.9).

Para reflexão adicional

1. Acázias adoeceu e seu primeiro pensamento não foi pedir ajuda ao Senhor, e sim a um ídolo. Quando a crise atinge nossa vida, qual é nossa primeira opção para buscar auxílio?
2. Acázias seguiu os passos de seu pai. Tal pai, tal filho. É justo julgar alguém cujo ambiente de crescimento e educação contribuiu para o seu comportamento maligno?
3. Cem homens morreram por causa do pecado do Acázias. Nossos pecados sempre afetam outras pessoas. Pense nas maneiras em que seus pecados afetam os outros. Quem é que vai ser ferido por causa de sua transgressão? Que tipo de exemplo você está dando para os outros?

6

ELISEU, O SUCESSOR DE ELIAS



Elias foi um bom servo do Senhor. Ele teve seus momentos de dúvida e autocomiseração, mas também se levantou corajosamente em nome de Deus em tempos muito perigosos. Seu tempo de descanso chegou e seu sucessor estava pronto.

Nas próximas duas seções (2Rs 2), Eliseu é iniciado como sucessor de Elias e começa seu ministério. Elias pode ter ido embora, mas o poder de Deus para resistir ao mal continuou por meio de Eliseu.

A. Passar o manto

2Reis 2.1-18

Quando estava o SENHOR para tomar Elias ao céu por um redemoinho, Elias partiu de Gilgal em companhia de Eliseu. Disse Elias a Eliseu: Fica-te aqui, porque o SENHOR me enviou a Betel. Respondeu Eliseu: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. E, assim, desceram a Betel. Então, os discípulos dos profetas que estavam em Betel saíram ao encontro de Eliseu e lhe disseram: Sabes que o SENHOR, hoje, tomará o teu senhor, elevando-o por sobre a tua cabeça? Respondeu ele: Também eu o sei; calai-vos. Disse Elias a Eliseu: Fica-te aqui, porque o SENHOR me enviou a Jericó. Porém ele disse: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. E, assim, foram a Jericó. Então, os discípulos dos profetas que estavam em

Jerico se chegaram a Eliseu e lhe disseram: Sabes que o SENHOR, hoje, tomará o teu senhor, elevando-o por sobre a tua cabeça? Respondeu ele: Também eu o sei; calai-vos. Disse-lhe, pois, Elias: Fica-te aqui, porque o SENHOR me enviou ao Jordão. Mas ele disse: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. E, assim, ambos foram juntos. Foram cinquenta homens dos discípulos dos profetas e pararam a certa distância deles; eles ambos pararam junto ao Jordão. Então, Elias tomou o seu manto, enrolou-o e feriu as águas, as quais se dividiram para os dois lados; e passaram ambos em seco. Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. Disse Eliseu: Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito. Tornou-lhe Elias: Dura coisa pediste. Todavia, se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não me vires, não se fará. Indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros! E nunca mais o viu; e, tomando as suas vestes, rasgou-as em duas partes. Então, levantou o manto que Elias lhe deixara cair e, voltando-se, pôs-se à borda do Jordão. Tomou o manto que Elias lhe deixara cair, feriu as águas e disse: Onde está o SENHOR, Deus de Elias? Quando feriu ele as águas, elas se dividiram para um e outro lado, e Eliseu passou. Vendo-o, pois, os discípulos dos profetas que estavam defronte, em Jerico, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. Vieram-lhe ao encontro e se prostraram diante dele em terra. E lhe disseram: Eis que entre os teus servos há cinquenta homens valentes; ora, deixa-os ir em procura do teu senhor; pode ser que o Espírito do SENHOR o tenha levado e lançado nalgum dos montes ou nalgum dos vales. Porém ele respondeu: Não os envieis. Mas eles apertaram com ele, até que, constringido, lhes disse: Enviai. E enviaram cinquenta homens, que o procuraram três dias, porém não o acharam. Então, voltaram para ele, pois permanecera em Jerico; e ele lhes disse: Não vos disse que não fôsseis?

Na Antiga Canaã, Baal era conhecido como “o Cavaleiro das nuvens”. Ele era uma divindade guerreira das forças climáticas. As nuvens escuras e nubladas de uma tempestade eram vistas como as carruagens de batalha nas quais ele andava, os trovões representavam a sua voz e os raios eram sua lança. Já acompanhamos as várias formas em que as narrativas de Elias desafiaram a adoração de Baal nos dias do profeta. Baal não tinha poder algum sobre a tempestade, a chuva, o fogo ou a fertilidade da terra, porque essas coisas todas eram as dádivas de Javé, o Deus de Israel.

Em vez de conceder a Baal o título de “Cavaleiro das Nuvens”, o Antigo Testamento insiste em que esse título por direito pertence ao Senhor (Dt 33.26; Sl 68.4; 104.3; Is 19.1). O Senhor Deus de Israel, comandante supremo dos exércitos celestiais, cavalga nos céus em sua carruagem de tempestade (Sl 68.17; 104.3; Ez 1; Jl 2.5; Hc 3.8; Zc 6.1-2; 1Cr 28.18; 2Rs 7.6). A carruagem de Javé é como um torvelinho (Is 66.15; Jr 4.13). A nuvem de glória e a coluna de fogo e fumaça, que atestavam a presença de Deus, precediam Israel nas batalhas. Deus e os exércitos celestiais, de dentro da nuvem, lutaram a favor de Israel no mar Vermelho (Êx 15.4,19).

Quando Eliseu viu o torvelinho e os cavalos de fogo, o simbolismo não deixou sombra de dúvida (2Rs 2.11-12). Deus, o homem de guerra, o capitão dos exércitos dos céus, tinha vindo buscar seu servo, e o levou em sua carruagem de guerra. Elias lutara o bom combate, e agora o seu comandante iria retirá-lo do campo de batalha e levá-lo para sua recompensa celeste.

O Novo Testamento observa inúmeros paralelos entre a vida de Jesus e a de Elias. Para citar apenas um, não menos importante, o episódio da ascensão de Jesus para os céus.¹ Jesus, assim como Elias, foi recebido nas nuvens (At 1.9), e dois anjos lembraram aos discípulos o que Jesus já tinha lhes dito, “Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (At 1.11). De maneiras que são tanto semelhantes quanto diferentes de Elias, Jesus voltará novamente. No céu aparecerá o sinal do Filho do Homem (Dn 7.13-14) e “todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mt 24.30; cf. 26.64; Mc 13.26; 14.62; Lc 21.27).

Na arte religiosa, na maioria das vezes a segunda vinda de Jesus é retratada com nuvens amigáveis, fofinhas, brancas e ondulantes. Lamentavelmente, tais retratos não estão corretos. Quando Jesus voltar nas nuvens, ele voltará como o guerreiro divino em sua carruagem de tempestade,

comandando os exércitos celestiais. As nuvens estarão pretas, carregadas com lampejos de fogo e ventos arrasadores, porque ele voltará para julgar a terra, para se vingar de seus inimigos e para estabelecer seu reino. O apóstolo João escreveu (Ap 1.7),

Eis que vem com as nuvens,
e todo olho o verá,
até quantos o traspassaram.
E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele.
Certamente. Amém!

Porque os profetas eram os emissários do guerreiro divino que lutava em nome de Israel, inúmeras vezes eles foram encontrados no campo de batalha ou dando oráculos aos reis de Israel sobre a condução da guerra. A lista extensa de oráculos contra as nações estrangeiras que se encontram em certos livros proféticos são um tipo de guerra santa verbal contra os inimigos de Israel.

Quando a carruagem levou Elias embora, Eliseu clamou, “Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros!” (2Rs 2.12). A maioria dos leitores parafraseia mentalmente essa frase com algo mais ou menos assim: “Elias, Elias! Veja, aqui vêm as carruagens e os cavaleiros de Israel!” Embora essa interpretação do grito de Eliseu seja plausível dentro do contexto, ela provavelmente não é a correta. Uma declaração idêntica foi feita em referência a Eliseu quando ele estava perto da morte (2Rs 13.14), mas não havia nenhuma carruagem para levá-lo embora. Em 2Reis 13.14, “os carros de Israel e seus cavaleiros” é um epíteto usado para descrever o próprio profeta, e essa é a provável interpretação correta também em 2Reis 2.12. Nos tempos de guerra no antigo Israel, ter um profeta a seu favor era ter o exército de Deus (2Rs 3.14-19; 6.8-12,17).

A igreja, também é chamada à guerra. Jesus não é somente o grande e último profeta, mas também o capitão dos exércitos do Senhor (Ap 19.11-16). Ele lutou nossas batalhas por nós. Ele vale mais para nós do que qualquer número de carruagens e cavalos (Sl 20.7). Obviamente, nossa guerra é diferente das batalhas travadas pelo antigo Israel. Nossas armas são espirituais – elas são a espada do Espírito e a palavra de Deus. Nossas armas são frequentemente palavras, princípios e argumentos voltados para demolir toda pretensão que se levanta contra nosso Deus (2Co 10.4-5). Usamos uma armadura exclusiva e única em

nossa guerra espiritual (Ef 6). O capitão dos exércitos dos céus, o nosso comandante e Salvador, Jesus, vai conosco para a batalha.²

No Novo Testamento, Mateus modela a relação entre João Batista e Jesus para que ela espelhe os aspectos do relacionamento entre Elias e Eliseu.³ Foi no rio Jordão que tanto João como Elias ungiram seus sucessores. Jesus e Eliseu iriam ambos desfrutar da presença do Espírito de Deus (“uma porção dobrada”) numa medida superior a de seus antecessores. Moisés dividiu o mar Vermelho, e Elias dividiu as águas do rio Jordão. Eliseu, o sucessor de Moisés e Elias, demonstrou que o mesmo Espírito estava sobre ele quando, também, dividiu as águas (2Rs 2.8, 14).

Na antiga Canaã, o rio e o mar eram os rivais de Baal.⁴ O Príncipe Mar e o Juiz Rio eram seus inimigos. Eles ameaçavam destruí-lo se ele não pudesse contê-los com sucesso. No Antigo Testamento, no entanto, o mar e o rio não ameaçam a Javé; em vez disso, ele governa sobre eles, e eles fazem sua vontade (Gn 1.2; Js 3.8; 4.18; Jz 5.21; Sl 46.4; Is 41.18; Dn 7.10; cf. Ap 22.1-2). Assim como Eliseu deu ordens às águas do rio Jordão em nome do Senhor, Deus de Elias (2Rs 2.14), do mesmo modo Jesus deu ordens à tempestade no mar da Galileia, onde nasce o rio Jordão (Lc 8.22-25). O vento e as ondas obedeceram a ele.

No Antigo Testamento, a profundidade das águas muitas vezes representava a morte (p. ex., Jn 2.3-6; Sl 69.1-2). Elias cruzou as profundezas do rio Jordão e foi recebido na presença de Deus. Nós, também, enfrentamos as profundezas destemidamente e ansiamos pela nossa própria ressurreição, quando “seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4.17).

O manto de Elias era um símbolo da maneira em que o Espírito de Deus o tinha revestido (ver cap. 4, seção B, “O herdeiro e sucessor de Elias”). Quando Eliseu atingiu a água com o manto de Elias, os profetas na beira do rio souberam imediatamente que o espírito de Elias repousava sobre Eliseu (2Rs 2.15). João veio vestido como Elias (2Rs 1.8; Mt 3.4), e ali mesmo no rio Jordão ungiu seu sucessor. Em vez de o rio se abrir, foram os céus que se abriram; e o Espírito de Deus desceu e repousou sobre Jesus (Mt 3.16-17). Eliseu havia pedido uma porção dobrada do espírito que repousava em Elias. A “porção dobrada” era a herança dada ao filho primogênito em Israel (Dt 21.17). Do mesmo modo, quando o Espírito de Deus desceu sobre Jesus, a própria voz

de Deus testemunhou do céu, “Este é o meu Filho amado”; aqui está meu primogênito”.

Para reflexão adicional

1. Pense em algumas das maneiras em que a Bíblia revela Deus como o guerreiro divino. Nas Escrituras, como essa imagem é aplicada a Jesus?
2. Jesus derrotou de uma vez por todas Satanás, a morte e a sepultura. Porém, até que ele retorne para banir o mal e para reordenar a criação, estaremos envolvidos na guerra espiritual. De que maneiras você está ciente dessa batalha? O que você está fazendo para vencer o mal em sua própria vida e neste mundo?
3. A vida é uma batalha. Onde você vê conflito em sua própria vida? De que modo você luta contra ele?
4. O manto do profeta era um símbolo físico de ele ter sido revestido com o Espírito de Deus. O Novo Testamento muitas vezes usa essa imagem de revestimento em Romanos 13.14; 1Coríntios 15.53-54; 2Coríntios 5.2; Efésios 4.24; Colossenses 3.10, 12; e 1Pedro 5.5. Pense sobre essas passagens.
5. Eliseu foi ganancioso ao desejar uma “porção dobrada” do Espírito de Deus? Por que sim ou por que não?

B . Uma história de duas cidades

2Reis 2.19-25

Os homens da cidade disseram a Eliseu: Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más, e a terra é estéril. Ele disse: Trazei-me um prato novo e ponde nele sal. E lho trouxeram. Então, saiu ele ao manancial das águas e deitou sal nele; e disse: Assim diz o

SENHOR: Tornei saudáveis estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade. Ficaram, pois, saudáveis aquelas águas, até o dia de hoje, segundo a palavra que Eliseu tinha dito. Então, subiu dali a Betel; e, indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhe: Sobe, calvo! Sobe, calvo! Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou em nome do SENHOR; então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles. Dali, foi ele para o monte Carmelo, de onde voltou para Samaria.

Jericó era um oásis localizado no vale do Jordão, poucos quilômetros ao norte de mar Morto, na foz do uádi Kelt. O uádi Kelt formava um magnífico cânion que descia das colinas a oeste do vale do Jordão. Na base do vale surgiram várias nascentes, proporcionando à área uma abundante fonte de água. Hoje em dia, as temperaturas quentes e as abundantes águas tornaram a região em volta de Jericó fértil para frutas cítricas e outras culturas.

No entanto, Jericó tem uma história conturbada. Quando Israel entrou pela primeira vez naquela terra e lutou em Jericó, Josué proferiu uma maldição contra a cidade: “Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas” (Js 6.26). A história dos males que existiam em Israel durante o reinado de Acabe começa com o anúncio que “Em seus dias [de Acabe], Hiel, o betelita, edificou a Jericó; quando lhe lançou os fundamentos, morreu-lhe Abirão, seu primogênito; quando lhe pôs as portas, morreu Segube, seu último, segundo a palavra do SENHOR, que falara por intermédio de Josué, filho de Num” (1Rs 16.34).

O breve relato em 2Reis 2.19-22 é provocante em parte por causa daquilo que não nos diz. Nenhuma explicação é dada sobre o porquê de o manancial estar envenenado, quanto tempo estivera assim ou por que foi colocado sal na água. Na falta de alguma ajuda no próprio texto para responder a essas questões, é provavelmente melhor evitar especulações.

O que está claro no texto é que após a ação de Eliseu, a água se tornou saudável e a fertilidade da terra foi restaurada. Tenha em mente a natureza dos milagres na Bíblia: (1) os milagres são redentores – eles restauram a condição primitiva e corrigem o que está errado, e (2) porque eles restauram plenamente, os milagres apontam para o futuro e

antecipam o novo céu e a nova terra. Na cura das águas em Jericó, temos um vislumbre de restauração do paraíso e a remoção da maldição a qual foi submetida a criação por causa do pecado. Não são somente as pessoas que são redimidas, mas a própria criação. A criação foi sujeita à decadência e frustração, e ela anseia pela sua própria redenção (Rm 8.20-22). Em Jericó, uma pequena porção da criação foi redimida da sua própria corrupção e decadência; nessa pequena demonstração do poder de Deus, aguardamos ansiosamente pela renovação dos céus e da terra.

Ao descrever o futuro glorioso de uma criação renovada, é realmente surpreendente que Ezequiel inclua nela a transformação do mar Morto, localizado ao sul de Jericó (Ez 47.1-12). Ao passo que Eliseu derramou sal no manancial de Jericó, o sal do mar Morto será removido por um rio vivificante que fluirá diretamente da presença de Deus. Em ambos os casos a criação será libertada da inutilidade e esterilidade. As nossas próprias vidas são renovadas por essa água vivificante (Jo 4.10-14; 7.37-39), e toda a criação também o será (Ap 22.1-3).

Em Israel, no século 9º. a.C., Baal alegara ter domínio sobre as chuvas e as águas. Porém, mais uma vez, por meio da história e dos acontecimentos, Deus manifestou que era ele mesmo quem governava sobre as águas e que Baal era apenas uma ilusão.

“A morte dos meninos zombadores”

À primeira vista, a história do manancial em Jericó e a história dos meninos zombadores em Betel não parecem ter relação. Porém, há conexões. Foi Hiel de Betel que zombara de Deus ao fortificar uma cidade que Deus havia amaldiçoado (1Rs 16.34). Foram cidadãos de Betel que zombaram de Deus com os bezerros de ouro, os ídolos que foram proclamados como os deuses que tinham resgatado Israel do Egito (12.28-29). Os filhos são como os pais – não é surpreendente encontrar escarneckedores entre os rapazes de Betel.

As Escrituras descrevem a ação de zombar quase de maneira uniforme como uma ação de ímpios (Sl 1.1; Pv 1.22; 13.1; 24.9; 29.8). Ao zombarmos de uma pessoa, ridicularizamos alguém que foi feito à imagem e semelhança de Deus e, portanto, ridicularizamos o próprio Deus que o criou. Talvez Tiago estivesse com essas duas histórias (a cura do manancial em Jericó e a dos meninos zombadores) em mente quando escreveu a respeito da língua, “Com ela bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é

conveniente que estas coisas sejam assim. Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?" (Tg 3.9-11).

Zombar de alguém é uma das coisas mais destrutivas que uma pessoa pode fazer a outra. E mais especificamente, zombar do mensageiro de Deus é como zombar daquele que o enviou.

Tenha em mente, mais uma vez, a maneira em que os milagres na Bíblia apontam na direção do final dos tempos. Esses jovens zombaram de Eliseu, e Deus os julgou por sua zombaria. O que era verdade para o indivíduo seria igualmente verdadeiro para a nação. Israel zombou de seus profetas (2Cr 36.16), e Deus julgou seu povo na destruição de Jerusalém. Um grande urso sob a forma de Nabucodonosor veio da Babilônia e despedaçou a nação. O Messias de Israel também foi ridicularizado, e ao ridicularizar o Filho que Deus mandara, as pessoas estavam ridicularizando o próprio Deus (Sl 22.7; 89.50-51; Is 50.6; Mt 20.19; 27.29,31,41). Essa zombaria, também, seria vingada.

Paulo articulou o princípio muito claramente. Ele disse, "Não vos enganeis: de Deus não se zomba, pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6.7). Uma colheita do que seja que nós semeamos está a caminho (Gl 6.9). Naquele dia, Deus vai zombar dos escarnecedores (Pv 3. 34), e ele vai rir por último.

Mais uma vez, alguns detalhes da passagem não estão claros. Elias era um homem peludo (2Rs 1.8), mas Eliseu era careca. A calvície da cabeça de Eliseu aparentemente serviu de ponto de partida para uma zombaria que no final tinha pouco a ver com sua calvície. Os meninos gritaram, "Sobe, calvo!" "Sobe" para onde? Será que eles estavam dizendo-lhe para deixar a cidade, ou estavam dizendo para ele "subir" como Elias (2Rs 2.11)? Não podemos saber. Mas foi suficiente para que o profeta proferisse uma maldição contra seus atormentadores.

É surpreendente que parte da zombaria que fizeram de Jesus fora direcionada a sua cabeça, incluindo uma parte de seu cabelo sendo arrancado (Is 50.6) e a colocação de uma coroa de espinhos na cabeça dele. Há também uma outra diferença marcante. Quando Jesus foi ridicularizado e atormentado, a multidão gritou o oposto que os escarnecedores de Eliseu: "desce da cruz!", eles zombavam (Mt 27.40, 42). Mas no meio desse deboche, até mesmo por parte daqueles que haviam sido crucificados com ele (Mt 27.44), Jesus prometeu levar consigo um deles para o paraíso (Lc 23.40-43) e orou pelos demais, "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Jesus abriu o caminho para que a zombaria pecadora pudesse ser perdoada.

Para reflexão adicional

1. Os milagres são redentores e escatológicos: eles restauram algo corrompido ao seu estado primitivo, bem como antecipam a renovação dos céus e da terra. Pense em outros milagres na Bíblia e como eles mostram alguma dessas características.
2. Como o milagre que curou as águas constitui um golpe contra Baal?
3. Zombar do profeta de Deus é zombar de Deus, pois a palavra de Deus está estreitamente identificada com a pessoa de Deus. Na nossa sociedade, atualmente, como está sendo zombada a palavra de Deus? E em nossas igrejas? Em nossa vida? O objetivo do perdão que Cristo nos oferece é que possamos ser renovados e obedeçamos a ele. Em que você precisa mudar?
4. A Bíblia nos instrui a fazer mais do que simplesmente nos abstermos de zombar de Deus. O que podemos fazer para positivamente evitar que Deus seja zombado?
5. Neste capítulo, nós vimos que os seres humanos feitos à imagem e semelhança de Deus são, muitas vezes, vítimas de nosso escárnio. De quem nós zombamos e a quem ridicularizamos? Por que somos tão propensos a zombar dos outros?



As próximas duas histórias devem nos soar bastante familiares. Se voltarmos para 1Reis 17.7-16, lemos uma história muito parecida com a de 2Reis 4.1-7. Em ambas as histórias, o profeta milagrosamente fornece alimento num tempo de grande necessidade. Na história seguinte (2Rs 4.8-37), nós escutamos ecos de 1Reis 17.17-24. Nessas histórias, as mulheres que ajudaram o profeta perdem um filho, mas Deus usa o profeta para ressuscitar a criança. As histórias não são idênticas em detalhes, mas elas são semelhantes em seus temas principais. A comparação demonstra que Deus continua a operar por meio de Eliseu, mesmo depois de Elias ter ido embora.

A. A viúva pobre de um profeta

2Reis 4.1-7

Certa mulher, das mulheres dos discípulos dos profetas, clamou a Eliseu, dizendo: Meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que ele temia ao SENHOR. É chegado o credor para levar os meus dois filhos para lhe serem escravos. Eliseu lhe perguntou: Que te hei de fazer? Dize-me que é o que tens em casa. Ela respondeu: Tua serva não tem nada em casa, senão uma botija de azeite. Então, disse ele: Vai, pede emprestadas vasilhas a todos os teus vizinhos; vasilhas vazias, não poucas. Então, entra, e fecha a porta sobre ti e sobre teus filhos, e deita o teu azeite em todas aquelas vasilhas; põe à

parte a que estiver cheia. Partiu, pois, dele e fechou a porta sobre si e sobre seus filhos; estes lhe chegavam as vasilhas, e ela as enchia. Cheias as vasilhas, disse ela a um dos filhos: Chega-me, aqui, mais uma vasilha. Mas ele respondeu: Não há mais vasilha nenhuma. E o azeite parou. Então, foi ela e fez saber ao homem de Deus; ele disse: Vai, vende o azeite e paga a tua dívida; e, tu e teus filhos, vivei do resto.

No antigo Israel não havia nenhum sistema de previdência social. Deus, em sua sabedoria, deu a Israel leis e costumes para que as famílias fossem responsáveis por cuidar das pessoas na velhice e dos pobres. Particularmente as leis relacionadas ao parente resgatador, ao Jubileu e aos anos sabáticos (Lv 25.25-55), às colheitas (Dt 24.19-22), ao casamento levirato (Dt 25.5-10; Rute) e uma regulamentação rigorosa referente à prática de empréstimos (Êx 22.25; Lv 25.36-37; Dt 23.19-20; Sl 15.5; Ez 18.8) foram todas projetadas para manter os homens e mulheres de Israel livres da escravidão por causa de dívidas e sendo cuidados por algum tipo de família (cf. 1Tm 5.3-4; Tg 1.27). Deus, que havia resgatado Israel da escravidão no Egito, tomara as medidas para que seu povo não caísse novamente na escravidão (Êx 6.6; 13.3, 14; Lv 25.42; 26.13; Dt 5.6; 15.15; 24.18, 22).

No entanto, essa passagem nada diz sobre essas medidas especiais. Talvez a viúva não tivesse parentes para resgatar seus bens e filhos, e não tivesse família alguma que pudesse acolhê-la. Por alguma razão, ela e seus filhos tinham passado através da peneira de proteção social, e agora seus filhos estavam prestes a ser escravizados para cobrir as dívidas.

Pelo menos num aspecto as coisas não mudaram muito entre os Testamentos: Deus “escolheu os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam” (Tg 2.5). Não sabemos ao certo se o marido da viúva pobre havia provido efetivamente para as necessidades de sua família – a passagem omite isso também. Mas aparentemente, ele fora um fiel (embora anônimo) membro do grupo de profetas; ele “temia ao SENHOR” (2Rs 4.1). Embora não tivesse sido rico segundo o critério normal pelo qual as pessoas medem a riqueza, ele foi rico para com Deus e tinha ajuntado para si tesouros no céu (Lc 12.21). No Antigo Testamento, não menos do que no Novo, a promessa de Deus era a mesma: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt. 6.33). Nosso Pai celestial sabe do que precisamos.

Nossa fraqueza é sempre uma oportunidade para Deus mostrar sua força (1Co 1.25,27; 12.22; 2Co 12.5-10; 13.4). Os pobres e os mais fracos são objeto específico do seu cuidado. O próprio Deus “faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes” (Dt 10.18; cf. Êx 22.22; Dt 14.29; Sl 68.5; Is 1.17,23; Jr 22.3; Ez 22.7; Zc 7.10; Ml 3.5). Como a viúva pobre e seu filho, aos quais fora enviado Elias em Sarepta (1Rs 17.7-16), essa viúva descobriu que seu óleo não iria cessar de fluir até que ela tivesse pago todas as suas dívidas.

As dívidas que eles não podiam pagar foram pagas por Deus. Ele foi seu resgatador, e ele é o nosso. A dívida maior que todos nós temos é a hipoteca sobre a nossa alma. É uma dívida que não podemos pagar. Mas Deus pode pagá-la. Ele já pagou, dando seu próprio filho como resgate por nossa alma. Em certo sentido, os filhos dessa mulher foram salvos da escravidão porque Deus era o parente e resgatador mais próximo deles; seu próprio Filho iria pagar as dívidas deles e as nossas.

Os filhos da viúva estavam sujeitos à escravidão porque eles haviam sido colocados como fiadores ou penhores de uma obrigação, como garantia de que a dívida seria paga. Deus, também fez uma promessa, e o fiador de sua obrigação é seu próprio filho. “Jesus se tem tornado fiador de superior aliança” (Hb 7.22).

Pouco é dito sobre o credor que ameaçou tomar os filhos da viúva. Tempos depois, Jesus contaria uma parábola sobre um homem semelhante, ao qual fora perdoado uma enorme dívida que ele não conseguira pagar, mas que, em seguida, não demonstrou misericórdia para alguém que lhe devia um montante muito menor (Mt 18.23-35). Nessa história, é usada uma dívida monetária para ilustrar um princípio espiritual: Nós que devemos tanto a um Deus que nos perdoa, não ousemos negar perdão para outros (Mt 18.35; cf. Mc 12.40; Lc 20.47).

Mais uma vez, tenha em mente a natureza dos milagres na Bíblia. Milagres são redentores, e eles apontam para a futura restauração do cosmos. É fácil ver como esse fluir milagroso do óleo foi redentor para livrar da escravidão os filhos da viúva. E ele também aponta para o futuro ao antecipar a renovação dos céus e da terra. No paraíso restaurado, não haverá necessidade, fome, dor ou medo. Com frequência, o Antigo Testamento retrata a bênção do futuro escatológico em termos de produtividade agrícola (Am 9.13-15; Jl 3.18; Ez 47.12; Zc 3.10). A viúva e seus filhos desfrutaram de uma antecipação da abundância de sua redenção.

Para reflexão adicional

1. A viúva do profeta enfrentava uma crise em sua vida. Sem marido a quem pudesse recorrer, ela recorreu ao profeta Eliseu. Quando você enfrenta uma crise, a quem recorre?
2. Deus encontra oportunidades nas nossas fraquezas. Qual é sua fraqueza? Você vê o poder de Deus nessas áreas de sua vida?
3. A multiplicação do óleo nos lembra da multiplicação dos pães e dos peixes, muitos anos depois, na Galileia. Enquanto Eliseu perguntou à viúva, “O que a senhora tem em casa?”, Jesus mais tarde perguntaria, “Quantos pães você tem?” (Mc 6.38). Jesus era um profeta como Eliseu, mas ainda maior. Em ambos os casos, Deus multiplicou o que ele já havia dado. Como você experimenta sua providência para suas necessidades?
4. O óleo é muitas vezes um símbolo do Espírito Santo. Deus não é avarento com aqueles que o procuram em suas necessidades. Ele multiplicou o óleo da viúva até que sua casa estivesse totalmente repleta, a não caber mais. Quando Jesus ensinou seus discípulos a orar, ele encorajou-os a pedir, buscar e bater, ele lhes deu esta certeza: “Quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem!” (Lc 11.9-13). Pense em sua vida de oração. Ela precisa de mudança? Em caso afirmativo, como?
5. O que as pessoas lhe devem? Você é um credor que não perdoa nada?

B. Uma família em Suném

2Reis 4.8-37

Certo dia, passou Eliseu por Suném, onde se achava uma mulher rica, a qual o constrangeu a comer pão. Daí, todas as vezes que passava por lá, entrava para comer. Ela disse a seu marido: Vejo que este que passa sempre por nós é santo

homem de Deus. Façamos-lhe, pois, em cima, um pequeno quarto, obra de pedreiro, e ponhamos-lhe nele uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro; quando ele vier à nossa casa, retirar-se-á para ali. Um dia, vindo ele para ali, retirou-se para o quarto e se deitou.

Então, disse ao seu moço Geazi: Chama esta sunamita. Chamando-a ele, ela se pôs diante do profeta. Este dissera ao seu moço: Dize-lhe: Eis que tu nos tens tratado com muita abnegação; que se há de fazer por ti? Haverá alguma coisa de que se fale a teu favor ao rei ou ao comandante do exército? Ela respondeu: Habito no meio do meu povo. Então, disse o profeta: Que se há de fazer por ela? Geazi respondeu: Ora, ela não tem filho, e seu marido é velho. Disse Eliseu: Chama-a. Chamando-a ele, ela se pôs à porta. Disse-lhe o profeta: Por este tempo, daqui a um ano, abraçarás um filho. Ela disse: Não, meu senhor, homem de Deus, não mintas à tua serva.

Concebeu a mulher e deu à luz um filho, no tempo determinado, quando fez um ano, segundo Eliseu lhe dissera. Tendo crescido o menino, saiu, certo dia, a ter com seu pai, que estava com os segadores. Disse a seu pai: Ai! A minha cabeça! Então, o pai disse ao seu moço: Leva-o a sua mãe. Ele o tomou e o levou a sua mãe, sobre cujos joelhos ficou sentado até ao meio-dia, e morreu. Subiu ela e o deitou sobre a cama do homem de Deus; fechou a porta e saiu. Chamou a seu marido e lhe disse: Manda-me um dos moços e uma das jumentas, para que eu corra ao homem de Deus e volte. Perguntou ele: Por que vais a ele hoje? Não é dia de Festa da Lua Nova nem sábado. Ela disse: Não faz mal. Então, fez ela albardar a jumenta e disse ao moço: Guia e anda, não te detenhas no caminhar, senão quando eu to disser. Partiu ela, pois, e foi ter com o homem de Deus, ao monte Carmelo. Vendo-a de longe o homem de Deus, disse a Geazi, seu moço: Eis aí a sunamita; corre ao seu encontro e dize-lhe: Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino? Ela respondeu: Tudo bem. Chegando ela, pois, ao homem de Deus, ao monte, abraçou-lhe os pés. Então, se chegou Geazi para arrancá-la; mas o homem de Deus lhe disse: Deixa-a, porque a sua alma está em amargura, e o SENHOR mo encobriu e não mo manifestou. Disse ela: Pedi eu a meu senhor

algum filho? Não disse eu: Não me enganes? Disse o profeta a Geazi: Cinge os lombos, toma o meu bordão contigo e vai. Se encontrares alguém, não o saúdes, e, se alguém te saudar, não lhe respondas; põe o meu bordão sobre o rosto do menino. Porém disse a mãe do menino: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. Então, ele se levantou e a seguiu. Geazi passou adiante deles e pôs o bordão sobre o rosto do menino; porém não houve nele voz nem sinal de vida; então, voltou a encontrar-se com Eliseu, e lhe deu aviso, e disse: O menino não despertou. Tendo o profeta chegado à casa, eis que o menino estava morto sobre a cama. Então, entrou, fechou a porta sobre eles ambos e orou ao SENHOR.

Subiu à cama, deitou-se sobre o menino e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Então, se levantou, e andou no quarto uma vez de lá para cá, e tornou a subir, e se estendeu sobre o menino; este espirrou sete vezes e abriu os olhos. Então, chamou a Geazi e disse: Chama a sunamita. Ele a chamou, e, apresentando-se ela ao profeta, este lhe disse: Toma o teu filho. Ela entrou, lançou-se aos pés dele e prostrou-se em terra; tomou o seu filho e saiu.

Essa história contrasta com a anterior em vários aspectos. Os cuidados de Deus não se limitam aos que são pobres, mas se estendem também àqueles que são ricos. A mulher em 2Reis 4.1-7 era muito pobre, mas pelo menos tinha filhos. A mulher de Suném, por outro lado, era rica (v. 8). Em vez de enfrentar privações, como aconteceu com a viúva da narrativa anterior, ela foi capaz de abrigar e alimentar o profeta em algumas ocasiões. Ela tinha servos e gado; estava segura e disse que “habitava no meio do seu povo” (v. 13). Ela provavelmente nunca teria de enfrentar um credor ou a falta de cuidados.¹ Porém, não tinha filhos.

É muito difícil para os leitores ocidentais modernos apreciarem a profundidade do desejo e a pressão cultural por um herdeiro masculino no antigo Israel, onde os direitos de herança normalmente passavam para os filhos homens e era a linhagem masculina que perpetuava o nome de família. A passagem não indica se a mulher e seu marido tinham alguma filha. A impressão que fica é que a mulher era estéril, uma condição que muitas vezes causava sofrimento (Gn 11.30; 25.21; 29.31; Êx 23.26;

1Sm 2.5; Jó 24.21; Sl 113.9; Pv 30.16; Is 54.1; Lc 1.7,36; 23.29; Gl 4.27; Hb 11.11). Seu marido já era velho (2Rs 4.14), mas, tal como acontecera com Abraão e Sara antes deles (Gn 11.30) e Zacarias e Isabel depois (Lc 1.7,36), Deus abençoaria a vida deles com a promessa de um filho.

Tempos depois, Jesus proferiu o princípio: “Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo” (Mt 10.40-41). A ajuda altruísta que a mulher dera ao profeta não ficaria sem recompensa.

Suném estava localizada a mais ou menos 33 quilômetros do monte Carmelo. Numa ocasião em que o profeta pousara na casa da mulher, ele perguntou se havia alguma coisa que podia fazer por ela. Sua resposta foi uma de alguém satisfeito com sua própria vida (2Rs 4.13), talvez por temor de que pedir um filho seria passar do limite, ou simplesmente de maneira gentil recusara a oferta do profeta para fazer algo por ela junto às autoridades do governo.

Como a fé da viúva gentia a quem Elias ministrara (1Rs 17), a fé dessa mulher foi expressada (2Rs 4.8-17), testada (4.18-28) e confirmada (4.29-37) por meio desses acontecimentos. Sua alegria inicial deu lugar ao desânimo e confusão, apenas para depois ser restaurada com o restabelecimento da criança.

Há muito a ser aprendido sobre fé nas ações dessa mulher. Quando seu filho adoeceu, ela agiu com rapidez e obstinada determinação para falar com o profeta. Não houve vacilo algum da parte dela. Ela não informou ao marido que a criança tinha morrido; garantiu a seu marido e a Geazi que tudo estava bem ou estaria bem se ela apenas conseguisse encontrar Eliseu.

Fé é crer continuamente nas promessas e na bondade de Deus. Fé é dar por certo que Deus será sempre fiel à sua palavra. É saber que ele é capaz de fazer infinitamente mais do que pedimos ou imaginamos (Ef 3.20). Deus jamais nos engana ou ilude (2Rs 4.16,28).

O que foi necessário para que o menino fosse revivido?

Em primeiro lugar, o profeta mandou seu bordão na frente, nas mãos do seu servo Geazi. A tarefa de Geazi era urgente, e ele deveria colocar o bordão do profeta sobre o rosto do menino. É bem provável que não seja possível entender com certeza absoluta o que esse gesto representava. Talvez o profeta tenha querido comparar seu bastão à vara de Moisés no

deserto (Êx 4.2,4,17; 7.17-20; 8.5-17; 9.23; 14.16; 17.9; Nm 20.7-11). Pode ser que o bastão fosse um emblema do profeta e seu ofício, um símbolo visível de que ele estava a caminho (Gn 38.18, 25; 49.10; Nm 17.1-10). Também poderia ter sido um emblema do próprio bordão de Deus como o Pastor de Israel, o bordão que dá consolo no vale da sombra da morte (Sl 23.4). Qualquer que seja o simbolismo envolvido com o bordão, ele não funcionou para fazer a criança reviver.

Em segundo lugar, uma vez que o profeta chegara, ele e a mãe do menino oraram por ele (2Rs 4.33). Porém, uma vez mais, não houve resposta.

Finalmente, de modo semelhante a como Elias fizera com o filho da viúva (1Rs 17.21), Eliseu se estendeu sobre o corpo do menino, pondo junta com junta, boca com boca, olho com olho, e mão com mão (2Rs 4.34). Dessa maneira, o profeta se identificou com o menino na sua mortalidade e morte, e só então foi a vida restaurada para a criança (v. 35).

Os cristãos não podem ler essa história sem pensar em um sucessor ainda maior do que Eliseu. Duas mulheres fiéis, Maria e Marta, procuraram Jesus quando o irmão delas, Lázaro, morreu. Jesus, também, chegou atrasado à casa do falecido (Jo 11.6). Lá, Jesus ensinou a Maria e Marta que ele era a ressurreição e a vida, e que aqueles que cressem nele não morreriam (vs. 25-26). No túmulo de Lázaro, aqueles que creram viram a glória de Deus, do mesmo modo que aquela mulher sunamita de tempos atrás (v. 40).

Suném estava localizada na encosta sudoeste da colina de Moré, ao longo da borda da planície de Jezreel. Apenas a alguns quilômetros de distância ficava o local onde a aldeia de Naim iria situar-se no período do Novo Testamento. Foi nessa minúscula aldeia que chegou alguém maior que Elias e Eliseu. Lá ele encontrou o cortejo fúnebre do filho único de uma viúva que morava na cidade, e, a um comando seu, Jesus restaurou a vida da criança. A multidão estava correta em sua reação, “Grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou o seu povo” (Lc 7.16).

Como todos os milagres, o milagre que Eliseu realizara no filho da viúva sunamita apontava para o futuro. Ele antecipou e forneceu uma prova da ressurreição dos mortos. Mas também fez mais do que isso. Ele mostrou, em certa medida, como Deus vai operar essa ressurreição. Ele enviaria seu próprio Filho para se identificar conosco e assumir a nossa humanidade e mortalidade (Fp 2.5-11; Hb 2.14-15). Nós somos ressuscitados por causa de sua ressurreição; nossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus (Cl 3.1-3).

Para reflexão adicional

1. Na história anterior a essa, Deus usou o profeta para ministrar a uma mulher pobre. Na história presente, Deus, por meio do profeta, auxiliou uma mulher rica. Deus não faz acepção de pessoas. Você ama igualmente todas as pessoas, ou dá preferência aos pobres (ou aos ricos)?
2. A mulher rica em Suném parecia não ter falta de nada. Embora ela não ousasse pedir um filho (talvez por causa de orações não respondidas em tempos passados), sua reação ao anúncio de Eliseu revela a profundidade do seu desejo e o medo da decepção. O Senhor conhece nossas necessidades, mesmo quando somos relutantes em admiti-las. Como você encontra satisfação quando um desejo profundo do seu coração continua insatisfeito?
3. O filho da mulher morrera, mas sua fé no Senhor não. Sua fé persistiu e se firmou mesmo quando se encontrou face a face com a morte. Suas esperanças e expectativas para essa criança prometida a compeliram a crer que Deus não permitiria sua morte. O filho dado à virgem Maria também morreu apesar das esperanças e expectativas de muitos. Eles esperavam um rei, e, de repente, tinham um cadáver crucificado. É muito frequente, na Bíblia, que os planos maiores de Deus sejam revelados quando ele estilhaça as expectativas do seu povo. Você já passou por uma situação em que Deus lhe concedeu o seu desejo, mas logo isso murchou e morreu? Você conseguiu visualizar o plano superior que ele tem para sua vida?
4. O que você acha do fracasso de Geazi? E do sucesso de Eliseu?
5. O filho da mulher sunamita acabaria por morrer, assim como Lázaro. Embora essas “ressurreições temporárias” apontassem adiante para o poder de Deus sobre a morte e a sepultura, somente Jesus se levantaria dos mortos para nunca mais morrer. Ele disse, “porque eu vivo, vós também vivereis” (Jo 14.19). Como a esperança da vida eterna muda sua perspectiva sobre as esperanças, os desejos e as expectativas desta vida?

8

MAIS MILAGRES



Deus usou os profetas para levar sua mensagem de juízo e arrependimento às pessoas. Para comprovar que os nomeara, Deus operou milagres por meio deles. As duas seções seguintes registram algumas das maravilhas mais marcantes de todo o Antigo Testamento.

A . Duas refeições

2Reis 4.38-44

Voltou Eliseu para Gilgal. Havia fome naquela terra, e, estando os discípulos dos profetas assentados diante dele, disse ao seu moço: Põe a panela grande ao lume e faze um cozinhado para os discípulos dos profetas. Então, saiu um ao campo a apanhar ervas e achou uma trepadeira silvestre; e, colhendo dela, encheu a sua capa de colocíntidas; voltou e cortou-as em pedaços, pondo-os na panela, visto que não as conheciam. Depois, deram de comer aos homens. Enquanto comiam do cozinhado, exclamaram: Morte na panela, ó homem de Deus! E não puderam comer. Porém ele disse: Trazei farinha. Ele a deitou na panela e disse: Tira de comer para o povo. E já não havia mal nenhum na panela. Veio um homem de Baal-Salisa e trouxe ao homem de Deus pães das primícias, vinte pães de cevada, e espigas verdes no seu alforje. Disse Eliseu: Dá ao povo para que coma. Porém seu servo lhe disse: Como hei de eu pôr isto

diante de cem homens? Ele tornou a dizer: Dá-o ao povo, para que coma; porque assim diz o SENHOR: Comerão, e sobejará. Então, lhos pôs diante; comeram, e ainda sobrou, conforme a palavra do SENHOR.

É notável como muitas das histórias sobre Elias e Eliseu têm a ver com alimento. É difícil para os leitores ocidentais modernos entenderem o que a vida numa sociedade agrária num nível de subsistência básico significava para o indivíduo comum no antigo Israel. A fome e os tempos difíceis estavam sempre por perto. A carência da temporada anual de chuva, o mofo e os fungos excessivos por causa da falta de chuva, a praga de gafanhotos ou invasores que confiscavam a colheita para seu próprio uso ou queimavam os campos para forçar a população a se render, podiam rapidamente levar a já difícil subsistência da população a um nível ainda mais precário. Em nossos dias, nas fotografias que ilustram as notícias sobre países devastados pela fome, podemos conferir quão precária pode ser a vida numa sociedade agrícola. Nos países ocidentais atuais, a comida representa uma parte muito menor do orçamento familiar do que jamais fora antes; basicamente, o tempo que se investe na colheita é normalmente limitado a quanto tempo alguém gasta no supermercado ou numa loja de conveniência ou talvez numa horta cultivada em casa. A vida era muito diferente no antigo Israel. Em economias de subsistência ou precárias, fornecer o pão de cada dia pode representar a maior despesa que alguém pode ter e ocupar também todos os minutos do dia da pessoa.

Muitas pessoas leem algumas das histórias sobre Eliseu e chegam à conclusão de que elas banalizam os milagres. Como no caso do machado de ferro que flutuou na água ou dos ursos que despedaçaram as crianças, o propósito desse milagre – tornar a sopa comestível (2Rs 4.38-41) – parece de alguma maneira menos impressionante e menos digno do que outros milagres, nos quais a vida e a saúde são restauradas. O poder de Deus é reduzido à eliminação semimágica de uma inconveniência em vez da remoção de um obstáculo formidável, ou mesmo impossível, como a morte ou a lepra. Afinal de contas, quanto tempo seria necessário para fazer outra panela de sopa?

No entanto, ao ver a história desse modo, se perde o tema principal. Uma fome extrema imperava na região em torno de Gilgal (2Rs 4.38). Quando Eliseu chegou, viu que a comunidade dos profetas precisava de alimentos. A escassez de alimentos foi demonstrada quando um dos homens foi aos campos circundantes para colher ervas comestíveis.

Enquanto procurava por elas, encontrou uma videira selvagem com o que parecia ser um fruto comestível ou cabaça. Há uma videira selvagem que cresce em Israel com frutas mais ou menos do tamanho e forma de uma laranja; mas seu sabor é extremamente amargo. Outras passagens mencionam plantas venenosas ou tóxicas na terra (Dt 29.18; 32.32; Os 10.4). O homem que saiu à procura de alimento não conhecia os efeitos potencialmente tóxicos do que ele havia colhido.

Deus já usara Elias e Eliseu para fornecer alimento para viúvas e suas famílias quando estavam passando fome (1Rs 17.7-16; 2Rs 4.1-7), e ele não faria menos pelos seus servos famintos. Esse milagre não só redimiu a sopa, mas também o trabalho de quem a havia preparado.

Todas as nossas obras neste mundo estão contaminadas com falhas, insuficiência, fracasso e pecaminosidade. Imagine o que o profeta que saiu à procura de ervas estava pensando: “Eu devia ter ficado em casa dormindo. Tudo o que eu faço dá errado. Agora todo o grupo está aborrecido comigo! Para que tentar?” Algumas pessoas, como um pastor amigo meu diz, são “buracos negros emocionais”: não importa quantas centenas de horas e milhares de dólares você invista para tentar ajudá-las, no final você termina desanimado e exausto, sem notar nenhuma mudança perceptível nelas. Em outras ocasiões, quando você pensou estar fazendo um bem para uma criança ou um membro da família, descobre, em vez disso, que machucou alguém que ama. O escritor de Eclesiastes reconhece claramente o quão fútil e inútil pode ser o esforço humano.

O que podemos aprender sobre Deus nessa curta narrativa? Podemos ver que seu poder e providência estão presentes nos momentos menos importantes e mais mundanos da vida. Vemos um milagre que antecipa a restauração e a perfeição da criação. Nesse novo céu e nova terra, os espinhos, cardos e venenos que frustram o nosso trabalho não mais existirão (Gn 3.18). Mas talvez mais incisivamente, vemos nosso Deus redimir o trabalho de seus servos, para que não seja feito em vão. Paulo viria a expressar isso muito claramente. No final de um longo debate sobre a redenção realizada por Cristo na sua ressurreição, ele diz, “sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58). A significância da ressurreição não está apenas lá adiante em algum lugar do futuro, ela é muito mais imediata e palpável. Os esforços dos homens para prover uma refeição não foram em vão; a doação de um copo de água fresca não será em vão (Mt 10.42), nem tampouco o resto do nosso trabalho. Diante da fragilidade, transitoriedade e futilidade da vida humana, Deus

em Cristo responderia à oração de Moisés: “[Senhor,] confirma sobre nós a obra das nossas mãos” (Sl 90.17).

Podemos presumir que a fome continuava quando o homem de Baal-Salisa trouxe para a comunidade de profetas vinte pães e alguns grãos recém-colhidos de seus campos (2Rs 4.42-44). A fome provavelmente atingira o seu auge pouco antes da colheita, e a oferta do homem para os profetas fala bem de sua entrega das primícias e do melhor que ele tinha para Deus, mesmo em condições adversas.

Foi um presente generoso, mesmo que mal desse para alimentar a todos os que estavam lá. Mas a ordem de Eliseu “Dá ao povo, para que coma” foi acompanhada pela própria providência de Deus, para que se cumprisse a palavra de Deus, “Eles comerão e ainda sobrará”.

Deus já havia demonstrado sua preocupação com a fome do povo durante seus anos no deserto. Ele alimentara o povo com pão do céu, o maná, para que eles não passassem fome naquela terra desolada. Mais uma vez, um milagre de alimentação antecipa a restauração do paraíso; ele aponta para o jardim generoso de Deus, o paraíso restaurado, onde não haverá fome ou necessidade.

Oito séculos depois, Jesus foi cercado por seus discípulos e uma multidão grande e faminta (Mt 14.13-21; Mc 6.32-44; Lc 9.10-17; Jo 6.5-13). Os discípulos calcularam que para alimentar a multidão seria necessário o equivalente ao salário de oito meses de um homem (Mc 6.37). Em vez dos vinte pães que Eliseu tinha, havia cinco pães e dois peixes. Mas cinco mil homens comeram e ainda sobrou comida (Mc 6.42-44; cf. 2Rs 4.44). Algum tempo depois, Jesus, iria repetir esse milagre para uma multidão de quatro mil (Mt 15.32-39; Mc 8.1-10).

Quando Jesus alimentou as cinco mil pessoas, a multidão reconheceu que havia um profeta no meio deles (Jo 6.14). Eles estavam esperando a vinda de um profeta que seria como Moisés (Dt 18.15,18), um que faria os sinais e milagres que Moisés tinha feito (Dt 34.10-12). Jesus alimentou as pessoas num lugar remoto, assim como Moisés os alimentara no deserto. Eliseu também alimentou uma grande multidão com uma pequena quantidade de alimento. Mas, agora, alguém maior que Moisés e maior do que Eliseu havia chegado.

Moisés e Eliseu tinham satisfeito a fome física das pessoas por certo tempo. Mas Jesus, depois de alimentar os cinco mil e cruzar o mar da Galileia, falou de uma fome que não era física. Ele se proclamou como o pão que descera do céu, um alimento que subsiste para a vida eterna (Jo 6.27). Aqueles que fossem até ele jamais teriam fome (Jo 6.35).

Para reflexão adicional

1. Muitas vezes, nós consideramos como asseguradas as necessidades básicas da nossa vida, incluindo os alimentos. Muitas das histórias de Elias e Eliseu estão relacionadas com alimento e nos mostram que, em última análise, o alimento vem das mãos de Deus. Você dá o merecido valor ao fato de ter suas necessidades básicas supridas?
2. Você já passou por situações em sua vida em que todos os seus esforços foram frustrados e um relacionamento ou situação foi de mal a pior? Em retrospecto, você pode ver como Deus redimiu a situação?
3. Você conhece alguma pessoa que poderia classificar como “buraco negro emocional”? Como você se distingue dela? Como ministra a ela?
4. Paulo nos adverte, “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens” (Cl 3.23). Quase todos os empregos, carreiras e vocações são caminhos para dar glória a Deus e servi-lo. Alguma vez você já consagrou o seu trabalho para o serviço ao Senhor? Faça isso agora.
5. Nosso talão de cheques mostra as nossas verdadeiras prioridades. O homem de Baal-Salisa trouxe o melhor da sua colheita, mesmo durante um período de fome. É tentador dar a Deus menos do que as nossas primícias e o nosso melhor. Afinal, nossas contas são muitas e nosso dinheiro muito pouco. Você está dando a Deus suas primícias?

B . O banho de Naamã

2Reis 5

Naamã, comandante do exército do rei da Síria, era grande homem diante do seu senhor e de muito conceito, porque por ele o SENHOR dera vitória à Síria; era ele herói da

guerra, porém leproso. Saíram tropas da Síria, e da terra de Israel levaram cativa uma menina, que ficou ao serviço da mulher de Naamã. Disse ela à sua senhora: Tomara o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra. Então, foi Naamã e disse ao seu senhor: Assim e assim falou a jovem que é da terra de Israel. Respondeu o rei da Síria: Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel. Ele partiu e levou consigo dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez vestes festivas. Levou também ao rei de Israel a carta, que dizia: Logo, em chegando a ti esta carta, saberás que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra. Tendo lido o rei de Israel a carta, rasgou as suas vestes e disse: Acaso, sou Deus com poder de tirar a vida ou dá-la, para que este envie a mim um homem para eu curá-lo de sua lepra? Notai, pois, e vede que procura um pretexto para romper comigo. Ouvindo, porém, Eliseu, homem de Deus, que o rei de Israel rasgara as suas vestes, mandou dizer ao rei: Por que rasgaste as tuas vestes? Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel. Veio, pois, Naamã com os seus cavalos e os seus carros e parou à porta da casa de Eliseu. Então, Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo. Naamã, porém, muito se indignou e se foi, dizendo: Pensava eu que ele sairia a ter comigo, pôr-se-ia de pé, invocaria o nome do SENHOR, seu Deus, moveria a mão sobre o lugar da lepra e restauraria o leproso. Não são, porventura, Abana e Farfar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não poderia eu lavar-me neles e ficar limpo? E voltou-se e se foi com indignação. Então, se chegaram a ele os seus oficiais e lhe disseram: Meu pai, se te houvesse dito o profeta alguma coisa difícil, acaso, não a farias? Quanto mais, já que apenas te disse: Lava-te e ficarás limpo. Então, desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, consoante a palavra do homem de Deus; e a sua carne se tornou como a carne de uma criança, e ficou limpo. Voltou ao homem de Deus, ele e toda a sua comitiva; veio, pôs-se diante dele e disse: Eis que, agora, reconheço que em toda a terra não há Deus, senão em Israel; agora, pois, te peço aceites um presente do teu servo. Porém ele disse: Tão certo como vive o

SENHOR, em cuja presença estou, não o aceitarei. Instou com ele para que o aceitasse, mas ele recusou. Disse Naamã: Se não queres, peço-te que ao teu servo seja dado levar uma carga de terra de dois mulos; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao SENHOR. Nisto perdoe o SENHOR a teu servo; quando o meu senhor entra na casa de Rimom para ali adorar, e ele se encosta na minha mão, e eu também me tenha de encurvar na casa de Rimom, quando assim me prostrar na casa de Rimom, nisto perdoe o SENHOR a teu servo. Eliseu lhe disse: Vai em paz. Quando Naamã se tinha afastado certa distância, Geazi, o moço de Eliseu, homem de Deus, disse consigo: Eis que meu senhor impediu a este siro Naamã que da sua mão se lhe desse alguma coisa do que trazia; porém, tão certo como vive o SENHOR, hei de correr atrás dele e receberei dele alguma coisa. Então, foi Geazi em alcance de Naamã; Naamã, vendo que corria atrás dele, saltou do carro a encontrá-lo e perguntou: Vai tudo bem? Ele respondeu: Tudo vai bem; meu senhor me mandou dizer: Eis que, agora mesmo, vieram a mim dois jovens, dentre os discípulos dos profetas da região montanhosa de Efraim; dá-lhes, pois, um talento de prata e duas vestes festivas. Disse Naamã: Sê servido tomar dois talentos. Instou com ele e amarrou dois talentos de prata em dois sacos e duas vestes festivas; pôlos sobre dois dos seus moços, os quais os levaram adiante dele. Tendo ele chegado ao outeiro, tomou-os das suas mãos e os depositou na casa; e despediu aqueles homens, que se foram. Ele, porém, entrou e se pôs diante de seu senhor. Perguntou-lhe Eliseu: Onde vens, Geazi? Respondeu ele: Teu servo não foi a parte alguma. Porém ele lhe disse: Porventura, não fui contigo em espírito quando aquele homem voltou do seu carro, a encontrar-te? Era isto ocasião para tomares prata e para tomares vestes, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas? Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre. Então, saiu de diante dele leproso, branco como a neve.

Essa história é um estudo de contrastes: a sabedoria de Deus *versus* a sabedoria dos seres humanos. Muitas vezes, Deus escolhe meios insignificantes para realizar seus propósitos. Já vimos nas histórias de Elias

e Eliseu que o amor de Deus é direcionado particularmente para o pobre, o indefeso, a viúva e o órfão. Nessa história, Deus escolheu uma menina israelita escrava (2Rs 5.2-3). Aos olhos de seus mestres sírios, havia pouca razão para confiar nela. Ela provavelmente fora capturada e levada de Israel como prisioneira de guerra de um ataque sírio; era um testemunho vivo da efetividade de Naamã como comandante militar. Ela era uma estrangeira numa terra estrangeira, sem os direitos que os nativos tinham; era jovem, era mulher e uma escrava. Seria quase impossível encontrar uma pessoa inferior na hierarquia social da antiga Síria.

No entanto, foi uma mulher que manteve firme a sua fé no Deus de Israel. Ela havia aprendido o que Pedro, séculos mais tarde, aconselharia à igreja primitiva: “[estejam] sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Tinha sido plantada uma semente, e no devido tempo daria frutos de cem por um.

Se Deus nos permitisse digitalizar o livro da vida, os nomes de quem encontraríamos lá? Muitos dos que estivessem inscritos, conheceriam a fé e estariam lá por causa da influência de grandes pregadores ou celebridades destacadas. Mas eu suspeito que um número muito, muito maior estaria lá por causa do testemunho fiel e da confiança repleta de esperança das pessoas humildes deste mundo.

O rei da Síria estava pronto para usar a lepra de Naamã¹ como ocasião para um incidente na sua “guerra fria” com Israel – pelo menos foi isso que o rei de Israel entendeu (2Rs 5.4-7). Naamã estava disposto a gastar um valor exorbitante. Um siclo pesava cerca de 11,4 gramas, e um talento pesava mais ou menos 34 quilos. Isso significa que Naamã estava levando cerca de 340 quilos de prata e 68 quilos de ouro (v. 5). Os dez conjuntos de vestes festivas não eram “da prateleira” de uma loja de varejo. Em vez disso, elas, sem dúvida, haviam sido confeccionadas com os melhores materiais, com emblemas e decorações de ouro e prata entremeados com os fios do tecido; elas eram o tipo de vestimenta de reis, ídolos e generais. Provavelmente, só as vestimentas já valiam o resgate de um rei.

Mas quem iria acreditar? A graça de Deus para Naamã não lhe custaria um centavo. A graça é um favor imerecido. Por definição, ela não pode ser comprada ou obtida, porque então já não seria imerecida. Deus dá a sua graça gratuitamente a quem ele bem quiser. Deus não tem necessidade de ouro e prata; essas coisas não podem tentar aquele que criou esses materiais.

Isso tem sido sempre assim, pois é parte do caráter de Deus, que permanece o mesmo em ambos os Testamentos. A salvação, tanto para Naamã como para nós, é por meio da graça de Deus. Tempos depois, Paulo diria “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9).

Muitas pessoas acham dura a reação de Deus às ações de Geazi. Depois que Naamã foi embora, Geazi correu atrás e alcançou a caravana do sírio para receber alguma coisa dele. Geazi havia ficado confuso pelo fato de a graça de Deus haver sido demonstrada a “este sírio” (2Rs 5.20). Os tradutores da *New English Bible* [Nova Bíblia inglesa] captaram muito bem a essência da reação de Geazi: “O quê? O meu senhor deixou esse sírio ir embora sem pagar nada?” (v. 20). Geazi iria pessoalmente saquear um inimigo. Porém, em vez das riquezas que buscava, Geazi e seus descendentes pegaram a lepra que havia sido de Naamã (vs. 20-27). Por que Deus reagiu assim tão duramente com o servo do profeta? Em parte, eu suspeito, foi porque Geazi estava desfazendo o que Deus havia feito: Deus queria que Naamã conhecesse a sua graça gratuita, mas Geazi estava tentando colocar um preço na bondade de Deus. O Deus de Israel não aceita subornos; ele não pode ser manipulado por dinheiro ou dar lugar ao orgulho humano. A sua graça é gratuita. A ação de Geazi demonstrava o contrário, e isso lhe custou muito caro. Nosso Deus pode ser tão gracioso para nossos inimigos quanto tem sido para nós.

O encontro de Eliseu com Naamã é praticamente um péssimo modelo de “como fazer amigos e influenciar pessoas”. O comandante de um exército estrangeiro fora até a casa do profeta, e ele sequer foi capaz de sair para cumprimentá-lo, e enviou um intermediário (2Rs 5.9-10). Essa conduta era inadequada para ganhar um amigo. Mas por que o profeta agiu dessa maneira? Havia pelo menos duas razões para isso.

Em primeiro lugar, a reação do profeta era provavelmente esperada por Naamã. Naamã esperava que o Deus de Israel e o seu profeta fossem exatamente iguais aos que ele tinha conhecido em sua terra natal: dinheiro na mão e *shows* de mágica. Ele trouxera muito dinheiro, e assim esperava que o profeta praticasse a sua magia. Naamã queria uma “máquina vendedora de graça” – coloque seu dinheiro e leve sua bênção. Ele esperava que o profeta aceitasse o pagamento, e “moveria a mão sobre o lugar da lepra e restauraria o leproso” (2Rs 5.11).

Os seres humanos sempre quiseram sujeitar Deus à mágica – seria muito conveniente para nós se pudéssemos coagir a deidade com a fórmula mágica correta. Porém, o Deus de Israel não dá sua soberania e glória

para outro. Não haveria nenhum abracadabra aqui. O profeta de Deus não era somente um mágico superior aos que Naamã conhecera em sua terra. Diferentemente, o foco dele era exclusivamente sobre as ações e a graça de Deus. O profeta não permitiria confusão: Deus, e não a magia do profeta curaria Naamã. Para evitar a confusão que as expectativas de Naamã pudessem criar, o profeta não saiu para cumprimentar o homem quando ele foi até sua porta.

O segundo fator importante em operação nesse caso é talvez menos óbvio no texto. Naamã era o comandante de um exército inimigo. Ele havia sido eficaz em suas missões contra Israel, como sugere a presença de uma menina israelita escrava em sua casa. Os sírios tinham sido inimigos de longa data, e no futuro voltariam a colocar Israel em apuros (2Rs 6.24-29; 13.4-7). Naamã não era um homem para quem um israelita comum desejaria saúde e vida longa – muito pelo contrário. Imagine o que o kuaitiano comum sentia por Saddam Hussein, do Iraque, durante a Guerra do Golfo em 1991 – deve ter sido algo parecido com isso o que os israelitas sentiam por Naamã.

No entanto, nesse incidente aprendemos algo novo sobre a natureza de Deus. Ele nos manda amar nossos inimigos, porque ao amar nossos inimigos nós o imitamos (Mt 5.43-45; Lc 6.27, 35).

Há muito tempo Deus havia designado Israel para ser luz para as nações. Ele disse a Abraão que todas as nações da terra seriam abençoadas por meio de seus descendentes (Gn 12.3; 18.18; 22.18). No encontro de Eliseu com Naamã, vemos a graça de Deus sendo estendida aos gentios, inclusive a um inimigo de Israel. Isso deve ter sido difícil para Eliseu. Essa tampouco era uma mensagem popular para os judeus dos dias de Jesus. Depois de Jesus ter viajado pela Galileia dos gentios e ter realizado milagres por lá, ele retornou à sua cidade de Nazaré e foi à sinagoga. As pessoas queriam que ele fizesse para eles os mesmos milagres que ele havia feito para os gentios. Jesus explicou suas ações dizendo: “Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro” (Lc 4.27). Ao ouvir isso, a multidão tentou tirar a vida de Jesus (vs. 28-30). “Não se atreva a dizer que a graça de Deus é também para os nossos inimigos.”

Não é de admirar que Naamã não quisesse entrar no rio Jordão – nem sequer uma vez, muito menos sete vezes. Ele não era um rio muito atraente em comparação com as rápidas e intensas águas frias do Abana e do Farpar (2Rs 5.12), rios na Síria que se formavam do derretimento da neve

no monte Hermom. Em comparação, o rio Jordão era morno e apático durante a maior parte do ano.

Mas a indignação de Naamã (v. 12), na verdade, não era por causa do rio indicado. Naamã simplesmente não estava disposto a humilhar-se. Afinal, qualquer um pode se lavar num rio. Para um homem como Naamã, seria necessário um desafio mais adequado. Até mesmo os servos de Naamã conseguiram enxergar a verdadeira questão (v. 13). Se Eliseu tivesse dito, “Volte para casa e traga o dobro do dinheiro”, esse teria sido um desafio à altura de um homem de sua importância. Depois de realizar tal tarefa, Naamã seria capaz de vangloriar-se de que havia ganhado a sua cura.

O problema nesse caso é que o mesmo Deus que oferece sua graça livremente também odeia o orgulho. Para experimentar a sua graça, temos de nos humilhar, perceber nossa própria incapacidade, e olhar para ele em nossa fraqueza, para que possamos ver a sua força. Deus não faz acepção de pessoas: quer seja você um general sírio, um americano rico ou o mais pobre camponês ou leproso, para experimentar a graça de Deus, você precisa abandonar seu orgulho e pretensão. É Deus que salva, e não nós a nós mesmos.

“Tome um banho no rio Jordão e seja curado da sua lepra.” Que ideia mais absurda! Não consigo pensar em nada mais ridículo!

Bem, talvez uma coisa seja ainda mais ridícula – a ideia de que colocar a sua fé e confiança em um homem que foi executado numa cruz há dois mil anos pode, agora mesmo, lhe dar uma nova vida, perdão dos pecados, ressurreição dos mortos e vida eterna. Isso sim bate tudo!

As promessas de Deus sempre exigem fé. Elas sempre parecem tolas, improváveis, inacreditáveis, não plausíveis, impossíveis. Mas aparentemente essas ordens tolas, quando cridas e obedecidas, se transformam no poder de Deus, para Naamã e também para nós.

Na Bíblia, muitas vezes a água simboliza a morte (Jn 2.3-5; Sl 69.1-2). Em certo sentido, os mergulhos da Naamã no rio Jordão foram morte para sua velha vida e uma regeneração, o novo nascimento para uma nova vida (2Rs 5.14).

Paulo era um rabino versado nas Escrituras Hebraicas. Eu sempre me perguntei se ele estava com 2Reis 5 em mente quando escreveu 1Coríntios 1.18-31.

Paulo exortou a igreja primitiva, “Irmãos, reparaí, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento” (1Co 1.26). Deus

escolheu os humildes e desprezados, as coisas tolas e fracas deste mundo, para anular a vanglória do mundo (vs. 27-29). Deus escolheu uma menina escrava. Ele escolheu você e eu.

Os seres humanos consideram loucura a mensagem da graça gratuita de Deus, a mensagem da cruz – mas para nós que somos salvos, é o poder de Deus (v. 18). A loucura de Deus é mais sabia do que sabedoria humana.

Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (v. 31). Glorie-se na sua sabedoria, no seu poder, na sua graça, na sua bondade e na sua misericórdia.

Para reflexão adicional

1. Como você acha que Naamã se sentia a respeito da sabedoria de Deus enquanto ele estava com lepra? E depois que ele foi curado e seu orgulho humilhado? Muitas vezes, é difícil ver a sabedoria de Deus – o que ele está fazendo, como ele está nos moldando – em meio à adversidade. É mais fácil ver em retrospectiva. Você consegue ver como isso é verdade em sua própria vida e na vida dos outros?
2. Admiramos a coragem e a fé dessa menina escrava israelita. Mesmo no que parecia uma situação impossível, ela permaneceu inabalável em sua confiança no Deus de Israel. Peça a Deus para ter uma coragem e confiança como a dela; ore para que você não se envergonhe do evangelho.
3. Em quase todas as religiões, as pessoas devem trabalhar para ganhar o favor divino ou assegurar o seu lugar no céu. Por que isso atrai tantas pessoas? Por que a mensagem da cruz parece uma ofensa para tais crenças?
4. O que você acha do pedido de Naamã de continuar a participar do culto a Rimom? Da permissão do profeta? Há alguma analogia moderna?
5. Como você tem visto Deus usando os insensatos e fracos para causar vergonha aos sábios? Em que situações você observou isso?

9

DEUS NAS PEQUENAS E GRANDES COISAS



As próximas duas histórias nos lembram que Deus está conosco em todos os aspectos da nossa vida, do menos ao mais importante. A primeira história, sobre um machado de ferro que flutuou, ilustra a maneira como Deus age em nossas atividades normais. A segunda narra uma situação de vida ou morte para o profeta e seu acompanhante. Ambas as histórias não apenas servem para nos consolar de qualquer angústia que nos oprime, mas também revela um Deus amoroso e poderoso.

A. O machado de ferro que flutuou

2Reis 6.1-7

Disseram os discípulos dos profetas a Eliseu: Eis que o lugar em que habitamos contigo é estreito demais para nós. Vamos, pois, até ao Jordão, tomemos de lá, cada um de nós uma viga, e construamos um lugar em que habitemos. Respondeu ele: Ide. Disse um: Serve-te de ires com os teus servos. Ele tornou: Eu irei. E foi com eles. Chegados ao Jordão, cortaram madeira. Sucedeu que, enquanto um deles derribava um tronco, o machado caiu na água; ele gritou e disse: Ai! Meu senhor! Porque era emprestado. Perguntou o homem de Deus: Onde caiu? Mostrou-lhe ele o lugar. Então, Eliseu

cortou um pau, e lançou-o ali, e fez flutuar o ferro, e disse:
Levanta-o. Estendeu ele a mão e o tomou.

Há vários tipos de abordagens que podemos empregar durante a leitura de um texto bíblico; cada mudança de ponto de vista coloca a passagem sob uma luz diferente. A história da recuperação milagrosa de um machado de ferro por Eliseu é uma boa ilustração.

Normalmente, quando um cristão toma a Bíblia e começa a ler uma passagem, especialmente quando se trata de uma história, a primeira pergunta que lhe vem à mente é algo parecido a, “O que eu devo aprender disto? Como isto se aplica a mim? O que há aqui que devo imitar ou evitar? Como a minha vida deve mudar por causa do que estou lendo?” Essas são boas perguntas. Elas demonstram uma preocupação saudável em ser um bom discípulo. Podemos nos identificar com os personagens a respeito dos quais estamos lendo. Podemos ver nas suas tentações e lutas os contornos da nossa própria luta diária com o pecado; seus sucessos e fracassos nos falam sobre situações semelhantes em nossa própria vida e na vida de outros.

Quando a história do machado quebrado é abordada dessa maneira, vários princípios bíblicos e admoestações vêm à mente. A Bíblia nos lembra que “o que toma emprestado é servo do que empresta” (Pv 22.7) e nos adverte sobre os perigos das dívidas; “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma” (Rm. 13.8). Numa sociedade endividada como a nossa, essa é uma observação importante e oportuna.

Pedi a algumas pessoas que identificassem princípios nessa passagem que estão relacionados com a nossa conduta. Alguns sugeriram a necessidade de líderes que imitem a preocupação e a compaixão de Eliseu por seus trabalhadores. Outros falaram da necessidade de manter suas ferramentas em boas condições e estar preparados para o trabalho. Outros viram uma advertência para certificar-se de receber ajuda competente: se você usar voluntários, muitas vezes receberá pelo que paga. Com humor, um homem sugeriu que a passagem significa “Não construa sua casa na beira do rio”.

Todas essas observações são suficientemente interessantes. Duas delas talvez sejam mais aptas e úteis. A Bíblia nos incita a imitar as ações de alguns e a evitar a insensatez de outros (Dt 18.9; 2Rs 17.15; Ez 23.48; 1Co 4.16; Ef 5.1; 1Ts 1.6; 2.14; Hb 6.12; 13.7; 3Jo 11). Porém, podemos ler outras histórias, por exemplo, as fábulas de Esopo ou um

romance de Hemingway, da mesma maneira. Podemos nos identificar com os personagens dessas histórias e aprender com eles também.

É isso o que a Bíblia quer nos ensinar nessa passagem? Foi essa a razão pela qual essa passagem foi escrita? A maioria de nós concorda que a resposta provável é não. Princípios úteis são ilustrados aqui, mas o fato de que uma história ilustre alguns princípios não significa que ela foi escrita para esse efeito. Nesse sentido, tudo na vida nos ensina sobre sabedoria e loucura. Vemos a sabedoria e a loucura ilustradas em nossos escritórios, relacionamentos, jornais, livros que lemos e até quando assistimos à televisão. Mas o livro dos Reis propriamente dito não é uma coleção de parábolas ou literatura de sabedoria, e não devemos tratá-lo como se fosse. Mas, podemos ver algo mais?

Com frequência, os tipos de perguntas que fazemos sobre um texto determinam as respostas. Por exemplo, todas as questões nos parágrafos anteriores estão preocupadas com a aplicação à vida individual. Todas elas adotam abordagens antropocêntricas dos textos, centralizando-se nas pessoas e suas necessidades.

Talvez devêssemos perguntar se isso está em sintonia com o objetivo fundamental das Escrituras. Queremos sim aprender como devemos viver quando lemos a Bíblia, mas a Bíblia não é fundamentalmente uma revelação sobre Deus? Ou seja, a Bíblia está preocupada em que Deus seja conhecido. É o próprio Deus falando conosco sobre o que ele é, e o que ele fez; nós lemos para aprender sobre ele. Em vez de usar uma abordagem predominantemente antropocêntrica ao ler a Bíblia, temos de adotar uma abordagem mais teocêntrica. Se fizermos isso, a nossa primeira pergunta não será, “Que proveito posso tirar para mim aqui?” e sim “O que eu posso aprender sobre Deus nesta passagem?” As informações que resultam dessa pergunta são muito diferentes das que resultam da outra pergunta. Vemos que Deus tira o bem do mal, que ele cuida de seus servos, que ele governa sobre as leis da natureza, que ele é forte quando nós somos fracos, que seu poder acompanha sua palavra, que ele se importa não só com os acontecimentos das nações e povos importantes, mas também com os menores detalhes da vida das pessoas comuns. Com essa abordagem do texto, o foco se afasta de mim e do que eu posso ou não posso fazer. E em vez disso somos impulsionados ao louvor, à adoração, à gratidão e à reverência para com Deus por causa de seu poder, bondade e graça. Nessa história Deus revela como ele é, e seus atributos são os mesmos quando ele se relaciona conosco. Ficamos então cheios de admiração e reverência ao pensarmos nele.

Lembre-se de que os antigos cananeus viam o Juiz Rio e o Príncipe Mar como os principais rivais de Baal, e que eles ameaçavam subjugá-lo e destruí-lo.¹ Mas aqui Deus mostra outra vez que as águas não o ameaçam – ao contrário, elas o servem. O cosmos não pode ser um rival de Deus, porque foi ele que o criou e é ele mesmo quem o governa e usa para fazer a sua própria boa vontade. Esse milagre antecipa o dia futuro em que Deus irá redimir a criação. Naquele dia, a criação já não mais frustrará o nosso trabalho como tem feito desde a queda de Adão no jardim (Gn 3.17-19); a criação irá se juntar ao nosso labor em vez de resistir a ele.

Depois de aprender um pouco mais sobre como Deus é, da passagem que lemos, podemos então perguntar, “Como devo responder a esse Deus?” As possíveis respostas devem incluir, no mínimo, confiança e alegria porque esse mesmo Deus zela por mim e se importa comigo. Se ele não permitiu a um profeta perder um machado de ferro, ele certamente não irá me perder se eu colocar minha confiança nele (Jo 6.39; 2Tm 1.12).

Para os cristãos que estão lendo o Antigo Testamento, há ainda outro passo a dar. Nós conhecemos a Deus por meio de Jesus Cristo. Como o que aprendemos sobre Deus em Cristo está relacionado com o que aprendemos sobre Deus no Antigo Testamento? Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13.8). Precisamos perguntar: Como podemos ver Deus em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo nas páginas das Escrituras Hebraicas? Ou seja, além das abordagens antropocêntrica e teocêntrica de leitura da Bíblia, há ainda uma abordagem cristocêntrica.

Hoje, seria difícil para nós ficarmos abalados se alguém perder ou quebrar um machado ou uma picareta que nos pediu emprestado. Uma ferramenta como essa não é muito cara, e se quem a pediu emprestado não puder nos ressarcir, a grande maioria de nós não iria necessariamente à falência se comprasse outra. No entanto, nesse aspecto nós vivemos num mundo totalmente diferente daquele de Israel do século 9º. a.C. Geralmente, datamos o início da Idade do Ferro em torno do ano 1200 a.C. Sabemos que, pelo menos por certo período, Israel esteve atrás de seus vizinhos quanto ao desenvolvimento de tecnologia para a exploração desse metal (1Sm 13.20-21). Os utensílios de ferro custavam uma fortuna. Muitas horas de trabalho seriam necessárias para reunir a lenha para o fogo, refinar o minério e depois dar forma e afiar a ferramenta. Não havia muito dinheiro de sobra no Antigo Israel. Perder um machado de ferro emprestado naquela época seria o equivalente a destruir um carro emprestado hoje.

O jovem profeta parecia desesperado, provavelmente porque ele reconheceu a tremenda dívida que teria de pagar. Como pagaria por um

machado de ferro? Ele era um homem pobre. A única forma óbvia de ele assegurar o pagamento era entregar a si mesmo num contrato de servidão (cf. 2Rs 4.1).

O Deus de Israel era um Deus redentor. Ele libertou seus servos da escravidão no Egito e não queria que eles fossem escravizados novamente. O Messias de Israel, o Servo do Senhor, proclamaria as boas-novas para os pobres e liberdade para os cativos (Is 61.1; Lc 4.18).

Como vimos no capítulo 7, concernente à viúva e seus dois filhos (2Rs 4.1-7), a dívida maior que qualquer um de nós poderia ter é a hipoteca da nossa alma. É uma dívida que não podemos pagar. Mas a boa-nova do evangelho é que existe um Deus redentor, e ele bancará toda reivindicação contra nós. Deus se revela como o nosso Redentor quando ele manda o machado de ferro subir para a superfície da água e libera seu servo de uma enorme dívida.

Esse milagre, como os outros nas histórias de Elias e Eliseu, é redentor. Ele aponta para o futuro e conserta o que estava errado. Cristo é a garantia de que as nossas dívidas foram pagas (Hb 7.22). O mesmo Deus que ordenou que as águas fizessem flutuar o machado de ferro, mais tarde iria andar sobre o mar da Galileia e dar ordens às suas águas (Jo 6.16-21).

Para reflexão adicional

1. Essa história narra uma ocasião em que um profeta se encontrou com Deus na rotina do seu dia a dia, não durante um momento “religioso” em sua vida. Você é capaz de ver a mão de Deus no seu dia a dia, ou você tenta restringir a presença dele a lugares e horas “especiais”?
2. O fato de que a comunidade dos profetas estava construindo aposentos maiores era testemunho da efetividade da palavra de Deus por meio dos ministérios de Elias e Eliseu. Onde você sente a futilidade de seus próprios esforços? Você consegue ver como Deus os redime e lhe dá a oportunidade de trabalhar para a glória dele?
3. Deus supriu a necessidade do profeta num momento de crise; no entanto, pela reação dele, não ficou claro se ele viu

essa crise como uma oportunidade para crescimento espiritual. Como você reage em momentos de crise?

4. Sabemos o que significa viver endividado. Mas a dívida de dinheiro que possamos ter, tanto como indivíduos ou como nação, não é nada comparada com as dívidas e as culpas causadas por nossos pecados. Deus pagou essa dívida e não nos deixará cair em escravidão outra vez. Quando, em sua vida, você sentiu de modo mais intenso o cancelamento de sua dívida?
5. Pense em algumas outras histórias da Bíblia que frequentemente abordamos com uma perspectiva antropocêntrica, dizendo: “Que proveito posso tirar disso?” Para começar, pense nas conhecidas histórias do chamado de Josué (Js 1) ou de Davi e Golias (1Sm 17). Como a nossa compreensão dessas passagens poderia mudar se nós as abordássemos com a perspectiva de “O que posso aprender sobre o meu Senhor?”

B . Senhor, abre nossos olhos

2Reis 6.8-23

O rei da Síria fez guerra a Israel e, em conselho com os seus oficiais, disse: Em tal e tal lugar, estará o meu acampamento. Mas o homem de Deus mandou dizer ao rei de Israel: Guarda-te de passares por tal lugar, porque os siros estão descendo para ali. O rei de Israel enviou tropas ao lugar de que o homem de Deus lhe falara e de que o tinha avisado, e, assim, se salvou, não uma nem duas vezes. Então, tendo-se turbado com este incidente o coração do rei da Síria, chamou ele os seus servos e lhes disse: Não me fareis saber quem dos nossos é pelo rei de Israel? Respondeu um dos seus servos: Ninguém, ó rei, meu senhor; mas o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que falas na tua câmara de dormir. Ele disse: Ide e vede onde ele está, para que eu mande prendê-lo. Foi-lhe dito: Eis que está em Dotã. Então, enviou para lá cavalos, carros e fortes

tropas; chegaram de noite e cercaram a cidade. Tendo-se levantado muito cedo o moço do homem de Deus e saído, eis que tropas, cavalos e carros haviam cercado a cidade; então, o seu moço lhe disse: Ai! Meu senhor! Que faremos? Ele respondeu: Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. Orou Eliseu e disse: SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O SENHOR abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu. E, como desceram contra ele, orou Eliseu ao SENHOR e disse: Fere, peço-te, esta gente de cegueira. Feriu-a de cegueira, conforme a palavra de Eliseu. Então, Eliseu lhes disse: Não é este o caminho, nem esta a cidade; segui-me, e guiar-vos-ei ao homem que buscais. E os guiou a Samaria. Tendo eles chegado a Samaria, disse Eliseu: Ó SENHOR, abre os olhos destes homens para que vejam. Abriu-lhes o SENHOR os olhos, e viram; e eis que estavam no meio de Samaria. Quando o rei de Israel os viu, perguntou a Eliseu: Feri-los-ei, feri-los-ei, meu pai? Respondeu ele: Não os ferirás; fere aqueles que fizeres prisioneiros com a tua espada e o teu arco. Porém a estes, manda pôr-lhes diante pão e água, para que comam, e bebam, e tornem a seu senhor. Ofereceu-lhes o rei grande banquete, e comeram e beberam; despediu-os, e foram para seu senhor; e da parte da Síria não houve mais investidas na terra de Israel.

O rei da Síria estava frustrado por Eliseu sempre saber de seus planos de movimentação das tropas. Seus assessores estavam sem dúvida exagerando, mas disseram que até o que o rei falava na intimidade de seu quarto estava sendo informado em Samaria (2Rs 6.12). Essa era uma experiência nova para o rei da Síria. Ele adorava ídolos-deuses que não ouvem nem veem. A mitologia da antiga Síria, assim como a dos cananeus, retratava deuses que no fim das contas tinham muito pouco controle, porque eles passavam a maior parte do tempo guerreando entre si, ocupados com seus próprios esforços para sobreviver. Eles estavam sujeitos à contingência e ao acaso assim como os mortais que os adoravam. O rei sírio nunca tinha tratado com um Deus do qual nada pode ser ocultado (Hb 4.13).

A história dos esforços sírios para cercar Dotã e capturar Eliseu é um bom exemplo do por que de Elias e Eliseu serem chamados “carros de

Israel e seus cavaleiros” (2Rs 2.12; 13.14). Os profetas de Israel muitas vezes agiam em favor da nação em assuntos de guerra. Nessa breve passagem, Eliseu representou uma operação de inteligência de um único homem (6.8-12) e um exército de um homem só (vs. 18-19). Os carros e cavalos do exército divino acompanhavam o profeta (v. 17). Os mesmos carros e cavalos que levaram Elias para o céu (2.11) estiveram presentes no ministério do seu sucessor.

Alguma vez você já viu uma peça de teatro de sombras? A ação no palco ocorre por trás de um lençol ou tela esticada na frente do palco. Atrás das telas estão os atores e uma luz projeta a sombra deles na tela. O público em frente vê as sombras na tela.

De algumas maneiras, a vida é muito parecida com um teatro de sombras. Vemos ao nosso redor a batalha entre o bem e o mal, o certo e o errado. Mas o que vemos, em muitas maneiras, são apenas as sombras das lutas – a batalha real está por trás das cenas, onde o exército celestial é convocado contra as forças do inferno. Muitas vezes, subestimamos a realidade da batalha por trás das cenas e subestimamos o poder e a força do guerreiro divino que tem lutado em nosso favor. O servo de Eliseu teve permissão para dar uma breve espiada por trás da tela (2Rs 6.17). Para ele, por um breve momento, a fé se tornou vista. Para a maioria de nós, no entanto, nossa fé continua a pertencer ao que não vemos (Hb 11.1; Jo 20.29). A batalha, no entanto, é real. Paulo nos exorta a colocar a armadura de Deus e ser fortes em seu poder imenso, para que possamos resistir às ciladas do diabo (Ef 6.10-11). “porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (v. 12). Que a nossa oração seja, “Senhor, abre os nossos olhos”.

Quando Israel estava acampado próximo ao rio Jordão e em vias de começar a conquista da terra que Deus lhe prometera, Deus deu instruções à nação sobre a guerra santa (Dt 7; 20). Preeminente entre estas estava: “não desfaleça o vosso coração; não tenhais medo... pois o SENHOR, vosso Deus, é quem vai convosco a pelejar por vós contra os vossos inimigos, para vos salvar” (20.3-4). Deus iria manter essa promessa para Israel repetidamente na história da nação. O Deus de Israel era um guerreiro que lutava em favor de seu povo.

A tradição cristã identifica Jesus com o anjo do Senhor, o capitão do exército celestial. A criança sobre quem Isaías profetizara seria chamada “o Deus guerreiro” (Is 9.6; [“Deus forte”, na versão ARA – veja a nota no

final do livro. N.R.]).² Esse capitão dos exércitos celestiais, esse Deus Guerreiro, é aquele que tem lutado nossas batalhas por nós. Assim como Eliseu contava com a presença invisível do exército celestial, do mesmo modo o capitão da nossa salvação prometeu que ele nunca iria deixar-nos ou abandonar-nos, até o fim dos tempos (Mt 28.20). Quando as dificuldades parecem insuperáveis e os obstáculos esmagadores, ele está conosco, e sua força é aperfeiçoada na nossa fraqueza.

Essa passagem não só nos lembra que o Deus do Antigo Testamento é o mesmo que o Deus do Novo, mas também fornece alguns pontos de contraste. Séculos depois de Eliseu, outros homens iriam maquirar a captura de um profeta de Deus (Mt 26.3-5). Assim como os inimigos do povo de Deus haviam se concentrado num homem nos dias de Eliseu (2Rs 6.13), do mesmo modo o inimigo de nossa alma concentrou seu ataque num homem, Jesus. Embora ele tivesse sob seu comando mais de doze legiões de anjos (Mt 26.53), não os chamou para auxiliá-lo. Em vez disso, entrou em combate sozinho contra as forças do mal – e foi vitorioso.

Eliseu lembrou a seu servo, “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2Rs 6.16). João mais tarde recordaria aos cristãos da igreja primitiva que eles venceriam “porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1Jo 4.4).

Coloque-se, por um instante, no lugar desses soldados sírios. Imagine-se abrindo os olhos, depois de um período terrível de cegueira temporal, e se encontrando rodeado de tropas inimigas na própria cidade capital deles. O cerco de Dotã havia sido revertido, e nesse momento os soldados sírios estavam cercados. Suas melhores expectativas eram provavelmente uma morte rápida e misericordiosa (2Rs 6.21). Em vez disso, eles foram tratados com respeito e hospitalidade; desfrutaram de um banquete na presença de seus inimigos e foram devolvidos à sua pátria (v. 23). Esse acontecimento nos dá um vislumbre de um dia em que judeus e gentios se sentarão juntos num banquete, um banquete para todos os povos (Is 25.6). Do mesmo modo, quando um gentio, um centurião romano, mostrou uma fé admirável, Jesus viu nele uma antecipação de um dia quando “muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (Mt 8.11). Ó Senhor, leva-nos para esse banquete, nós oramos.

Já descrevemos a maneira em que Mateus traça um paralelo entre Elias e João Batista e entre Eliseu e Jesus.³ João Batista veio no espírito e no poder de Elias. Perto do fim de sua vida, João enviou mensageiros para perguntarem a Jesus se ele era realmente o seu sucessor. Jesus

mandou dizer a João que ele deveria olhar para os milagres que Jesus estava operando (Mt 11.4-5). João sabia que Jesus era de fato seu sucessor, assim como Eliseu foi o sucessor de Elias, quando ele visse Jesus operando os milagres de Eliseu. Entre esses milagres estava o de dar visão aos cegos (2Rs 6.20; Jo 9.1-7).

Para reflexão adicional

1. Eliseu sabia dos planos do rei sírio somente porque Deus também os sabia. Deus conhece até mesmo nossos momentos mais íntimos. Como você se sente ao saber disso? Com vergonha? Seguro?
2. Atrás das cenas deste mundo material, os exércitos angelicais estão em pleno combate contra as legiões do inferno. O mundo é uma batalha pelas almas dos seres humanos. Jesus, nosso guerreiro divino, derrotou Satanás e suas forças, mas até o último momento da história Satanás lutará contra Deus. Onde você vê a guerra entre o bem e o mal em nossa sociedade? Em sua própria vida?
3. Algumas vezes nos sentimos derrotados pela vida. Sentimos-nos derrotados por pessoas e circunstâncias. O profeta, em meio à crise, disse para o seu servo: "Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles". Você reconhece essa verdade em sua própria vida? Se não, por que não?
4. Eliseu pagou com o bem o mal no caso desse exército que queria tirar-lhe a vida. O que isso nos diz sobre Deus? Como refletem os mandamentos de Deus, as ações de Eliseu nessa área?
5. Leia Colossenses 2.13-15. Como é que o fato de que agora vivemos à sombra da cruz e da ressurreição, faz diferença no modo em que você vê as áreas de derrota em sua vida? Confesse suas derrotas e dúvidas para o nosso Deus, que é cheio de compaixão e perdão.

10

O PODER DE DEUS E O PODER DO PROFETA



O rei de Israel pensava muito sobre o profeta Eliseu. Ele era uma pessoa difícil de ignorar. Nas próximas duas histórias, veremos que o rei associou Eliseu com o poder de Deus. Na primeira história, o rei está zangado com Eliseu e quer vê-lo morto, porque ele sabe que suas dificuldades se originaram com o Deus de Eliseu. Na segunda, ele está intrigado com as grandes maravilhas que Deus operou por meio de Eliseu.

A . Um cerco e um filho

2Reis 6.24-7.2

Depois disto, ajuntou Ben-Hadade, rei da Síria, todo o seu exército, subiu e sitiou a Samaria. Houve grande fome em Samaria; eis que a sitiaram, a ponto de se vender a cabeça de um jumento por oitenta siclos de prata e um pouco de esterco de pombas por cinco siclos de prata. Passando o rei de Israel pelo muro, gritou-lhe uma mulher: Acode-me, ó rei, meu senhor! Ele lhe disse: Se o SENHOR te não acode, donde te acudirei eu? Da eira ou do lagar? Perguntou-lhe o rei: Que tens? Respondeu ela: Esta mulher me disse: Dá teu filho, para que, hoje, o comamos e, amanhã, comeremos o meu. Cozemos, pois, o meu filho e o comemos; mas, dizendo-lhe

eu ao outro dia: Dá o teu filho, para que o comamos, ela o escondeu. Tendo o rei ouvido as palavras da mulher, rasgou as suas vestes, quando passava pelo muro; o povo olhou e viu que trazia pano de saco por dentro, sobre a pele. Disse o rei: Assim me faça Deus o que bem lhe aprouver se a cabeça de Eliseu, filho de Safate, lhe ficar, hoje, sobre os ombros. Estava, porém, Eliseu sentado em sua casa, juntamente com os anciãos. Enviou o rei um homem de diante de si; mas, antes que o mensageiro chegasse a Eliseu, disse este aos anciãos: Vedes como o filho do homicida mandou tirar-me a cabeça? Olhai, quando vier o mensageiro, fechai-lhe a porta e empurrai-o com ela; porventura, não vem após ele o ruído dos pés de seu senhor? Falava ele ainda com eles, quando lhe chegou o mensageiro; disse o rei: Eis que este mal vem do SENHOR; que mais, pois, esperaria eu do SENHOR? Então, disse Eliseu: Ouvi a palavra do SENHOR; assim diz o SENHOR: Amanhã, a estas horas mais ou menos, dar-se-á um alqueire de flor de farinha por um siclo, e dois de cevada, por um siclo, à porta de Samaria. Porém o capitão a cujo braço o rei se apoiava respondeu ao homem de Deus: Ainda que o SENHOR fizesse janelas no céu, poderia suceder isso? Disse o profeta: Eis que tu o verás com os teus olhos, porém disso não comerás.

O escritor do livro dos Reis estava muito preocupado em demonstrar o poder das palavras dos profetas. Várias vezes ao longo do livro ele chama a atenção para a maneira em que as palavras dos profetas sempre se cumprem (Dt 18.21-22; 1Rs 13.1-2,5,21,26,32; 15.29; 16.7,12,34; 17.16,24; 22.38; 2Rs 1.17; 7.1,17-20; 9.26,36-37; 10.17; 14.25; 15.12; 23.16; 24.2). Moisés era o modelo por excelência de profeta e também o fundador da ordem profética em Israel (Dt 18.15,18). Se as palavras dos profetas se cumprem, quanto mais se cumpririam as palavras de Moisés! No final do Deuteronômio, há um capítulo catalogando as bênçãos que viriam a Israel se o povo mantivesse a aliança com Deus (Dt 28.1-14) e as maldições que viriam em consequência da desobediência (vs. 15-68). O escritor de Reis toma essas maldições e mostra como elas realmente se cumpriram na vida da nação. Moisés havia advertido a Israel que se eles fossem um povo desobediente, exércitos estrangeiros viriam contra eles e cercariam suas cidades. Ele os advertiu ainda mais,

Comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, que te der o SENHOR, teu Deus, na angústia e no aperto com que os teus inimigos te apertarão. O mais mimoso dos homens e o mais delicado do teu meio será mesquinho para com seu irmão, e para com a mulher do seu amor, e para com os demais de seus filhos que ainda lhe restarem; de sorte que não dará a nenhum deles da carne de seus filhos, que ele comer; porquanto nada lhe ficou de resto na angústia e no aperto com que o teu inimigo te apertará em todas as tuas cidades. A mais mimosa das mulheres e a mais delicada do teu meio, que de mimo e delicadeza não tentaria pôr a planta do pé sobre a terra, será mesquinha para com o marido de seu amor, e para com seu filho, e para com sua filha; mesquinha da placenta que lhe saiu dentre os pés e dos filhos que tiver, porque os comerá às escondidas pela falta de tudo, na angústia e no aperto com que o teu inimigo te apertará nas tuas cidades. (Dt. 28.53-57; cf. Lv. 26.29)

Essa triste história mostra que as palavras do grande profeta Moisés também haviam se cumprido. Judá teria uma experiência semelhante quando os babilônios sitiaram Jerusalém, pouco antes de ela ser destruída (Lm 4.9-10; Jr 19.9; Ez 5.10).

Essa passagem nos lembra da santidade e da justiça de Deus. Aquele que nos criou tem o direito de nos chamar à obediência. Ele, que é sem pecado, nos chama a prestar contas da nossa rebelião contra ele. Porque Deus é justo e porque ele não pode contemplar o pecado, o pecado resulta em punição. O escritor de Hebreus iria, séculos mais tarde, olhar para a antiga aliança e lembrar-se de que ela era obrigatória e que “e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo” (Hb 2.2). Por mais terrível que isso possa nos parecer, a justiça de Deus não é impedida pelo terrível trauma de uma mãe devorando seu próprio filho.

O grande profeta Isaías certa vez fez uma pergunta retórica: “Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama?” (Is 49.15). A resposta esperada era, “Não, claro que ela não poderia”. Porém, infelizmente, isso é possível. Temos visto em nossa própria geração, nas ruas das grandes cidades dos países industrializados, como as drogas e o abuso de substâncias deixam em seu rastro a negligência, o abuso e o abandono de crianças.

Uma mãe ou pai humano pode “esquecer” o seu filho e colocar as suas próprias necessidades à frente das necessidades da criança, até mesmo a ponto de tirar a vida da criança. Mas Deus prometeu a Isaías que, mesmo que uma mãe se esqueça do filho que cresceu em seu ventre, ele jamais se esquecerá do seu povo (Is 49.15). Para aqueles em apuros, ele tinha preparado um banquete. As palavras do profeta viriam a se cumprir, e a manhã traria consigo fartura e deleite (2Rs 7.1, 18).

Talvez o rei estivesse culpando Eliseu pelo cerco da cidade de Samaria. Afinal, foi Eliseu que instruiu o rei de Israel a não matar os soldados do exército sírio na história imediatamente anterior (2Rs 6.22). Mas isso parece improvável pelo fato de que “da parte da Síria não houve mais investidas na terra de Israel” (v. 23). O texto é omissivo quanto a esse ponto, mas a explicação mais provável é que o rei estava zangado porque Eliseu anunciara que o cerco era uma instância de julgamento divino. O rei tipifica a reação do nosso mundo à palavra de um Deus justo. É sempre uma tentação “matar o mensageiro” quando ele traz más notícias (2Rs 6.31). A história dos profetas de Israel é uma história de assassinatos (Mt 23.29-31,37). Mas o profeta que tinha anunciado o juízo de Deus sobre a cidade também anunciaria a sua salvação e libertação.

É, porventura, inesperado que nosso mundo reagisse da maneira que fez a Jesus Cristo, o último e maior profeta de todos? As palavras de Jesus estavam condenando a geração de seus dias de pecado. Embora ele também anunciasse salvação e libertação, eles preferiram matá-lo a atender ao chamado para o arrependimento.

Não se pode ler essa passagem sem prestar atenção à advertência que ela contém a respeito da ilusão e da transitoriedade das riquezas. Não se pode comer prata e ouro (2Rs 6.25). Tudo o que as pessoas almejam pode ser resumido em nada mais do que uma simples cabeça de jumento morto ou um punhado de esterco de pombas. A riqueza não pode salvar-nos do desespero extremo. Para que servirão as riquezas no dia do Senhor? Ela sequer pode nos salvar da fome – como pode nos salvar da ira de Deus? Mas em vez disso ouça a palavra de Deus de Israel: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite” (Is 55.1).

O Deus cuja santidade exige que ele puna os pecados também é um Deus que quer perdoar aqueles que buscam a sua misericórdia. Para os que se arrependem, ele preparou abundante fartura. Devido ao grande

amor do Senhor, nós não somos consumidos pela sua ira; sua compaixão nunca falha (Lm 3.22).

Para reflexão adicional

1. O rei de Samaria culpou Deus e Eliseu pela catástrofe que sobreveio ao reino (2Rs 6.33). Ele planejou matar Eliseu. Qual deveria ter sido a reação dele?
2. O governo de Deus sobre a história é mostrado no cumprimento das palavras dos profetas. Que promessas de Deus lhe trazem consolo em tempos difíceis?
3. A animosidade de um mundo perverso é dirigida contra Deus e contra aqueles que anunciam a sua palavra. Você já teve a oportunidade de compartilhar dos sofrimentos de Cristo (Rm 8.17-18; Fp 3.10; 1Pe 4.13)? Quando e como ou, por que não?
4. O oficial do rei duvidou da palavra do profeta, e seu destino foi selado por causa disso. A Bíblia é a palavra de Deus para nós hoje. Qual deve ser a nossa atitude para com ela?
5. Vimos brevemente a ilusão e a transitoriedade das riquezas, contra as quais essa passagem nos adverte. Existem áreas sutis em sua vida, em que você começou a acreditar na mentira de que há salvação na riqueza terrena? Em que aspectos você precisa mudar?

B . O sofrimento dos desabrigados

2Reis 8.1-6

Falou Eliseu àquela mulher cujo filho ele restaurara à vida, dizendo: Levanta-te, vai com os de tua casa e mora onde puderes; porque o SENHOR chamou a fome, a qual virá sobre a terra por sete anos. Levantou-se a mulher e fez segundo a palavra do homem de Deus: saiu com os de sua casa e habitou por sete anos na terra dos filisteus. Ao cabo dos sete

anos, a mulher voltou da terra dos filisteus e saiu a clamar ao rei pela sua casa e pelas suas terras. Ora, o rei falava a Geazi, moço do homem de Deus, dizendo: Conta-me, peço-te, todas as grandes obras que Eliseu tem feito. Contava ele ao rei como Eliseu restaurara à vida a um morto, quando a mulher cujo filho ele havia restaurado à vida clamou ao rei pela sua casa e pelas suas terras; então, disse Geazi: Ó rei, meu senhor, esta é a mulher, e este, o seu filho, a quem Eliseu restaurou à vida. Interrogou o rei a mulher, e ela lhe contou tudo. Então, o rei lhe deu um oficial, dizendo: Faze restituir-se-lhe tudo quanto era seu e todas as rendas do campo desde o dia em que deixou a terra até agora.

A primeira vez que encontramos essa senhora, ela estava muito bem, materialmente falando. Não lhe faltava nada e ela habitava no meio do seu povo (2Rs 4.13). Sua bondade para com Deus e para com seu servo, o profeta, trouxe-lhe uma bênção muito além das suas maiores esperanças, um filho. Quando a vida da criança foi ameaçada, ela mais uma vez foi objeto do favor divino, e a vida da criança foi restaurada (2Rs 4.32-37). A vida dificilmente poderia estar melhor.

Porém, mais uma vez sua sorte virou. Ela perdera a casa no meio do seu povo. Como Noemi e Elimeleque no livro de Rute, ela tinha sido forçada, por causa da fome, a deixar sua terra e procurar pastagens mais verdes. Ela que, anteriormente em sua vida, tivera poucos motivos para temer os credores, tinha agora perdido suas terras ou talvez elas tivessem sido confiscadas pelo rei (cf. 1Rs 21.16). Ironicamente, seu problema surgiu em parte porque ela tinha seguido o conselho do profeta para deixar a terra.

Nosso Deus não nos abandona. Atender à sua palavra não resultará em prejuízo. O próprio Jesus iria mais tarde anunciar esse princípio (Mt 10.40-42).

Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.

Ele também disse, “E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna” (Mt. 19.29).

Deus nos dá uma herança como parte de nossa redenção, e ele mesmo mantém essa herança para nós. A vida dessa mulher tinha sido de obediência aos mandamentos de Deus dados por meio do profeta. Deus não iria abandoná-la nesse momento. Ele trabalhou no coração do rei para que este devolvesse a herança dela. A viúva recuperou sua herança e sua casa. Jesus, ao operar sua redenção em nós, não apenas nos assegurou uma herança, mas também foi antes de nós para preparar-nos uma casa, para que, onde quer que ele esteja nós também estejamos (Jo 14.1-3).

Lembre-se de que o livro dos Reis foi escrito para exilados que viviam no cativeiro babilônico. Eles também haviam sido expulsos da terra que amavam, a terra que era sua herança e o fruto de sua redenção. Essa era uma história que falava poderosamente para a comunidade dos exilados. Era um lembrete da fidelidade de Deus. Deu razão à esperança de que eles também poderiam voltar para suas terras. Era uma expressão de fé de que eles também conheceriam a graça de Deus, porque ele preservaria a herança que pertencia a eles (cf. Ez 11.14-15).

A passagem fala com o mesmo poder para a igreja, o corpo de peregrinos e forasteiros, estrangeiros e exilados, que estão procurando pela cidade cujo arquiteto e construtor é Deus. O Deus que nos redimiu e nos forneceu uma herança não irá nos perder durante nossa peregrinação. Em Cristo, ele nos deu uma herança muito maior do que alguns hectares de solo rochoso na antiga Palestina. Ele nos fez herdeiros com Jesus, nosso irmão mais velho (Rm 8.15-17). Pedro escreveu à igreja, que era constituída por “eleitos que são forasteiros da Dispersão”, ou seja, estavam dispersos por muitas terras (1Pe 1.1). Pedro recordou a essa igreja que Deus nos deu uma herança “reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (vs. 4-5).

Nessa passagem nada é dito sobre a lepra de Geazi. Não é provável que ele tivesse se recuperado (2Rs 5.27). Eliseu foi sal na terra. Mesmo sem ele estar presente pessoalmente, o poder da sua vida justa continuava a viver na enumeração de suas obras e trazia bênção para outros. Quanto mais verdadeiro é isso daquele que é ainda maior que Eliseu. A proclamação da obra redentora de Jesus continua a trazer justiça e salvação para

todas as regiões da terra. O poder é verdadeiro e eficaz, mesmo quando a proclamação vem da boca de leprosos como nós.

Não podemos senão maravilhar-nos com a providência divina que levou a mulher perante o rei exatamente no momento certo. Se tivesse sido um dia ou uma hora mais cedo, seu pedido provavelmente não teria sido concedido. Pense em como a mulher provavelmente se inquietou e preocupou antes de ir à sua audiência com o rei. Mas Deus sabia do que ela precisava antes mesmo que ela fosse (Mt 6.8, 28-34). Perdemos muito tempo da nossa vida com preocupações enquanto nosso Pai celestial sabe do que precisamos. O curso de nossa vida, e até mesmo da própria história, em todos os seus detalhes, está em suas mãos. Ele inclina o coração do rei segundo o seu querer (Pv 21.1).

Para reflexão adicional

1. Encontramos essa mulher de Suném numa variedade de circunstâncias. Primeiro ela é rica e vive tranquila em sua casa; em seguida, ela é a mãe de um filho muito esperado. Depois a vemos deixar sua casa, impulsionada pela fome. O fato de que a vida seja fácil neste exato momento, não significa que ela sempre será. Mas os tempos sombrios e difíceis estão igualmente sob o controle de Deus; e do mesmo modo são uma oportunidade para Deus revelar seu poder. Você consegue lembrar-se de momentos sombrios nos quais experimentou a graça e a bondade de Deus?
2. Pense no que aconteceu em 2Reis 8.4-5. Deus pode usar acontecimentos aparentemente insignificantes, como uma simples conversa, para transformar o curso dos acontecimentos. Você consegue se lembrar de um acontecimento simples, não planejado que mudou significativamente a sua vida? Consegue ver o cuidado providencial de Deus por trás desse acontecimento?
3. Fome, pobreza e desnutrição são problemas graves em nossos dias. Como você pode usar essas áreas para dar glória a Deus?

-
4. Você está consciente da morada que Jesus preparou para você, peregrino? Tudo o que temos nesta vida podemos perder – mas ninguém poderá tirar essa casa de nós. Como esse fato deve afetar nossa vida diária?
 5. Gastamos muito de nosso esforço imaginando como gostaríamos de ver o desenrolar dos acontecimentos, para logo depois mergulhar na preocupação e na desordem quando as coisas dão errado. Pense sobre sua própria vida e as preocupações que você leva consigo. Lembre-se novamente da providência e da bondade de seu Pai demonstrada claramente nessa passagem, para que possa ter a paz de um filho amado.

11

A MORTE DE ELISEU



Dois relatos concluem a história de Eliseu. Esses relatos se desenrolam durante o período de sua doença e morte. Na verdade, o último relato mostra que o poder de Deus no profeta transcende até mesmo a sua morte.

A . Flechas e erros

2Reis 13.10-19

No trigésimo sétimo ano de Joás, rei de Judá, começou Jeoás, filho de Jeoacaz, a reinar sobre Israel, em Samaria; e reinou dezesseis anos. Fez o que era mau perante o SENHOR; não se apartou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel; porém andou neles. Quanto aos mais atos de Jeoás, e a tudo o que fez, e ao seu poder, com que pelejou contra Amazias, rei de Judá, porventura, não estão escritos no Livro da História dos Reis de Israel? Descansou Jeoás com seus pais, e no seu trono se assentou Jeroboão. Jeoás foi sepultado em Samaria, junto aos reis de Israel. Estando Eliseu padecendo da enfermidade de que havia de morrer, Jeoás, rei de Israel, desceu a visitá-lo, chorou sobre ele e disse: Meu pai, meu pai! Carros de Israel e seus cavaleiros! Então, lhe disse Eliseu: Toma um arco e flechas; ele tomou um arco e flechas. Disse ao rei de Israel: Retesa o arco; e ele o fez. Então, Eliseu pôs as mãos sobre as mãos do

rei. E disse: Abre a janela para o oriente; ele a abriu. Disse mais Eliseu: Atira; e ele atirou. Prosseguiu: Flecha da vitória do SENHOR! Flecha da vitória contra os siros! Porque ferirás os siros em Afeca, até os consumir. Disse ainda: Toma as flechas. Ele as tomou. Então, disse ao rei de Israel: Atira contra a terra; ele a feriu três vezes e cessou. Então, o homem de Deus se indignou muito contra ele e disse: Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido; então, feririas os siros até os consumir; porém, agora, só três vezes ferirás os siros.

Os profetas desempenhavam um papel importante nas guerras de Israel. Eles entregavam a palavra de Deus aos reis a respeito do resultado e da conduta na batalha. Com frequência, as histórias sobre Elias e Eliseu registram a participação desses profetas em questões militares (1Rs 20; 2Rs 3; 6.8-7.20; 8.7-15; cf. 1Rs 21). Numa ocasião, Eliseu disse a Hazael que ele em breve se tornaria rei da Síria, e profetizou que ele faria um grande dano a Israel (2Rs 8.12-13). O presente capítulo registra o cumprimento das profecias de Eliseu; ele começa contando como Hazael estava oprimindo Israel severamente (2Rs 13.4). Israel havia chegado ao seu ponto mais baixo, tanto em poder político como em extensão territorial. Hazael havia deixado Jeoacaz com carros e soldados suficientes apenas para realizar um desfile festivo (v. 7).

Deus glorifica a si mesmo na fraqueza humana. Ele não escolheu para seu povo a nação mais forte da terra ou aqueles que eram intrinsecamente os mais nobres (Dt 7.6-7; Is 41.14). É precisamente quando estamos no nosso ponto mais fraco que a suprema grandeza do poder de Deus para salvar é mais clara (1Co 1.25,27; 2Co 12.9-10; 13.4,9). Deus é o mesmo em ambos os Testamentos. Seu caráter não mudou.

Os sírios foram o principal inimigo político do reino do norte durante a maior parte de sua história. É adequado que o profeta anunciasse o fim do conflito tradicional no fim de sua própria vida (2Rs 13.17). O rei descreve o valor do profeta para o reino com uma metáfora, chamando-o de “Carros de Israel e seus cavaleiros” (cf. 2 Rs 2.12). O profeta logo morreria, mas Deus continuaria sendo o guerreiro divino. Ele lutaria para salvar e libertar Israel, e ele podia tanto declarar como efetuar o resultado da batalha.

As flechas eram amplamente usadas em rituais de adivinhação e simbolismo entre os egípcios e os mesopotâmios, especialmente em relação a questões de guerra. Murais de parede retratam faraós disparando flechas

na direção dos quatro pontos cardeais da bússola como modo de indicar seu domínio universal.¹ Ezequiel descreve Nabucodonosor usando flechas para adivinhação, enquanto os seus exércitos se aproximavam de Israel (Ez 21.21).

Nas passagens que retratam Deus como o guerreiro divino, o arco e flecha é frequentemente a arma escolhida por ele (Sl 18.14; 45.5; 64.7; Lm 3.12-13; Hc 3.9-11; Zc 9.14). O gesto de Eliseu, de colocar suas mãos sobre as mãos de Jeoás, tinha provavelmente o mesmo significado que a “imposição das mãos” tem em várias passagens da Bíblia: representava uma transmissão de graça, bênção, poder e autoridade. Eliseu, o “Carros de Israel e seus cavaleiros” e porta-voz do guerreiro divino, transmitiu o poder de seu Senhor ao rei para que este tivesse vitória sobre os sírios. A nação passaria de seu ponto mais baixo a um ressurgimento e renascimento, sob o último rei da dinastia de Jeú, Jeroboão II (2Rs 14.23-25).

Muitas vezes, a Bíblia nada diz precisamente nos pontos nos quais o leitor mais desejaria que mais tivesse sido dito. Por que o rei foi tão tímido ao lançar as flechas no chão? Na primeira parte da ação simbólica, ele já havia aprendido que as flechas representavam a vitória sobre a Síria – então por que não um pouco mais de vigor na segunda parte do simbolismo? O texto simplesmente não nos diz, e os leitores são deixados com suas próprias impressões sobre o estado psicológico do rei. Talvez ele não estivesse convencido, ou ele duvidou, ou ele não tinha fé, ou ele achou todo o procedimento curioso. Não é possível saber.

As promessas de Deus sempre exigem fé. Elas exigem sinceridade de coração e endosso de nossa alma. É pela fé que os fracos se tornam fortes, poderosos em guerra, e fazem fugir um exército estrangeiro (Hb 11.34).

Essa história deve ter falado poderosamente com o público original do livro dos Reis, enquanto estavam vivendo no exílio. Naquele momento da história, Israel estava novamente no seu ponto mais fraco, e seus opressores estrangeiros haviam deixado a nação extremamente debilitada. O Deus de Eliseu trouxe livramento para Jeoacaz e Jeoás (2Rs 13.5,17), e no reinado de Jeroboão II, ele restauraria as fronteiras do tempo de Salomão (14.25). Ele pôde mostrar-se forte diante da fraqueza dos exilados. O guerreiro divino poderia novamente lutar por seu povo.

Para reflexão adicional

1. É interessante ver a maneira como a promessa de Deus, de que a Síria seria derrotada, estava ligada ao entusiasmo de Jeoás para a tarefa. Jeoás sabia que a Síria havia derrotado Israel muitas vezes. Você se lembra de momentos em que se sentiu derrotado e desanimado demais para mostrar entusiasmo pelas promessas de Deus? Quais são as suas responsabilidades em face dessas promessas? Lembre-se, Deus alimenta os pássaros, mas não joga a comida no ninho.
2. Nesse acontecimento, Israel estava em seu ponto mais fraco quando Deus lhe deu a vitória sobre seu inimigo mais persistente. O que isso nos diz sobre Deus? Sobre a vitória que Jesus conquistou na cruz?
3. O profeta usou a adivinhação para se comunicar com o rei. Você acha isso apropriado? Existem outros lugares onde o povo de Deus faz uso da adivinhação?
4. Embora Eliseu tivesse operado milagres de cura e até mesmo de ressurreição de mortos, ele mesmo sofreu de uma doença terminal (13.14). Deus tinha se glorificado na vida do profeta e agora se glorificaria na morte dele. Como podemos orar em tais circunstâncias?
5. Você se lembra da expressão “Carros de Israel e seus cavaleiros” e seu significado? Se não, volte para a seção onde falamos sobre 2Reis 2.1-18 e revise.

B . Podem estes ossos viver?

2Reis 13.20-21

Morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora, bandos dos moabitais costumavam invadir a terra, à entrada do ano. Sucedeu que, enquanto alguns enterravam um homem, eis que viram um bando; então, lançaram o homem na sepultura de Eliseu;

e, logo que o cadáver tocou os ossos de Eliseu, reviveu o homem e se levantou sobre os pés.

Esse é o tipo de história que provoca a zombaria e o ceticismo de muitas pessoas que leem a Bíblia. Ela é muito facilmente descartada como sendo mais um exemplo do tipo de mito antigo que cresceu em torno de uma figura venerada como Eliseu. Já outros não são tão céticos, mas ainda assim se sentem obrigados a procurar algum tipo de explicação naturalista para o acontecimento: “O homem não estava realmente morto, mas em coma. Ele voltou à consciência com o baque, quando caiu no túmulo. Está certo, foi um milagre, mas não um que deva pôr à prova nossa capacidade de acreditar”.

No entanto, não resta dúvida alguma sobre a intenção do autor da história. O homem cujo cadáver foi jogado no túmulo de Eliseu não estava em coma nem bêbado ou num sono profundo – ele estava morto. Tenha em mente a natureza dos milagres na Bíblia: o milagre é redentor, e ele aponta para frente, para a restauração de todas as coisas. Nessa pequena história, temos um vislumbre do que a redenção vai finalmente significar – vitória sobre a morte e restauração para a vida. É uma pequena vinheta de um dia quando a própria morte será destruída, um vislumbre de uma cidade onde “já não haverá luto, nem pranto” (Ap 21.4).

É apropriado que as últimas duas histórias de Eliseu relatem seu papel na destruição dos dois maiores inimigos – o grande inimigo nacional naquele momento, a Síria (2Rs 13.10-19), e o grande inimigo pessoal de todos, a morte (vs. 20-21). A derrota do grande inimigo nacional foi uma antecipação da renovação do país durante o reinado de Jeroboão II (14.25). Do mesmo modo, a vitória sobre a morte foi um prenúncio de uma vitória ainda maior sobre a sepultura.

Ezequiel estava pregando para a mesma comunidade de exilados para quem o livro dos Reis fora escrito, e ele combinou ambas as imagens. Ele descreveu a vitória sobre outro grande inimigo nacional e a renovação da nação como uma restauração de morte para a vida (Ez 37.1-14). A respiração e o espírito de Deus, infundidos em ossos secos, foi simbólica da restauração do povo de Deus para a herança que ele havia prometido.

Foi muitos séculos depois desses acontecimentos e da escrita do livro dos Reis que, mais uma vez, Israel enfrentou um grande inimigo nacional. Jerusalém novamente sofreu o julgamento divino e foi destruída por um poder estrangeiro – Roma (70 d.C.). Algumas décadas antes, um

profeta, um homem que encarnou o Israel fiel e guardou a lei de Deus perfeitamente, sofreu o julgamento divino pelo pecado. Ele morreu e foi exilado de seu pai celestial (M. 27.46); porém, em seguida, ele experimentou a vitória sobre a morte e a restauração para a vida, como o fundador de um novo Israel, um novo povo de Deus, a igreja. Assim como nos dias de Eliseu e nos dias de Ezequiel, a vida nova para a nação começaria onde havia somente morte e derrota. Na nova aliança, a vida para a comunidade flui da ressurreição de Jesus, da destruição que ele causou no último e maior inimigo.

Esse milagre foi o selo de aprovação do próprio Deus do ministério de Eliseu. No tempo certo, alguém maior do que Eliseu viria, e Deus mostraria a sua aprovação dele declarando com poder ser ele o filho de Deus, pela sua ressurreição dentre os mortos (Rm 1.4). Outras pessoas nas histórias de Elias e Eliseu conheceram a restauração para a vida por meio da identificação dos profetas com eles na morte (1Rs 17.19-21; 2Rs 4.34-37). Não é de admirar que na hora em que o Filho de Deus morreu, “abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram” (Mt 27.52).

É triste que muitos interpretem mal essa passagem, e como resultado mergulhem em confusão. Talvez mais do que qualquer outra passagem bíblica, esse relato é responsável por grande parte da prática Católica Romana de venerar as relíquias dos santos. É como se os ossos e os outros fragmentos e detritos da vida deles tivessem algum poder mágico inerente. Porém, não se engane: não foi o cadáver de Eliseu que trouxe esse homem de volta à vida; foi a ordem do Deus vivo. Não foi mágica, mas o poder e a graça maravilhosa de Deus, que tanto dá como tira a vida.

Para reflexão adicional

1. Esse episódio trata de morte – não apenas da morte de Eliseu, mas a morte de um homem anônimo. A morte nos aterroriza. Que lição sobre a relação de Deus com a morte você pode aprender dessa história?
2. Muitos de nós passamos a vida de maneira quase que em coma, com medo do fracasso, desaprovação, danos e morte. O que essa história nos diz sobre os nossos medos?

3. O selo de aprovação de Deus para a vida de Eliseu foi que até mesmo depois de morto ele conseguiu dar vida a um homem anônimo. O selo da aprovação de Deus para o maior sucessor de Eliseu foi semelhante: Jesus “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4). A ressurreição do corpo não é apenas uma especulação teológica ociosa. É sobre o seu corpo, o qual, não importa quanto tempo passe no túmulo, um dia será restaurado para a vida. O que significa ter esse Jesus com seu toque vivificante tocando a sua vida?
4. A esperança da ressurreição não é apenas uma vaga esperança para o futuro. Ela tem consequências para a nossa vida hoje. Porque somos ressuscitados com Cristo, nosso coração está voltado para as coisas lá do alto. Como é que esse conhecimento de sua ressurreição afeta a maneira como você vive hoje?
5. Nessa história, os ossos de Eliseu parecem ter algum tipo de poder milagroso de cura. Onde está o poder real na história?

NOTAS

Capítulo 1

1. “Javé” é a pronúncia mais provável do nome de Deus. Na antiga tradição cristã, o nome era frequentemente pronunciado como “Jeová”, embora essa pronúncia nunca tenha sido usada durante o período bíblico original. A maioria dos tradutores da Bíblia representa esse nome como “SENHOR”.
2. Veja D. G. Bostock, “Jesus as the New Elisha” *Expository Times* 92 (1980): 39-41, e T. L. Brodie, “Jesus as the New Elisha: Cracking the Code”, *Expository Times* 93 (1981): 39-42.

Capítulo 2

1. I Aqht, I.42-46; cf. L. Bronner, *The Stories of Elijah and Eliha* (Leiden: Brill, 1968), 68.
2. C. H. Gordon, *Ugaritic Textbook* (Roma: Pontifical Biblical Institute, 1965), texto 67, V:6-8.
3. Gordon, *Ugaritic Textbook*, texto 49, III:4-9; cf. Bronner, *The Stories of Elijah and Elisha*, 71.

Capítulo 4

1. As três palavras em hebraico traduzidas “um cicio tranquilo e suave” em 1Reis 19.12 ocorrem juntas somente aqui. Elas têm sido objeto de muito debate. Muitos estudiosos propõem um significado quase oposto e traduzem “uma voz atrojadora e estrondosa”. Nessa abordagem, Deus se revela como fez no Sinai, incluindo o som alto e aterrorizante de sua voz (Êx 19.16, 19). Veja J. Lust, “A Gentle Breeze or a Roaring Thunderous Sound?” *Vetus Testamentum* 25 (1975): 110-15.
2. Para uma discussão mais completa sobre essas passagens, veja R. Dillard, “Joel” em *The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary*, org. Thomas E. McComiskey (Grand Rapids: Baker, 1992).
3. S. DeVries, *1 Kings*, Word Biblical Commentary (Waco, Tex.: Word, 1985), 240.
4. Com frequência, Jesus fazia uso de fortes hipérboles para dizer o que queria. Comparar Mateus 5.29-30; 19.24. O Jesus que se importou com sua própria mãe ao pé da cruz (Jo 19.25-27) não está impelindo seus discípulos a ignorarem o mandamento “Honra teu pai e tua mãe” (Êx 20.12). A questão é que, uma vez que ele é maior que Elias, suas

exigências de maior devoção são legítimas. O cristianismo não é uma fé cruel, mas compromisso com Cristo certamente implicará algum sacrifício.

Capítulo 6

1. Veja T. Longman III e D. Reid, *God Is a Warrior* (Grand Rapids: Zondervan, 1995).
2. Para mais informações, consulte D. B. Allender e T. Longman III, *Bold Love* (Colorado Springs: NavPress, 1992).
3. Veja o capítulo 1, “Os cristãos e o Antigo Testamento”, particularmente a última seção no capítulo, “3. *Interpretações bíblicas posteriores*”.
4. Veja L. Bronner, *The Stories of Elijah and Elisha* (Leiden: Brill, 1968), 127-33.

Capítulo 7

1. A situação pode mudar de uma hora para outra. Veja 2 Reis 8.1-6.

Capítulo 8

1. É importante observar que a doença chamada “lepra” na maioria das versões da Bíblia na nossa língua não é o mesmo que a hanseníase, que é como chamamos hoje a lepra. “Lepra” no período bíblico era mais provavelmente uma doença da pele causada por fungo; seus sintomas se assemelhavam aos da psoríase. Aqueles que estão interessados em saber mais sobre este tema devem ler S. G. Browne, *Leprosy in the Bible* (Londres: Christian Medical Society, 1970), ou E. V. Hulse, “The Nature of Biblical ‘Leprosy’ and the Use of Alternative Medical Terms in Modern Translations of the Bible”, *Palestinian Exploration Quarterly* 107 (1975): 87-105.

Capítulo 9

1. Ver página 85, acima.
2. Essa expressão é comumente traduzida como “Deus forte”. No hebraico, literalmente significa “Deus de um guerreiro” (*‘el gibbor*), uma construção em que o segundo substantivo é muitas vezes adjetivo do primeiro. As outras expressões em Isaías 9.6 também são semelhantes em estrutura: “maravilha de um conselheiro”, “príncipe de paz”, “Pai da existência incessante”.
3. Ver capítulo 1, a seção final, “3. *Interpretações bíblicas posteriores*”.

Capítulo 11

1. Uma discussão sobre essas representações e descrições semelhantes pode ser encontrada em B. Couroyer, “A propos de II Rois XIII, 14-19”, *Studium Biblicum Franciscanum* 30 (1980): 177-96.

Fé em face da **APOSTASIA**

O EVANGELHO SEGUNDO ELIAS E ELISEU

RAYMOND B. DILLARD

Este livro tem a intenção de nutrir a fé e estimular a adoração e pode ser utilizado das seguintes maneiras:

- Como guia para leitura devocional. Cada capítulo é relativamente curto, para ser lido com as passagens bíblicas como parte da adoração pessoal.
- Como texto para um pequeno grupo de estudo da Bíblia. Cada capítulo termina com perguntas para incentivar a reflexão e a discussão.
- Como ajuda para a preparação de sermões. O Antigo Testamento é rico e emocionante. Exemplos para a aplicação em nossos dias são intercalados ao longo de cada seção.

O Dr. **Raymond B. Dillard** (PhD) foi professor de linguagem e literatura do Antigo Testamento no Westminster Theological Seminary.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

www.editoraculturacrista.com.br

Estudo bíblico
Cristo no AT
Vida cristã

ISBN: 978-85-7622-388-7

